
EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO

ERRÂNCIAS E ERRANTES:

**Um estudo sobre a mobilidade do sujeito e o uso de bebidas
alcoólicas na contemporaneidade.**

**ASSIS, SP
2004**

EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO

ERRÂNCIAS E ERRANTES:

**um estudo sobre a mobilidade do sujeito e o uso de bebidas
alcoólicas na contemporaneidade.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. José Sterza Justo.

**ASSIS, SP
2004**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

N244e Nascimento, Eurípedes Costa do
Errâncias e errantes: um estudo sobre a mobilidade do
sujeito e o uso de bebidas alcoólicas na contemporaneidade /
Eurípedes Costa do Nascimento. Assis, 2004
160 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Alcoolismo. 2. Isolamento social. 3. Psicologia social
4. Migração. 5. Individualismo. I. Título.

CDD 301.1
616.861

EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO

ERRÂNCIAS E ERRANTES:

**Um estudo sobre os espaços do sujeito e o uso de bebidas alcoólicas
na pós-modernidade.**

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientador: Dr. José Sterza Justo – UNESP/Assis

2º Examinador: _____

3º Examinador: _____

Assis, ____ de _____ de 2004.

Dedicatória

À Evania Nascimento pela tolerância,
companheirismo, amor e solidariedade.

Agradecimentos

Aos trecheiros que participaram desta pesquisa e que seguem suas jornadas pela longa estrada da vida;

Ao Centro de Triagem e Encaminhamento Migrante da cidade de Assis/SP pela concessão e apoio na coleta dos dados, em especial para Rosana, Menezes e Simões;

Ao meu pai Antonio Saturnino do Nascimento (in memoriam) pela formação do meu caráter;

À minha mãe Aparecida Costa do Nascimento (in memoriam) pela bravura destemida, empenho, dedicação e referência plena de vida;

Ao casal Júlio César Carregari/Luciana pelo abrigo e pela inesquecível fraternidade nos momentos difíceis da etapa inicial desta dissertação;

A José Sterza Justo pela amizade e camaradagem de longas datas que, além de orientador, é um dos responsáveis pela minha inserção nas trilhas da pesquisa;

À Sonia Aparecida Moreira França pelas inigualáveis discussões foulcaultianas que me proporcionaram bom aprendizado;

Aos professores Luiz Carlos da Rocha e Soráia Georgina de Paiva Cruz pelas importantes sugestões apresentadas no exame de qualificação;

À CAPES pelo patrocínio e apoio financeiro desta pesquisa.

RESUMO

NASCIMENTO, E. C. Errâncias e Errantes: um estudo sobre a mobilidade do sujeito e o uso de bebidas alcoólicas na contemporaneidade. 2004, 160 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

O consumo de álcool tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo e suas causas parecem estar associadas a diversos fatores, dentre eles, a cultura. Articulados com a errância e impulsionado por motivos sócio-econômicos ou mesmo por razões pessoais, traz consigo profundas modificações no plano psicossocial. Considerando a especificidade dessa população, seu modo peculiar de vida na condição da errância, essa pesquisa teve por objetivos investigar as razões que levam esses sujeitos à ruptura com a vida sedentária e o papel que a bebida alcoólica exerce nesse processo de desfiliação. Foram tomados como sujeitos, 16 trecheiros do sexo masculino que fazem uso, assumidamente, de bebidas alcoólicas. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas gravadas com roteiro estruturado no Centro de Triagem e Encaminhamento Migrante da cidade de Assis, S.P., abordando os motivos para a errância, o uso do álcool ao longo da vida, as relações familiares e perspectivas futuras no modo de vida itinerante. As entrevistas foram submetidas, posteriormente, a uma análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que o momento da ruptura com a vida sedentária e a iniciação no trecho, é marcado por algum incidente no núcleo familiar do sujeito, tais como: o desemprego, a violência familiar, a busca de liberdade, além dos desentendimentos conjugais presentes como um dos fatores cruciais para a desfiliação. O uso do álcool, associado à pobreza, inicia-se na infância, estimulado pelos próprios pais ou amigos e atua como um dos principais elementos presentes nos conflitos domésticos e na desfiliação do sujeito para a errância. No trecho ele é atribuído pelos próprios sujeitos à necessidade de criar coragem, esquecer problemas do passado e apaziguar conflitos remanescentes, em geral, conflitos afetivos que possuem, como epicentro, a infidelidade conjugal. Os resultados permitem concluir que parece haver uma estreita vinculação entre a errância e a cultura do narcisismo, pois, ambas apresentam a individualidade como marca registrada do sujeito no mundo. No caso da cultura do narcisismo, trata-se de uma individualidade positiva porque o sujeito se apresenta como um ser absolutamente vitorioso no espaço social onde os apetrechos e as insígnias dão status e garantias sociais. No caso da errância, trata-se de uma individualidade negativa porque o sujeito se apresenta como um ser completamente despossuído de bens que lhes assegurem, no mínimo, o pertencimento a uma coletividade social.

Palavras-chaves: Alcoolismo, Isolamento Social, Psicologia Social, Migração, Individualismo.

ABSTRACT

NASCIMENTO, E. C. *Wandering and Wanderers: a study about the mobility of the individual and the use of alcoholic beverage in the contemporary society.* 2004, 160 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

The alcohol consumption has been one of the biggest concerns of the public health in the world and its causes seem to be associated to the diverse factors, among them, the culture. Articulated with the wandering and stimulated by the economical and social reasons or same for personal reasons, it brings deep modifications in the psychosocial plan. Considering, specifically, this population and its peculiar way of life in the condition of the wandering, this research had for objectives to investigate the reasons that take these subjects to the rupture with the sedentary life and the paper that the alcoholic beverage exerts in this disaffiliation process. Had been taken as subjects, 16 wanderers that make use, affirmatively, of alcoholic beverages. The collection of data was accomplished through the recorded interviews with script structuralized in the Center of Selection and Migrant Guiding of the city of Assis, São Paulo state (Brazil), approaching the reasons for the wandering, the use of alcohol along the life, the familiar relations and future perspectives in the way of itinerant life. The interviews had been submitted, afterwards, to a content analysis. The results had demonstrated that the moment of the rupture with the sedentary life and the initiation in the highway, is marked by some incident in the familiar nucleus of the subject, such as: the unemployment, the familiar violence, the search of freedom, beyond the marital misunderstandings presents as one of the crucial factors for the disaffiliation. The use of the alcohol, associated to the poverty, initiates in childhood, stimulated for the proper parents or friends and acts as one of the main elements in the domestic conflicts and disaffiliation of the individual to the wandering. In the highway, the use of the alcohol is attributed by the wanderers to the necessity of getting courage, forgetting problems of the past and to pacify remaining conflicts, in general, affective conflicts that had the marital infidelity as epicenter. The results allow concluding that seem to have a narrow relation between the wandering and the culture of the narcissism because both present the individuality as an individual's registered mark in the world. In the case of the culture of the narcissism, it's a positive individuality because the individual presents himself as an absolutely victorious being in the social space where the utensils and the emblem give to status and social guarantees. In the case of the wandering, it's a negative individuality because the individual presents himself as a being completely dispossessed of goods that assure to him, at least, the belonging to a social collectivity.

Key words: Alcoholism, Social Isolation, Social Psychology, Migration, Individualism.

SUMÁRIO

PARTE I

1. Revisão da Literatura

<i>1.1 Introdução</i>	<i>01</i>
<i>1.2 As relações sociais do indivíduo na contemporaneidade</i>	<i>03</i>
<i>1.3 A errância e os espaços do sujeito</i>	<i>14</i>
<i>1.4. Considerações sobre o uso de álcool</i>	<i>24</i>
2. Justificativa	42
3. Objetivos	44

PARTE II

4. Método	45
<i>4.1 Pesquisa Qualitativa</i>	<i>45</i>
<i>4.2 Participantes</i>	<i>48</i>
<i>4.3 Local da Pesquisa</i>	<i>48</i>
<i>4.4 Instrumentos</i>	<i>49</i>
<i>4.5 Aspectos Éticos</i>	<i>51</i>
<i>4.6 Procedimentos</i>	<i>51</i>

PARTE III

5. Resultados e Discussão	53
<i>5.1 Aspectos gerais</i>	<i>53</i>
<i>5.2 Aspectos Qualitativos</i>	<i>61</i>
<i>5.3 Categorias de Análise</i>	<i>62</i>
<i>A. Motivos para a desfiliação</i>	<i>62</i>
<i>B. Estilos de vida</i>	<i>72</i>
<i>C. Eventos marcantes na estrada</i>	<i>79</i>
<i>D. Modos de sobrevivência na estrada</i>	<i>85</i>
<i>E. Vínculos familiares</i>	<i>91</i>
<i>F. Início do uso do álcool</i>	<i>97</i>
<i>G. Motivos do uso do álcool na estrada</i>	<i>104</i>
<i>H. O álcool no cotidiano da estrada</i>	<i>113</i>
<i>I. Perspectivas de Vida</i>	<i>121</i>

PARTE IV

6. Considerações Finais	132
--------------------------------------	------------

PARTE V

7. Referências Bibliográficas	137
--	------------

PARTE VI

8. Anexos	143
------------------------	------------

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Introdução

A vida moderna exige, fundamentalmente, uma movimentação constante dos indivíduos em todos os planos de vida. O ritmo frenético do mundo atual impõe uma constante movimentação onde as pessoas já não podem se fixar e criar raízes de qualquer natureza seja nos espaços físico, psicológico, afetivo, histórico ou de qualquer outra natureza. O culto ao movimento da sociedade e o fenômeno da globalização expandem fronteiras do macro-universo das relações internacionais e no micro-universo do cotidiano do sujeito, rompendo limites e espaços sedimentados e estabilizados.

As transformações ocorridas no plano social, político e econômico nos últimos anos, a hegemonia do neoliberalismo, a flexibilização do trabalho, a substituição da sociedade industrial pela de serviços e o desemprego, têm mudado profundamente as relações do sujeito no mundo. Conseqüentemente, as condições de realização pessoal vão se tornando limitadas para alguns indivíduos devido ao avanço tecnológico que os obriga a se especializarem cada vez mais, criando, inclusive, possibilidades de “exclusão” ou *desfiliação*¹ naqueles sujeitos incapacitados de se adaptarem às exigências dessa nova ordem social.

¹ Preferencialmente, o termo “desfiliação” (*do francês desaffilié*) será utilizado nesse trabalho por uma opção teórica e semântica. Embora não tenha uma tradução em língua portuguesa, por se tratar de um neologismo em língua francesa, este termo se refere a um desligamento, a uma desafiliação, desqualificação com as estruturas sociais (jamais um rompimento). Esse termo vem sendo empregado nos atuais estudos sobre populações marginais, ao passo que “exclusão” define por si mesmo, uma ausência completa e um rompimento definitivo de relação com o social o que não acreditamos ser necessariamente verdadeiro.

Nesse contexto, a desfiliação social se coloca, basicamente, a partir da produção e desenvolvimento da competitividade e expansão concomitante do individualismo que parece propiciar o aumento da vulnerabilidade relacional que se opera no mundo do trabalho, desestabilizando a vida social de uma camada menos favorecida economicamente, fato este, vivenciado radicalmente pelos andarilhos de estrada (sujeitos desfiliados social e psicologicamente). Nessas circunstâncias, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas parece se apresentar como uma das possibilidades que esses indivíduos encontram para apaziguar sentimentos de mal-estar suscitados, fundamentalmente, pelas desigualdades e injustiças ocasionadas na estrutura social (Nascimento & Justo, 2000; Birman, 2000).

Para que possamos vislumbrar os efeitos dramáticos dessas transformações para o sujeito errante associados ao consumo de álcool, torna-se necessário, preliminarmente, considerarmos como se delimita os espaços do indivíduo no cenário social contemporâneo a partir de dois pólos de análise demarcados por Castel (1994; 1998): o *individualismo positivo*, centrado no indivíduo conquistador - ávido por reconhecimento e status social - e o *individualismo negativo*, caracterizado pelo indivíduo desfiliado - sem vínculos sociais - e representado pela figura-limite dos andarilhos de estrada.

1.2. As relações sociais do indivíduo na contemporaneidade

As raízes do sujeito moderno - competitivo, auto-suficiente, dono-de-si – estão fincadas no surgimento da burguesia, classe composta por grandes comerciantes que monopolizavam completamente o governo das cidades nos séculos XVI e XVII. Nesse período, as cidades passam a adquirir um caráter fundamentalmente econômico e o homem passa a valer não por quem é, mas pelo que possui. Kalina e Kovadloff (1999) comentam que nessa época “(...) a profissão passa a definir a essência da pessoa. O cidadão é agora, e antes de tudo, o homem ativamente integrado ao processo produtivo. A atividade profissional consolida-se ainda mais como fator condicionante das possibilidades de realização pessoal” (p.110-111).

Entretanto, as questões cruciais para o indivíduo se apresentam a partir da irradiação do capitalismo na cultura ocidental do século XVIII. A configuração do capitalismo nesse período com a crescente industrialização e os avanços científico e tecnológico mudou não apenas os modos de produção existentes, como também, os processos de subjetivação do homem contemporâneo. Com a instituição do capitalismo, surge o indivíduo como uma unidade mínima e celular do ser humano, encerrado em si mesmo e distanciado do outro, do coletivo por estar inserido numa cultura que incentiva, crescentemente, a competitividade, o individualismo e o egoísmo, desestruturando os referenciais de sua integridade e estabilidade psicossocial fazendo-os desmoronarem ou “desmancharem-se no ar”.

Nesse sentido, Berman (1986) comenta que as transformações dos valores, a inconsistência dos processos de identificação, a instabilidade, as dissociações dos espaços público e privado acabaram provocando profundas modificações na

constituição e no desenvolvimento da identidade pessoal do sujeito na modernidade. Segundo o autor, o conceito de modernidade pode ser compreendido aqui como uma vida de paradoxo e contradição, pois, “(...) promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação... mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos... é uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia” (p. 15).

Entretanto, estas características são apresentadas por Bauman (1997) como uma condição tipicamente pós-moderna, pois, segundo o autor, estamos vivendo um ambiente completamente imprevisível, efêmero e mutável em que a incerteza e a insegurança permeiam o *habitat* social tornando-o, incontrolável e corrosivo e impulsionando o ser humano ao sentimento de mal-estar e de incredulidade quanto ao futuro. Assim,

A imagem do mundo diariamente gerada pelas preocupações da vida atual é destituída da genuína ou suposta solidez e continuidade que costumavam ser a marca registrada das ‘estruturas’ modernas. O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e erros da maneira de viver. (Bauman, 1997; p. 32).

Lyotard (1996), em sua descrição sobre “a condição pós-moderna”, mostra que o principal fracasso da modernidade foi tentar reduzir a totalidade da vida a disciplinas especializadas, a sistemas universalizantes-excludentes, autoritários,

produzindo um certo desencanto do indivíduo com o mundo. Deste modo, a pós-modernidade é compreendida por Lyotard (1996) como a expressão de uma crise da inquietude frente a um modelo de racionalidade caracterizado pela valorização do fragmentário, provisório e volátil em que a sofisticação tecnológica se expressa de maneira artificiosa e refinadamente complexa.

Portanto, seja qual for o nome dado à sociedade contemporânea – modernismo, alta-modernidade, pós-modernidade, sociedade pós-industrial, sociedade de controle - o fato é que estamos numa época em que a flexibilidade, a pluralidade, a expansão do tempo e do espaço, a realidade virtual, a exigência de movimentação e a incerteza povoam sobejamente o cotidiano do sujeito. O ser humano parece viver hoje uma condição de desenraizamento sem precedentes que o torna um sujeito circulante, em movimento, seja no espaço geográfico ou no social e psicológico.

O reflexo dessas transformações no plano sócio-psicológico², segundo Ehrenberg (1991), é o surgimento de uma *sociedade de indivíduos* em que a norma é a “eleição de si mesmo” frente às concorrências que se apresentam para o sujeito no mundo, pois, é ele próprio quem precisa criar condições para sua visibilidade no cenário social. Deste modo, é o “investimento de si mesmo” que determina as novas relações do indivíduo com o meio social num verdadeiro *culto da performance* onde o que importa é a realização pessoal “em nome de si mesmo”, mediante um autêntico processo de individualização.

² Parte das reflexões desenvolvidas, a seguir, sobre o indivíduo e sua performance narcisista foram publicadas pelo autor na Revista Psico da PUCRS. Cf. Nascimento, E. C. Pós-modernidade: um estudo sobre os espaços do sujeito, a errância e suas relações com o social. **Psico**, 34, n. 1, p. 109-121, 2003.

Birman (2000) comenta que as transformações sociais mais recentes inverteram os modelos de referência subjetiva do sujeito que no início do século XX, com a psicanálise freudiana e o marxismo, eram centralizados na ordem do desejo. Deste modo, pela metáfora do desejo, o sujeito poderia “(...) transformar a si mesmo e ao mundo... de maneira a poder reinventar a si mesmo e a ordem social... Foi justamente essa crença que se perdeu na pós-modernidade” (p. 82-84). Assim, a construção da subjetividade passou da ordem do desejo para uma “(...) modalidade de pensamento fundada, exclusivamente, na exaltação da individualidade” (p.85).

Deste modo, o indivíduo atual é um *indivíduo conquistador*, cujo principal dispositivo social e subjetivo é a “referência a si” como critério fundamental pela preservação da própria sobrevivência (Ehrenberg, 1991). Nesse sentido, o *indivíduo conquistador* é o único responsável por suas ações no terreno social, pois, cabe a ele administrar sua própria existência e tornar visível sua identidade singularizada. Conforme Ehrenberg (1991), “(...) nós somos de agora em diante, intimados a nos tornar os empresários de nossa própria vida... Cada indivíduo deve, então, se inventar a si mesmo no presente, singularizando-se por sua ação pessoal” (p.16-17). Portanto,

Não basta mais saber trabalhar, é preciso saber, tanto quanto, vender e se vender. Assim, os indivíduos são levados a definir, eles próprios, sua identidade profissional e a fazer com que seja reconhecida numa interação que mobiliza tanto um capital pessoal quanto uma competência técnica geral. (Castel, 1998; p. 601).

A sociedade individualista também pode ser caracterizada pelos conceitos de *cultura do narcisismo* (Lasch, 1983) e *sociedade do espetáculo* (Debord, 1991). Em ambos os conceitos, a sociedade estaria centrada no eu da individualidade auto-referente na qual a exigência de espetáculo e encenação de si mesmo é a garantia de visibilidade do sujeito no espaço social. De acordo com Birman (2000), esses conceitos “(...) construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo” (p. 85). Desta forma, o lugar conferido ao desejo se desmorona diante dos enaltecimentos narcísicos do eu, na demanda de autocentramento, levando possivelmente às crises de identidade, às crises situacionais dentro do contexto geral de vivência do homem, tanto no espaço privado (família), como no espaço público (sociedade). Assim,

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens... é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a *negação* visível da vida; como a negação da vida que *se tornou visível*. (Debord, 1991; p. 14-16 – grifado no original).

Deste modo, é a performance narcisista que parece interessar na sociedade do espetáculo em que o jogo de imagens e o *marketing* pessoal do indivíduo precisam ganhar espaço na teatralidade social e sobressair com sucesso em qualquer circunstância. Assume, nesse caso, um caráter eminentemente maquiado no sentido da busca pela grandeza de admiração dos outros onde os afetos e as relações de

intimidade se configuram em segundo plano, sem muita importância. Conforme Lasch (1983),

(...) o sucesso aparece como um fim em si mesmo... as aparências – as ‘imagens de vitória’ – contam mais que o desempenho, a atribuição mais do que a realização... Nada faz mais sucesso do que a aparência de sucesso... Hoje em dia, os homens buscam o tipo de aprovação que aplaude não suas ações, mas seus atributos pessoais. Desejam não tanto ser estimados, mas sim admirados. Desejam não a fama, mas o fascínio e a excitação da celebridade. Querem antes ser invejados que admirados. (p. 86-87).

Portanto, numa sociedade caracterizada pela individualidade, o que importa é a própria expansão, valorização e inflação do eu do indivíduo na teatralidade do mundo, ou seja, a busca crescente de reconhecimento através da *estetização da existência* - aqui entendida como a encenação de si e não como invenção de si - que toma volume como estilo existencial do sujeito e determina como o indivíduo deve se apresentar no espaço social para alcançar sucesso e reconhecimento (Lasch, 1983; Debord, 1991; Birman, 2000).

Calligaris (1999), ao analisar as fundações do sujeito colonial, apresenta considerações semelhantes dos autores acima ao assinalar como o luxo, nas diferentes épocas, se transformou do reino da necessidade para determinar o grau de coesão e diferença social na modernidade. Conforme o autor, nas sociedades tradicionais o luxo, como bem supérfluo, nunca decidiu as classes e nem era constitutivo de superioridade, apenas um atributo das castas superiores que regulavam a organização social. Com o advento da modernidade, rompe-se com a tradição das leis suntuárias e o acesso ao luxo é quem decide a classe e o

posicionamento social do sujeito. Deste modo, o autor acrescenta que o lugar social de cada um,

(...) passa a ser decidido pelo reconhecimento que ele obtém dos outros e os objetos de desejos passam a valer como meios para conseguir um lugar ao sol... Qualquer bem é, portanto um luxo, pois serve do funcionamento da diferença social, mais do que à simples satisfação da necessidade... Minhas posses me distinguem tanto quanto meus atos. (Calligaris, 1999; p. 14-17).

Deste modo, as inter-relações pessoais e o reconhecimento da diferença e singularidade do outro (*alteridade*) são colocadas em segundo plano na *sociedade do espetáculo*, pois, o que interessa para o próprio indivíduo é a exaltação narcísica do eu e o engrandecimento de si mesmo em qualquer circunstância. De acordo com Birman (2000), “(...) o outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetos quando não mais servir para essa função abjeta” (p.25). Podemos verificar aqui, segundo o autor, uma espécie de manipulação do corpo do outro como técnica de existência para a individualidade, pois, para o sujeito não importam mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica.

Contudo, esse processo de individualização na sociedade moderna apresenta efeitos contrastantes, pois, se por um lado reforça o *individualismo positivo* onde o sujeito se apresenta com necessidade de investir em si mesmo para conquistar reconhecimento e *status* social, por outro, dá origem a um *individualismo negativo* constituído pelo enfraquecimento da possibilidade de ascensão social de uma camada menos favorecida economicamente, como nos casos extremados dos mendigos, moradores de rua e os andarilhos de estrada (Castel, 1998).

Segundo Ehrenberg (1995), esses contrastes da sociedade individualista têm dado margem ao aparecimento de um *indivíduo incerto* que se utiliza das “técnicas de si” para conjurar os riscos de sua existência. Conforme o autor, as “técnicas de si” multiplicam as capacidades de ação do próprio indivíduo, construindo para ele uma “sensação de si”, ou seja, um apoio ou referência diante das múltiplas solicitações que lhe são feitas suscitadas por estilos de relacionamento sociais hoje predominantes. Portanto, as “técnicas de construção de si” são um dispositivo social e subjetivo que possibilita ao indivíduo o equilíbrio necessário frente às incertezas e inseguranças no cenário social. Trata-se, enfim, de uma espécie de *homeostasis* subjetiva que regula o *modus operandi* do sujeito no mundo.

O reflexo dessa situação parece impulsionar esses indivíduos pouco qualificados profissionalmente e sem condições de investirem em si mesmos para uma *zona de desfiliação social* por não suportarem as condições impostas pela economia de mercado (Castel, 1994; 1998). Segundo o autor, isso resulta na precarização do (des)emprego na atual dinâmica da modernização e possibilita a cristalização de uma *sociedade de supranumerários*, ou seja, trabalhadores sem trabalho e inúteis para o mundo que não conseguiram se integrarem como pertencimento a uma sociedade que forma um todo de elementos interdependentes. Nas palavras do próprio autor:

Ocupam, na estrutura social atual, uma posição homóloga à do quarto mundo no apogeu da sociedade industrial: não estão ligados aos circuitos de trocas produtivas, perderam o trem da modernidade e permanecem na plataforma com muito pouca bagagem... Dificilmente podem ser considerados

pelo que são, pois sua qualificação é negativa... (Castel, 1998; p.530).

Segundo Castel (1994; 1998) essa questão pode ser analisada, ainda, a partir de dois eixos relacionais: o *eixo da relação de trabalho* (que vai da preservação do emprego estável à ausência completa de trabalho) e o *eixo da inserção relacional* (a inscrição nas redes sólidas de sociabilidade sócio-familiar e o isolamento social total). Sob esses dois eixos se circunscrevem diferentes “zonas” no espaço social, de acordo com o grau de coesão que elas asseguram: a zona de integração, a zona de vulnerabilidade e a zona de desfiliação.

Esquemmatizando: estar dentro da *zona de integração* significa que se dispõem de garantias de um trabalho permanente e que se pode mobilizar suportes relacionais sólidos; a *zona de vulnerabilidade* associa precariedade do trabalho e fragilidade relacional; a *zona de desfiliação* conjuga ausência de trabalho e isolamento social. (Castel, 1994; p. 30 – grifado no original).

Portanto, a precarização do emprego é um processo central comandado pelas novas exigências tecnológico-econômicas da evolução do capitalismo moderno, resultando, inclusive, na desestabilização dos estáveis, ou seja, aqueles indivíduos que estão dentro de uma zona de integração, mas que podem perder esse *status* a qualquer momento caso não consigam conectar-se ou adaptar-se às flutuações da demanda social (Castel, 1994; 1998).

Deste modo, se aquele indivíduo que estiver inserido na *zona de integração* não possuir condições de “se investir em si mesmo” e criar, incessantemente, seu

código de visibilidade social, provavelmente cairá para a *zona de vulnerabilidade* e, conseqüentemente, para a *zona de desfiliação*, pois na atual dinâmica da sociedade parece que “(...) a zona de integração se fratura, a zona de vulnerabilidade está em expansão e alimenta continuamente a zona de desfiliação...” (p. 34). O resultado desse processo de “desfiliação” parece desenvolver, conforme salientado, um *individualismo negativo* porque o sujeito sem dispositivos econômicos e condições pessoais é “convidado” a se retirar do terreno social contra sua própria vontade devido a sua pouca qualificação profissional e “(...) se declina em termos de falta - falta de seguridade, falta de bens garantidos e de vínculos estáveis” (Castel, 1998; p. 598).

Nesse ponto, tanto o *individualismo positivo*, como o *individualismo negativo*, parece não prover garantias concretas quanto a um projeto futuro. Os reflexos dessa situação incidem de forma avassaladora sobre a subjetividade, gerando, alguns indivíduos, certa instabilidade sócio-afetiva, pois, “(...) da liberdade conhecem, sobretudo a falta de vínculos e, da autonomia, a ausência de suportes” (Castel, 1998; p. 598). Nesse sentido, que alternativas o sujeito, enquanto ser no mundo, dispõe para enfrentar as adversidades sociais e que refletem em suas vivências afetivas e familiares, gerando um ciclo vicioso que parece condicioná-lo a desfiliação e à perda de referências?

Segundo Ehrenberg (1995), um dos recursos disponíveis mais utilizados pelos sujeitos nessas condições é o acesso às drogas, lícitas ou não, na busca de sensações para fazer face ao sentimento de existir e de ser reconhecido pelo outro, mesmo que temporariamente. Nesse caso, as drogas (na qual, incluem o uso do álcool) servem, ainda, “(...) para mitigar as desesperanças das individualidades, para apaziguar as

angústias e as tristezas daquelas no desamparo provocado pelo mal-estar na atualidade” (Birman, 2000; p. 239).

Assim, o crescimento da vulnerabilidade social, a desfiliação, a segregação e a pobreza parecem são expressões de uma política neoliberal expandida pela economia globalizada que causa, em última instância, a precarização das relações de trabalho, cuja consequência direta é a desestruturação do emprego e o surgimento de uma classe cada vez maior de miseráveis e, por vezes, a viagem ao alcoolismo e às toxicomanias, a venda do próprio corpo, o tráfico de drogas, a desfiliação social e a busca de alternativas de sobrevivência que surpreendem a própria capacidade de entendimento do ser humano.

1.3. A errância e os espaços do sujeito

Partindo das considerações apresentadas no tópico anterior, poderíamos dizer que um dos exemplos mais radicais desse *individualismo negativo*, presente na sociedade contemporânea, pode ser verificado no fenômeno da *errância* que conjuga a precariedade sócio-econômica do sujeito e, também, a precariedade sócio-afetiva, principalmente no núcleo familiar originário. Segundo Justo (1998), a questão da errância na contemporaneidade perpassa por um complexo conjunto de fatores e apresenta suas várias facetas no caso dos andarilhos de estrada, sujeitos vitimizados por:

(...) todas as injunções que marcam essa condição de vida: a ruptura com os nichos de vida e referenciais estáveis para a pessoa (família e demais grupos de pertinência, trabalho, casa, bairro, etc.), a perambulação sem destino e incessante, a desfiliação de toda e qualquer malha da rede social, a pobreza extrema, a impossibilidade de estabelecimento de vínculos afetivos estáveis, a solidão, o desamparo e o desenraizamento completo de qualquer solo geográfico-social-psicológico. (p. 127).

Cabe ressaltar, aqui, que a população de errante, em nossa sociedade, pode ser classificada em três subgrupos distintos: os *itinerantes*, população que se encontra em trânsito e que migra de uma cidade à outra em busca de trabalho sem se deslocar a pé pelas estradas; os *trecheiros*, população que circula pelas rodovias, de cidade em cidade a pé, sobrevivendo de trabalhos temporários e de eventuais ajudas filantrópicas, os *andarilhos de estrada*, população que vive perambulando exclusivamente pelos acostamentos das estradas, sem destino, isolados e distantes de

qualquer contato com as redes de assistência social (Justo, 2002). Deliberadamente preferem o estilo de vida solitário, evitando o envolvimento interpessoal e suas viagens são caracterizadas, em parte, por variações sazonais e regionais na agricultura.

Snow e Anderson (1998) usam, também, uma outra terminologia para caracterizar o trecheiro, embora não apresentem diferenças acentuadas dos conceitos utilizados por Justo (2002). Na compreensão dos autores, *trecheiro* equivale ao “*vacilante*” que se encontrava na zona de vulnerabilidade e caiu para a zona de desfiliação devido à sua desqualificação profissional. Geralmente, evidenciam uma atitude muito mais tolerante com os pares e são mais abertos à interação, além de apresentarem, ainda, uma certa identidade com o passado recente por estarem num ritual de passagem entre a vida sedentária e a vida errante. Portanto, *os vacilantes*:

(...) são indivíduos que estão nesse estado de liminaridade ou ambigüidade de status. Estão num momento de virada crítico de suas vidas, com um pé no mundo domiciliado do passado, com o qual ainda se identificam e em relação ao qual sentem alguma continuidade, e um pé plantado na vida de rua. (Snow & Anderson, 1998; p. 97).

O fenômeno da *errância* parece diferir, ainda, de um outro subgrupo, semelhante aos citados acima, característicos das cidades: trata-se dos *cidadinos* ou *mendigos* e *moradores de rua* que, normalmente, perambulam pelas cidades e permanecem nelas por longos períodos. Geralmente reúnem-se em praças públicas e são mais gregários até pela condição de habitarem as cidades e compartilharem juntos, o uso de bebidas alcoólicas com maior frequência. Fundamentalmente, o que

difere os *citadinos* dos errantes de um modo geral é o caráter de permanência no espaço urbano, ao passo que tanto os *itinerantes*, os *trecheiros*, como os *andarilhos de estrada* sempre se encontram em movimento de um lugar a outro em busca de trabalho e submetendo, às vezes, à mendicância como modo de sobrevivência (Justo, 2002).

De acordo com Justo (1998) predomina na vida errante o estreitamento da sociabilidade e o enfraquecimento dos relacionamentos interpessoais. Apesar do isolamento social, parte dos *trecheiros* ainda mantem vínculos com os familiares e fomenta o sonho de retornar ao sedentarismo, conseguir moradia e emprego fixos, reconstituir famílias, etc. Outros, os *andarilhos de estrada*, pela renúncia total com a vida sedentária, distanciaram-se completamente de quaisquer vínculos interpessoais intermediados pelo trabalho, pelas demandas afetivo-emocionais e refugiaram-se no isolamento e na solidão.

Uma outra definição para o fenômeno da *errância* pode ser encontrada na tipologia dos *outsiders* proposta por Snow e Anderson (1998), pois esse termo se refere àqueles que se encontram à beira da marginalidade social e está relacionado:

(...) à condição de estar permanentemente e por imputação colocado fora das disposições estruturais de um dado sistema social, ou de estar situacional ou temporariamente excluído, ou de voluntariamente se excluir do comportamento de membros que têm status e função dentro daquele sistema... são pessoas para quem o passado e o futuro se aniquilam no presente... (p.101-102).

Entretanto, discordamos com a definição apresentada pelos autores acima no que se refere ao desejo de o sujeito “(...) voluntariamente se excluir do comportamento de membros que têm status e função dentro daquele sistema...”, pois, parece evidente que na cultura do narcisismo a necessidade de estar incluído e reconhecido na sociedade do espetáculo é o fulcro que impulsionam todos a sonharem com o pertencimento e prosperidade pessoal de maneira indubitável. Deste modo, o problema da “exclusão” tal como assinalam os autores acima, não pode ser compreendido aqui como um rompimento definitivo do sujeito com as estruturas sociais, pois, segundo Castel (1998),

(...) a exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo. Não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com o centro são mais ou menos distendidas... É do centro que parte a onda de choque que atravessa a estrutura social (p. 568-9).

Alguns fatores parecem contribuir para este fenômeno complexo na sociedade contemporânea e, dentre eles, poderíamos destacar os impactos macroeconômicos da globalização, a substituição do trabalho humano pelas sofisticadas maquinarias tecnológicas, o desemprego, desavença conjugal, vida familiar instável e uso abusivo de álcool (Snow & Anderson, 1998; Paugam, 1999; Nascimento & Justo, 2000). Dupas (1999), considera que a produção global não invade apenas o universo macrossocial, mas, também, a esfera individual ao modificar valores e padrões há

muito sedimentados, estando aí uma das principais raízes do sentimento de insegurança que começa a se generalizar e que está subjacente à preocupação com a desfiliação social, fortemente ligado às mudanças acarretadas no mercado de trabalho.

De acordo com Giddens (1991), o surgimento da globalização também rompe com a idéia sedimentada de tempo-espço determinado e uniforme para introduzir a noção de tempo-espço volátil interconectando localidades distantes sem referência a um local privilegiado que forma um ponto favorável e específico. Deste modo, as conseqüências da globalização para a modernidade, segundo o autor, são o desencadeamento da desestabilização das certezas que formam um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter, ou seja, “(...) num mundo pós-moderno, o tempo e o espço já não seriam ordenados em sua interrelação pela historicidade...” (p. 177).

Estes acontecimentos tornam-se cruciais para determinados sujeitos que, após várias tentativas fracassadas de se (re)integrarem na sociedade, se vêem obrigados a viverem numa situação de isolamento permeados pela desqualificação social. Assim, os “desfiliaados” parecem indivíduos que podem estar à beira de um “*abismo*” que ameaça a se desmoronar devido às condições cruciais impostas pela economia de mercado. Portanto, o mundo do trabalho para estes sujeitos parece se apresentar de maneira altamente hostil, pois:

(...) se utilizam, *larga manu*, métodos cruéis contra nossos concidadãos, a fim de excluir os que não estão aptos (os velhos que perderam a agilidade, os jovens mal preparados, os vacilantes...): estes são demitidos da empresa, ao passo que dos outros, dos que estão aptos... exigem-se desempenhos sempre superiores em termos de produtividade, de disponibilidade, de disciplina e de abnegação. (Dejours, 1999; p. 13).

Dejours (1999) acrescenta, ainda, que o desemprego prolongado e a desqualificação parecem ser resultados de um processo social que favoreceu o desenvolvimento da tolerância à injustiça mediante uma postura de adversidade e resignação infligidas a esses indivíduos, além da ausência de mobilização política. Trata-se ainda, segundo o autor, de uma *clivagem* entre sofrimento e injustiça caracterizado pela atenuação das reações de indignação e indiferença ao sofrimento alheio, culminando, por fim, uma naturalização ou *banalização da injustiça social*. Deste modo,

(...) o homem de hoje perfila-se como a vítima propiciatória de um sistema de vida implacável que procura coisificá-lo cada vez mais, até fazer dele um ser anônimo, alterado e vencido, no qual o sentido transcendente da existência aparece inteiramente desfigurado. (Kalina & Kovadloff, p. 102).

Paugam (1999), analisando o processo de desqualificação social acentua que o elevado nível de desenvolvimento econômico associado a uma forte degradação no

mercado de trabalho contribui, sobejamente, para o enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais. Conforme o autor, “(...) o conceito de *desqualificação social*, caracteriza o movimento de expulsão gradativa, para fora do mercado de trabalho, de camadas cada vez mais numerosas da população...” (p. 68 – grifado no original).

Deste modo, Paugam (1999) assinala que o enfraquecimento dos vínculos sociais é proporcional às dificuldades encontradas no mercado de trabalho e este fenômeno explica, em parte, a falta de coesão social nas camadas menos favorecidas economicamente. Segundo o autor, os reflexos dessa situação podem ser apreendidos pelos sujeitos como um fracasso profissional e interpretados por eles como sinais de inferioridade quando são obrigados a pedir socorro aos serviços sociais.

Se, pela forças das circunstâncias, são obrigados a pedir socorro aos serviços sociais, a inferioridade conferida por esta situação é tão insuportável que preferem manter distância dos assistentes sociais. Consideram a necessidade de recorrer às redes de assistência como uma renúncia ao “verdadeiro” status e como uma perda progressiva de identidade. (Paugam, 1999; p. 73-74).

O resultado desses acontecimentos, na vida muitos indivíduos, parece contribuir para a ruptura dos vínculos sociais em que a crescente marginalidade e a miséria são sinônimas de dessocialização. Os sujeitos assim constituídos perderam emprego, moradia e acumularam inúmeros problemas sociais, principalmente a ausência de relações estáveis com a família (Paugam, 1999). Assim,

Os que passam pelo processo de *ruptura* acumulam problemas de todo tipo – o afastamento do mercado de trabalho, problemas de saúde, falta de moradia, perda de contatos com a família, etc. Esta última fase do processo de desqualificação social caracteriza-se por um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização. Sem esperanças de encontrar uma saída, os indivíduos sentem-se inúteis para a coletividade e procuram o álcool como meio de compensação para a sua infelicidade. (Paugam, 1999; p. 76 – grifado no original).

Tal processo de enfraquecimento e ruptura social apresentado por Paugam (1999) parece estar presente, também, nos indivíduos que se encontram na condição de trecheiros. Segundo Justo (2002), a condição do trecheiro e do andarilho comporta uma diversidade de situações pessoais, pois boa parte dos sujeitos que vivem nessa condição se desloca à pé pelas estradas em busca de trabalho por não possuir recursos para outro tipo de deslocamento e, eventualmente, mendigam pelo caminho como último recurso de subsistência.

Em trabalhos anteriores, Justo (2002) verificou que é bastante comum encontrar andarilhos e trecheiros vagando pelos acostamentos das rodovias que formam o entroncamento viário das principais rotas do país e, dentre elas, a cidade de Assis-SP, situada na região sudoeste do estado. A cidade é ponto de passagem de duas grandes rotas: a) Mato Grosso do Sul - São Paulo, b) Norte do Estado do Paraná - São Paulo - Sul de Minas Gerais. Além dessas localizações estratégicas em dois portais importantes do Estado - o de ligação com o norte do Paraná e com Mato Grosso do Sul - sua economia propicia o aparecimento desse fenômeno calcado,

fundamentalmente, na intensa migração de mão-de-obra rural que existe nessa região, pois, Assis/S. P. fica numa das grandes rotas de migração que atravessa o estado de São Paulo, rota essa que liga o sul do estado de Minas e Goiás e norte do estado do Paraná (Justo, 2002).

Estudos preliminares desenvolvidos com estes sujeitos indicam que a grande movimentação de mão-de-obra volante nesse trecho decorre da existência de uma agricultura baseada em culturas sazonais. A lavoura de café no sul do estado de Minas e as culturas de cana de açúcar, soja, milho e trigo no norte do estado do Paraná fazem com que os trabalhadores, premidos pelas escassas oportunidades de trabalho, acorram a uma ou outra região na época das respectivas colheitas (Nascimento & Justo, 2000).

Conforme assinalam Snow e Anderson (1998), os *vacilantes*, onde também parecem se incluir os errantes *trecheiros*, são altamente migratórios e suas viagens são tipicamente padronizadas e não-aleatórias e possuem um forte senso de independência. Seu meio de subsistência preferido tende a ser o trabalho remunerado e suas viagens são determinadas em grande parte pelas variações sazonais e regionais nos mercados de trabalho.

Seja pela total desqualificação social ou pela exigência de mobilidade psicossocial e geográfica, o mundo errante parece se constituir pela constante movimentação para lugar algum. Nesse contexto, podemos considerar o território de deslocamento do sujeito na atualidade como um “*não-lugar*”³, tal como assinala Marc Augé (1994). Segundo a definição deste autor, o *não-lugar* é caracterizado pelo imprevisível, provisório, efêmero, anônimo, circulante, não habitado de maneira

³ Segundo Giddens (1991), *lugar* “(...) é melhor conceituado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente” (p. 27).

estável, enfim, o *não-lugar* é o espaço em trânsito, local por excelência do viajante, do transeunte, dos andarilhos, local também da inquietude, da solidão e, especialmente, do despojamento e da flutuação da identidade.

Assim, a condição de transeunte ou de passageiro seria a característica principal da vida moderna onde a tendência é a de transformar cada vez mais os espaços de trânsito em lugares habitados, como ocorre com a presença cada vez maior do indivíduo nas ruas, nas vias de transporte (aéreas, marítimas e terrestres), em hotéis, nos shopping centers, nas redes de comunicação e assim por diante.

Em outras palavras, a pós-modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser pós-moderno significa estar em movimento. Não se resolve estar em movimento – como não se resolve ser pós-moderno... Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva, surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas. (Bauman, 1997; p. 92).

Portanto, o espaço social contemporâneo poder ser considerado como o espaço da movimentação e da mobilidade em que a desterritorialização e a provisoriedade torna a errância um itinerário sem um porto fixo ou estável de ancoragem. As vicissitudes comandadas pelo desenraizamento sócio-geográfico desestabilizam, enfim, as certezas e impulsionam o sujeito à inquietação no pensamento, tornando a transitoriedade uma característica marcante da atualidade.

1.4. Considerações sobre o uso do álcool

O consumo abusivo de bebidas alcoólicas dentro do seu mais amplo contexto vem sendo motivo para debates constantes e inquietações permanente devido aos problemas que ele proporciona não só para o indivíduo, mas também ao próprio meio social, tornando-se, assim, uma das maiores preocupações à saúde pública do mundo e um dos principais responsáveis por mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, sendo, também, companheira inseparável de homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, desfiliação do trabalho, da escola, etc. São numerosas as tentativas para se compreender este fenômeno e alguns autores acreditam que suas causas estão relacionadas a um complexo conjunto de *fatores biopsicossociais* (Zucker & Gromberg, 1986, Bertolote, 1997a; Vaillant, 1999).

Todavia, estudar um assunto tão complexo como este não é uma tarefa fácil, haja vista que a demanda em compreender tal fenômeno parece persistir no tempo e na história das civilizações. Desde as épocas mais remotas da humanidade como, por exemplo, nas tribos primitivas e na cultura greco-romana, podemos observar que o consumo de álcool era utilizado com finalidades místicas, cujo objetivo principal era manter contatos mais próximos com os deuses, hábito que, posteriormente, sacralizou em quase todos os rituais religiosos da nossa contemporaneidade: a Consagração da Missa Romana, a Santa Ceia, a Cerimônia do Shabbat, do Candomblé e da Umbanda, entre outras, como exemplificam Bucher (1993) e Bertolote (1997b).

Apesar das várias tentativas que têm sido propostas para conceitualizar o alcoolismo, o termo parece estar, ainda, muito ligado à concepção médica de *doença*. De acordo com Bertolote (1997a), até a Oitava Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-8, 1967) da Organização Mundial de Saúde (OMS), o alcoolismo era considerado exclusivamente uma doença. Somente a partir da sua Nona Revisão (CID-9, 1977) é que o termo passa a adquirir outros conceitos um pouco mais amplos como o de *dependência* e, recentemente, na CID-10 (1993), que agrupou todas as substâncias psicoativas numa mesma categoria, notificamos a introdução do termo *síndrome de dependência*, para o alcoolismo.

De acordo com a 10ª Classificação Internacional de Doenças (OMS, 1994), a *síndrome de dependência alcoólica* (F10. 2) é caracterizada por um:

Conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após repetido consumo de uma substância psicoativa, tipicamente associado ao forte desejo de tomar a droga, à dificuldade de controlar o consumo, à utilização persistente apesar de suas conseqüências nefastas, a uma maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades e obrigações, a um aumento da tolerância à droga e por vezes a um estado de abstinência física. (p. 322).

Mas o alcoolismo pode ser considerado somente uma *doença*? Essa indagação tem gerado muitas controvérsias e alguns autores se manifestam contra esse conceito estritamente médico. Bertolote (1991), por exemplo, expõe um argumento de que o alcoolismo não pode ser considerado apenas uma doença devido a outras variáveis que interagem com o indivíduo nas suas relações sociais. Segundo

o autor, considerar o alcoolismo apenas uma doença seria considerá-lo como um fator causal específico que implicaria um processo etiopatogênico particular. Portanto,

O alcoolismo é um fenômeno humano complexo que pode e deve ser abordado de um ângulo médico, social, econômico, moral, ético entre outros. É um fenômeno complexo demais para ser considerado só doença ou só vício ou só qualquer coisa. (...) o comportamento humano, qualquer que seja, não pode ser analisado exclusivamente pela ótica reducionista de nenhuma disciplina do saber. (Bertolote, 1991; p. 37).

Vaillant (1999), também pensa que considerar o alcoolismo apenas como doença é uma forma de rotular o alcoolista dentro de uma patologia que ele próprio (alcoolista) utilizaria como uma desculpa para beber ou como uma razão para que não se sinta responsável por sua recuperação. Dessa forma, o autor propõe um termo menos comprometedor que o conceito doença e assinala que o termo *distúrbio de comportamento* melhor definiria o conceito de alcoolismo, visto que sua causa parece estar associada a um complexo conjunto de fatores biopsicossociais. Assim,

(...) o alcoolismo pode simultaneamente refletir um hábito condicionado e uma doença; e a doença do alcoolismo pode ser tão bem definida por um modelo sociológico quanto por um modelo médico. Sendo assim, o alcoolismo é uma construção de uma ordem mais elevada de complexidade onde a perda de controle sobre a ingesta alcoólica não constitui um critério suficiente ou necessário para o diagnóstico de alcoolismo... (Vaillant, 1999; p. 300).

Conforme podemos verificar nas definições das CIDs, seja qual for a conceitualização utilizada para explicitar o problema do alcoolismo, invariavelmente o termo ainda parece estar associado a um modelo biomédico de interpretação. No entanto, acreditamos que o problema do alcoolismo como bem coloca Bertolote (1991) não pode ser exclusividade de uma única disciplina do saber, pois parece que fatores de ordem social, política, econômica e principalmente subjetiva, também interagem nas relações do sujeito com o uso problemático da bebida. A seguir, apresentamos algumas abordagens relacionadas ao alcoolismo para termos uma melhor compreensão deste fenômeno.

- **Abordagem biológica**

Na abordagem biológica, fatores hereditários aparecem assinalados na literatura sobre alcoolismo e nos estudos com crianças adotadas, alguns autores têm observado que filhos de pais biológicos alcoolistas desenvolveram alcoolismo numa frequência maior que os filhos de pais biológicos não alcoolistas (Goodwin, 1979; Shuckit, 1984; 1985; 1994). Cloninger (1988), em seu trabalho com gêmeos, utilizando o método dos filhos adotivos, na qual filhos de pais biológicos não alcoolistas são adotados por pais alcoolistas e vice-versa, concluiu que o alcoolismo, em alguns casos, se deve a herdabilidade gênica e, em outros, à predisposição ambiental (ou social).

Neste estudo, Cloninger (1988) verificou que os filhos de pais não alcoolistas, adotados por pais alcoolistas, desenvolveram alcoolismo em suas personalidades ao passo que filhos de pais alcoolistas, adotados por pais não alcoolistas, desenvolveram alcoolismo somente em ambientes favoráveis para a bebida. Desta forma, o autor concluiu que dependendo do lugar que o indivíduo estiver inserido numa

determinada cultura, bem como as características do meio ambiente de infância, ele poderá ou não desenvolver o alcoolismo em sua personalidade. Conforme podemos observar, a abordagem biológica apresenta um certo determinismo específico para o desenvolvimento do alcoolismo, desconsiderando outros fatores que podem ser decisivos para esta questão como por exemplo, as relações sociais estabelecidas pelo sujeito no seu *habitat*, as influências da mídia, etc.

Entretanto, Vaillant (1999) assinala que não se deve desconsiderar os fatores particulares de cada família na transmissão dos valores culturais aos filhos, pois, segundo autor, a probabilidade de um filho se tornar alcoolista numa família que apresenta aspectos multi-problemáticos em sua dinâmica é bem maior que aquelas com melhores índices de desenvolvimento sistêmico (o que não quer dizer que estas estão “livres” para desenvolver casos de alcoolismo). A falta de comprometimento na educação das crianças pode acarretar, nesses casos, sérios prejuízos para a formação de sua identidade que, conseqüentemente, pode adquirir uma personalidade desviante e anti-social, possibilitando seu ingresso na “carreira de alcoolismo”.

- **Abordagem sociocultural**

Na abordagem sociocultural, vários trabalhos têm sido realizados na tentativa de compreender o alcoolismo. Ao estudar diferentes sistemas socioculturais Horton (apud Masur, 1978) sublinhou que a finalidade básica do álcool na sociedade moderna é reduzir os níveis de ansiedade. Resultados muito semelhantes é apontado por Jellinek (apud Sonenreich, 1971) ao afirmar que:

Quando a sociedade se torna mais complexa devido à especialização, à competição, à segregação, à individualização dos interesses, intensificam-se as restrições

sócio-econômicas, agrava-se a ansiedade e quanto mais aumenta a agressividade, tanto mais precisa ser suprimida e reprimida... O álcool aparece, não como fonte original do problema, mas como meio de resolvê-lo, um meio sem o qual surgem mais e mais problemas. (p. 19).

Bacon (apud Snyder, 1954) ao apontar que a sociedade moderna é caracterizada pela competitividade, indiferença e por lutas de classes onde o individualismo parece ocupar um lugar de destaque, assinala, ainda, que o uso do álcool, além de possuir seu valor social por aliviar a tensão do indivíduo, é um importante mecanismo de integração social. Mariategui (apud Lopes, 1976) chega a resultados parecidos com os de Bacon ao analisar que os fluxos migratórios do campo para os grandes centros urbanos (onde o crescimento demográfico é maior que o industrial, onde o avanço tecnológico produz uma diferença cada vez maior entre a demanda e a oferta de trabalho, onde a exigência de mão-de-obra especializada desqualifica os trabalhadores rurais, gerando desemprego e os remetendo para as chamadas “zonas marginais” - favelas, periferias) impulsionam esses indivíduos a utilizarem o álcool como uma maneira de evadir suas frustrações frente à realidade.

Bucher (1993) também assinala que as concentrações urbanas que marcam a modernidade transformaram profundamente os modos de convivência do sujeito e modificaram as interações sociais onde “(...) o êxodo rural, as aglomerações suburbanas e a massificação, entre outros fenômenos, acabaram provocando o isolamento e o anonimato de muitas pessoas” (p. 10). Assim, as pressões que o homem vem sofrendo por conta da rápida evolução tecnológica, o desemprego, o crescimento da competitividade, o individualismo, a absorção do sujeito pela

exigência de um esforço contínuo na formação e no trabalho, a movimentação humana na sociedade e o desenraizamento do sujeito de um lugar sócio-afetivo e estável para outro provisório, volátil e efêmero, surgem como um novo quadro predisponente para o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade.

Na abordagem sociocultural, a literatura assinala, ainda, que as influências ambientais (pressões dos amigos, bem como induções do meio familiar, principalmente por parte do pai na infância do indivíduo ao dar-lhe alguns goles com o intuito de induzi-lo a hábitos mais masculinos) seriam um outro fator preponderante que contribuiria para a instalação de futuros e/ou precoces alcoolistas (Sonnenreich, 1971; Braga, 1977; Jorge & Ferraz, 1981). Outros problemas sociais também estão vinculados ao abuso de álcool como perdas múltiplas de emprego, reclamações da família, dos amigos e problemas conjugais (Braga, 1977; Castro & Silva Filho, 1993; Bertolote, 1997b; Vaillant, 1999).

A questão do ambiente social como facilitador para o início do uso de álcool pode ser compreendida, em parte, pela cultura da masculinidade ou, como define Bourdieu (1999), pela *dominação masculina*. Segundo o autor, a construção dos valores pautados na masculinidade permite que determinados hábitos culturais, como o ato de beber, por exemplo, se naturalizem no imaginário social que passa a incorporá-los como normas convencionais de sociabilidade. Assim, nos valores da “dominação masculina”, espera-se que um homem se manifeste como homem não somente através da virilidade física (potência sexual), mas também pela virilidade alcoólica (potência etílica), ou seja, “(...) as manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra...” (Bourdieu, 1999; p. 29).

Nesse aspecto, o consumo de bebidas alcoólicas no bar - ambiente tipicamente masculino – incentiva o indivíduo a provar sua masculinidade a todo instante onde aqueles que não se apresentam como bebedores sistemáticos e potentes (que agüentam beber e honram essa proeza), são descartados e desconsiderados das relações de proximidade, sendo, inclusive, chamados de “afeminados”. Deste modo, o ambiente cultural e o contexto social em que se insere o indivíduo pode determinar certos padrões de consumo do álcool, bem como a construção de uma identidade tipicamente pautada no comportamento viril.

Este investimento primordial nos jogos sociais (*illusio*), que torna o homem verdadeiramente homem – senso de honra, virilidade, *manliness* ... – é o princípio indiscutido de todos os deveres para consigo mesmo, o motor ou móvel de tudo que ele *se deve*, isto é, que deve cumprir para estar agindo corretamente consigo mesmo, para permanecer digno, a seus próprios olhos, de uma certa idéia de homem. (Bourdieu, 1999; p. 61- grifado no original).

Nesse contexto, Neves (2004) argumenta que a alcoolização nos bares faz parte de um código de polidez onde o abstinente é socialmente constrangido e o bom bebedor é valorizado pelas suas façanhas de beber sem se embriagar, mantendo, assim, certos desempenhos de papéis a ele atribuídos, como, por exemplo, beber demasiadamente na roda de amigos com alta tolerância para a embriaguês. Nesses locais em que a bebida é celebrada, a autora explica que o bar proporciona um ambiente favorável para o estreitamento dos laços sociais e permite criar um certo código de honra entre aqueles considerados bons bebedores, cujo comportamento é

identificado como de homem, desvalorizando, assim, todos os demais que não se aventuram nessa empreitada alcoólica.

No bar, templo consagrado à alcoolização controlada, a bebida estabelece entre os homens um jogo de trocas e vínculos sociais. Por isso, o anonimato e o isolamento são provocativos da desconfiança, da suspeita e da exclusão das redes de relações que se instituem entre fregueses e donos de bar. A desvalorização do homem que recorrentemente aí bebe sozinho, evidencia a rejeição ao desvio comportamental: o rompimento com as reciprocidades estabelecidas nos bares. (Neves, 2004; p. 09).

Portanto, o uso do álcool pode ser compreendido, em parte, como um comportamento típico da cultura da masculinidade onde os valores da tradição machista são veementemente vangloriados. Deste modo, parece haver uma estreita vinculação entre a *cultura do narcisismo* e a *cultura da masculinidade*, pois, em ambas as “culturas” a exaltação da individualidade é celebrada a todo instante, ou seja, a necessidade de ser reconhecido no plano macrossocial, também é expandida para o plano microssocial, principalmente nas relações vivenciadas nos bares em que se observam narrativas voltadas para realizações grandiosas ou simplesmente na célebre exaltação à figura feminina como alvo de possíveis conquistas (Nascimento, 2004).

O fator idade é, também, um outro ingrediente que parece participar da produção sociocultural do alcoolismo. Vários trabalhos têm demonstrado que a faixa etária mais afetada pelos problemas do álcool é aquela com idade entre 35 e 54 anos, havendo decréscimo significativo a partir dos 60 anos de idade (Jorge & Ferraz,

1981; Lima, 1997; Vaillant, 1999). De acordo com Lima (1997), uma das possibilidades que podem ser explicadas para a diminuição do consumo de álcool na terceira idade se deve a uma construção no imaginário social, assinalando que pessoas que fazem uso prolongado do álcool podem vir a falecer mais precocemente.

Ainda dentro da esfera sociocultural, devemos destacar o trabalho de Braga (1977) sobre alcoolismo na área de mendicância⁴. Essa autora expõe um argumento de que o alcoolista e futuro mendigo, nas sociedades industrializadas, são lançados num processo de constantes fracassos, tornando-se imprevisível, irregular, desatento em seu trabalho e com sérias dificuldades de manter-se empregado. Nesse aspecto, segundo a autora, a conduta no trabalho desses tipos de sujeitos se caracteriza, geralmente, por uma irritabilidade e agressividade contra o empregador, tendo, por consequência, o desemprego que contribui para a desintegração no lar com esposa e filhos, decorrendo a solidão, a tristeza, o pauperismo onde sua marginalização social é carregada de sensação de infelicidade, frustração e indiferença.

Nessa população estudada, Braga (1977) considera como consequências mais sérias decorrentes do alcoolismo o desemprego, o abandono da família e o desprezo dos amigos. O afastamento da mulher e dos filhos, sua baixa escolaridade e o não reconhecimento dos outros, o conduziria a uma situação de marginalidade social, ficando a mercê da assistência pública. Dessa maneira, esse tipo de alcoolista específico busca no álcool a desinibição que inclui a necessidade de vencer a timidez, maior comunicabilidade, coragem e fuga dos problemas atuais, ansiando por se libertar dos sentimentos de pessimismo, angústia e conflitos em que vive.

⁴ Convém ressaltar que a temática do alcoolismo em populações *desfiliadas* (mendigos, sem-tetos, sem-terras, errantes, andarilhos, etc.) ainda é pouco explorada na literatura brasileira devido a escassez de trabalhos publicados que abordem, especificamente, este assunto.

- **Abordagem psicológica**

Além dos fatores sociais e biológicos, a literatura específica destaca, ainda, algumas disposições psicológicas relacionadas ao alcoolismo. Certos traços de personalidade são imputados ao alcoolista, como por exemplo: regressão emocional, imaturidade, instabilidade, ansiedade, insegurança e fraqueza do ego como ressaltaram Van Kolck et al. (1991). Trata-se, ainda, segundo estas autoras de sujeitos:

(...) dependentes, tímidos e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades, com condutas guiadas mais pelos instintos que pelo intelecto, o que leva em muitos casos, a um supercontrole repressivo com presença de certo moralismo onde há predomínio da emotividade e da impulsividade. A fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação, assim como possível frustração das aspirações intelectuais . (p. 380-1).

Conforme as autoras, o álcool funcionaria, então, como um mecanismo de fuga ou “escapismo” do indivíduo devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo, apresentado em face à sua auto-imagem negativa. Uma outra característica atribuída ao alcoolista é a sua incapacidade em assumir uma responsabilidade num relacionamento amoroso permanente (Sonnenreich, 1971).

Resultados muito parecidos são apresentados por Castro & Silva Filho (1993) ao afirmarem que os alcoolistas, acima dos trinta anos de idade, com comprometimento psíquico e social, possuem menores condições de manter relações afetivas estáveis num relacionamento. Apontam, também, que “(...) em decorrência

das complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão, alteração da visão de mundo, o paciente vai provocando dificuldades no seu relacionamento familiar, que se vão agravando com o tempo” (p. 154).

Para Alonso-Fernandez (1991), os “alcoholmanos”⁵ apresentam os seguintes traços em comum: a vivência da solidão, a desesperança e a imposição do presente anônimo e passivo. Nos demais aspectos, o autor assevera uma personalidade radicalmente diversa e conclui que não se deve falar de um *tipo* de personalidade “prealcoholmana”, mas de uma *constelação* básica “prealcoholmana”. Segundo o autor,

(...) uma constelação da personalidade consiste de um agrupamento de vários traços, enquanto o tipo tem um carácter primordialmente global. Pode-se chamar tipo a todo perfil (global) da personalidade que se repete não raramente. Uma constelação, no marco da estrutura da personalidade, representa uma ponte entre o traço e o perfil ou tipo. A constelação ‘prealcoholmana’ merece a distinção básica por duas razões: porque faz parte da personalidade básica e porque constitui a raiz psicológica básica da alcoholmania. (p. 22).

No que se refere à *vivência da solidão*, Alonso-Fernandez (1991) aponta para o isolamento do sujeito desde a infância devido à omissão do outro em oferecer-lhe amor que o impede, *a posteriori*, de um contato afetivo profundo e passa, então, a ter medo do homem e do contato humano. Deste modo, segundo o autor, o homem é visto como um ser onipotente e ameaçador que pode e quer destruí-lo,

⁵ Trata-se de um neologismo em língua espanhola e é semelhante à alcoholista, segundo a tradução de Luisa M. N. Terroni.

desencadeando, assim, um conjunto de elementos que nutre seu sentimento de inferioridade de caracteres físicos, psicológicos, intelectuais ou ambos e a desconfiança paranóide que faz com que o “alcoolmano” recorra sempre à insinceridade como mecanismo de defesa na sua convivência cotidiana. Conforme o autor, o sentimento de solidão é devastador e insuportável porque se assenta no aniquilamento de suas esperanças decorrentes da frustração afetiva, ou seja, não há perspectivas futuras em função dos conseqüentes fracassos pessoais.

Quanto à *desesperança* na personalidade “prealcoolmana”, Alonso-Fernandez (1991) assinala que ela é atribuída a fantasmas de insucessos anteriores e no temor de novas frustrações no presente, fazendo com que o indivíduo sinta que seus projetos de realização pessoal estão predestinados antecipadamente ao fracasso, pelo seu passado resguardar muito mais decepções e desengano do que conquistas, predominando um estado de tédio e indiferença sem esperar nada da vida. Segundo o autor, isso ocorre porque todo processo integrativo da personalidade “prealcoolmana” se encontra escasso pela ausência de tolerância às frustrações que remete o sujeito ao mecanismo de repressão como forma de defesa por não suportar as tensões emocionais produzidas pela pressão urgente das próprias necessidades individuais.

Nesse sentido, Alonso-Fernandez (1991) considera que o sujeito “prealcoolmano” passa, então, a viver estagnado no *presente anônimo e passivo* sem dispor de perspectivas planificadoras que o direcione ao futuro, a um sonho de prosperidade, sujeitando-se à neutralidade e se aprisionando ao estado de desesperança-desengano puro, pois para ele a existência perdeu o sentido de ser.

Numa perspectiva psicanalítica, Melman (1993) interpreta o alcoolista como um sujeito marcado pela insatisfação constante consigo mesmo devido a sua não realização pessoal na sociedade, procurando no álcool o refúgio para alcançar a suposta satisfação. Essa satisfação decorre da dependência por um objeto capaz de saciá-lo de maneira plena, perfeita e absoluta e que o permita suprir, por alguns momentos, sua própria existência, pois, esta se apresenta, na realidade, permeada por uma insuportabilidade carregada de sofrimento. Este autor ainda analisa a importância que a sociedade de consumo exerce sobre o alcoolista ao prendê-lo em algum de seus discursos por “(...) prometer uma satisfação que pode ser perfeita (...) onde a técnica nos promete que não haverá mais nada impossível, que não haverá impossibilidade para nossa insatisfação” (p. 45).

A problemática da satisfação pode ser interpretada, segundo Birman (2000), pelos discursos de normalização psiquiátrica que, pela manipulação da bioquímica e da psicofarmacologia, formata o sujeito dentro dos padrões socialmente aceitáveis, possibilitando a obtenção do prazer e a sensação de pertencer ao ideal de sociabilidade sustentado pela cultura do narcisismo, pois, o que está em jogo é “(...) um *imperativo* moral do que devemos ser, uma *norma* de sanidade a que nos devemos submeter e adequar” (Birman, 2000; p. 248 – grifado no original). Assim, para cada sensação de desprazer existe a magia da bioquímica e do psicofármaco que, associado à psiquiatria, promete o alívio imediato para todo e qualquer sintoma provocado pelo mal-estar na atualidade.

Nesse contexto, as toxicomanias se apresentam como uma possibilidade temporária de rompimento com esse sentimento de mal-estar na qual o sujeito busca pela magia das drogas, onde se inclui o uso abusivo de álcool, suas inscrições nas

redes de sociabilidade e bem-estar. Deste modo, o avanço científico-tecnológico parece produzir formas inéditas de desamparo e insatisfação, pois, a ausência de suportes para pertencer à cultura do narcisismo pode conduzir estes indivíduos a reparar essas lacunas através do uso abusivo de álcool drogas.

Com efeito, as drogas pesadas também funcionam como instrumentos privilegiados de realização dessa transformação desejada de humor, pois possibilitam que as individualidades realizem tais saltos mágicos... para se inscrever no espetáculo da cultura do narcisismo. Pela infusão da droga, pode-se inserir o sujeito, pelo menos por algumas horas, no brilharco exigido para a sociedade do espetáculo, já que pela magia das drogas tudo se torna possível. (Birman, 2000; p. 248)

Num outro trabalho Melman (1992) acrescenta, ainda, a dependência relativa do alcoolista a uma mulher da qual espera sempre a satisfação perfeita, absoluta. Nesse sentido, Melman (1992) aponta que “(...) o discurso do alcoolista se modula por uma submissão particular à mulher, enquanto detentora e distribuidora de um gozo cuja totalização seria para ele sempre recusada ou dissimulada” (p. 16). Assim, não conseguindo atingir o gozo absoluto e perfeito com a figura feminina, que ocupa o lugar central de onipotência na vida do alcoolista, este sujeito busca sua satisfação nas relações com os parceiros de bar onde é reconhecido narcisicamente e onde pode ocorrer o prazer da troca igualitária, a estima mútua e uma fraternidade cativante.

Segundo Melman (1992), a satisfação encontrada no bar representa o paradoxo vivenciado no seio familiar que se apresenta como repulsivo, já que o

alcoolista, nesse âmbito, não é reconhecido como total, absoluto e fora da castração. Portanto, o que parece fazer falta ao alcoolista, segundo Melman (1992), é o fato de ser reconhecido e respeitado dentro da própria constelação familiar, tal como acontece nos bares.

De acordo com Birman (2000), a busca incessante e inconsciente de reconhecimento nos bares está relacionada com a impossibilidade da castração simbólica na relação intersubjetiva triangular na qual o sujeito é marcado pela ausência da instância paterna em sua subjetivação. Deste modo, o sujeito se fixa na figura materna e não incorpora o pai como instância capaz de solucionar seus impasses edípicos, deslocando-o para uma posição desejante e livre da castração. Impossibilitado de romper com o desejo da mãe, o pai se apresenta nesse cenário fantasmático como um ser onipotente para o sujeito em que a experiência da castração é recusada, porém ardentemente buscada nas relações de confraternização dos bares. Deste modo,

A repetição da relação incestuosa com a figura materna, na impossibilidade do desmame e da castração simbólica... conduz o sujeito à perseguição, à busca do pai e ao delírio erotomaníaco com a mulher... a impossível relação com o pai, que provocaria angústia de castração, se restringe a uma relação fraternal, que é que se reduz a confraternização nos bares dos alcoolistas. (Birman, 2000; p. 216).

Um outro fator que, segundo a literatura, contribui para o uso de bebidas alcoólicas está relacionado com a competitividade, o individualismo e o desemprego, pois tais acontecimentos parecem possibilitar, na conjuntura atual, o aparecimento de

um *indivíduo incerto* que, de acordo com Ehrenberg (1995), se utiliza das ‘técnicas de si’ para a manutenção da própria sobrevivência. Nessas circunstâncias, o uso de bebidas alcoólicas como uma das “técnicas de si” parece ocupar, no repertório do indivíduo sem vínculos sociais, uma das alternativas possíveis para o rompimento temporário de suas angústias e ansiedades provocadas por esse modelo de subjetivação proposto pela performance individualista na sociedade do espetáculo (Lasch, 1983; Debord, 1991; Birman, 2000).

Assim, o abuso de álcool seria, conforme Ehrenberg (1995), uma das soluções que o indivíduo encontraria para “(...) aumentar o sentimento de existir por si mesmo... numa subjetividade em guerra com ela mesma... incapaz de dominar as tensões interiores... e evitar a experiência de individualidade...” (p. 64-66). Nesse sentido, trata-se de uma *individualidade negativa* porque o sujeito está situado numa zona de incertezas e instabilidades, na qual o álcool aparece, momentaneamente, como um recurso de comunicação com o outro, isto é, numa tentativa de inclusão com os laços sociais (Castel, 1994; 1998).

Nessa perspectiva, as “técnicas de construção de si” possibilitam aos consumidores abusivos de álcool inventarem um “paraíso artificial” que lhes garantam euforia e liberdade para suportarem o peso existencial de uma subjetividade em conflito consigo mesma (Ehrenberg, 1995). Assim, “(...) ser livre, para ele, implica libertar-se da consciência que tem sua situação, e não transformar essa situação angustiante em outra que não seja ou que o seja em menor dose...” (Kalina & Kovadloff, 1999; p. 88).

Portanto, após várias tentativas frustradas de conquistar visibilidade numa sociedade em que se privilegia a performance narcisista, o indivíduo que se deixa

absorver por uma realidade que desqualifica suas ilusões parece submeter-se, então, ativamente às regras impostas pela economia impiedosa e o individualismo extremo, no qual o alcoolismo se inscreve na trajetória de vida desses sujeitos como uma das possibilidades de não-confronto com as desfiliações sociais em que estão submetidos.

2. JUSTIFICATIVA

As relações estabelecidas pelo sujeito na sociedade contemporânea parecem estar associadas com a promoção ininterrupta da competitividade no mercado de trabalho que, se por um lado produz um individualismo caracteristicamente marcado pela encenação e exaltação do eu e da performance no espaço social, por outro, contribui para o aumento das desigualdades sociais que desestabiliza e enfraquece uma camada menos favorecida economicamente, pois, a palavra de ordem hoje em dia está relacionada, principalmente, com busca incessante de resultados.

Deste modo, a globalização, a substituição da sociedade industrial pela de serviços, a flexibilização, a informatização, o aumento do desemprego e a absorção do sujeito pela exigência de um esforço contínuo na formação e no trabalho podem contribuir, relativamente, para a perda de estabilidade nas referências sociais e psicológicas do indivíduo na conjuntura atual. Os *trecheiros*, figuras cada vez mais comuns nas rodovias brasileiras, bem como os andarilhos de estrada, levam ao extremo a ausência destes referenciais sociais estáveis e a desfiliação completa das malhas da rede social.

Trata-se de uma população que não possui visibilidade social, sem qualquer espaço de cidadania, sendo relativamente ignorada pela ciência e pelas políticas públicas de assistência, a despeito de seu crescimento nos últimos anos. Vivem numa espécie de “ostracismo”, a despeito também da sua importância no cenário social, seja pela condição de desfiliação extrema, seja, ainda, por incidir de maneira avassaladora sobre ela as principais vicissitudes da economia e da organização social no mundo contemporâneo.

É dentro desse cenário social que pretendemos investigar, neste trabalho, as relações entre a errância e o consumo abusivo de bebidas alcoólicas vivenciadas pelo sujeito nessa trajetória de vida. O consumo abusivo de álcool é, ao nosso ver, um dos maiores problemas para a saúde pública contemporânea e articulados a outros fatores sociais, surge a necessidade de estudá-lo na conjugação com a errância que também é um outro aspecto relevante e crucial das condições de existência dadas na atualidade.

3. OBJETIVO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as condições que favorecem o uso de bebidas alcoólicas na errância, focalizando, especificamente:

- a) o uso do álcool pelo sujeito ao longo de toda vida;
- b) os motivos associados ao uso dessa substância na vida errante;
- c) as relações vivenciadas com o uso da bebida na estrada;
- c) as razões para a ruptura com a vida sedentária;
- d) experiências marcantes vividas na errância;
- e) as atividades de trabalho exercidas antes do processo de desfiliação;
- f) os meios de sobrevivência na atual condição de vida;
- g) as perspectivas de vida quanto ao uso do álcool, errância e vínculos familiares.

4. MÉTODO

4.1. Pesquisa Qualitativa

Para a realização desse trabalho, estamos propondo uma *pesquisa qualitativa* através da técnica da *análise de conteúdo*, pois, acreditamos que essa proposta permite uma compreensão sistemática dos comportamentos e experiências do ser humano e não somente na explicação dos fenômenos estudados. Trata-se, assim, de uma pesquisa preocupada com os sujeitos no mundo, envolvendo toda sua complexidade, dando ênfase na realidade do sujeito e propiciando, ainda, a possibilidade de descobrir o potencial de suas percepções e subjetividade (Martins & Bicudo, 1989).

Segundo Polit e Hungler (1995), a pesquisa qualitativa “(...) baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida pelos seus próprios atores” (p. 270). Sendo assim, o dado qualitativo é a estratégia de classificação de um fenômeno aparentemente imponderável que, fixando premissas de natureza ontológica e semântica, instrumentaliza o reconhecimento do evento, a análise do seu comportamento e suas relações com outros eventos (Pereira, 1999).

Deste modo, Chizzotti (1991) acentua que a pesquisa qualitativa, além de considerar os aspectos semânticos presentes num dado contexto, precisa de técnicas criteriosas para fundamentar o material a ser analisado posteriormente. Segundo o autor, a *análise de conteúdo* desenvolvida por Bardin (1979) é uma das técnicas mais utilizadas nas abordagens qualitativas, pois, além de preservar os princípios básicos da pesquisa, pode fornecer meio adequado para uma melhor sistematização e análise dos dados. Assim, Chizzotti (1991) argumenta que a técnica da *análise de conteúdo*:

(...) procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação, ou, enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo das informações. (p. 99).

Para a realização desta pesquisa, optamos pela aplicação da entrevista estruturada, pois este trabalho é resultado de duas pesquisas preliminares de iniciação científica com bolsas concedidas pelo PIBIC/CNPq no período de 1998 a 1999⁶, na qual os roteiros semi-estruturados permitiram-nos elaborar, a partir dos eixos-norteadores, os módulos temáticos da presente pesquisa. A opção por este tipo de instrumento, embora possa ser criticada como um direcionamento e afunilamento do exame do fenômeno investigado, pode ser explicada neste estudo em função das pesquisas anteriores terem apresentados como eixos-comuns, os mesmos delineamentos temáticos da pesquisa atual. Ou seja, em ambas as pesquisas de iniciação científica, os roteiros semi-estruturados permitiram-nos inferir que os módulos temáticos desta investigação não se distanciariam daqueles encontrados nas pesquisas anteriores.

Entretanto, como as pesquisas de iniciação científica se constituíram num estudo preliminar, o presente trabalho procurou aprofundar as temáticas seguindo regras criteriosas e tomando o devido cuidado de não restringir ou limitar os

⁶ As pesquisas desenvolvidas no referido período foram, respectivamente: “*Vidas Errantes e alcoolismo: estudo entre o uso de bebidas alcoólicas e a errância*” e “*Errâncias e Errantes: estudo sobre as reservas da vida sedentária, o alcoolismo e a infidelidade*”, ambas sob orientação do professor Dr. José Sterza Justo da Unesp/Campus de Assis.

depoimentos dos sujeitos ao roteiro previamente elaborado. Segundo Richardson (1985), o valor da entrevista estruturada “(...) necessariamente pressupõe o conhecimento das perguntas mais relevantes e, o que é mais importante, pressupõe o conhecimento das principais respostas fornecidas pelas pessoas” (p. 161), ou seja, o objetivo é obter dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas. Chizzotti (1991) argumenta, ainda, que para a utilização deste tipo de entrevista, o pesquisador precisa estar atento aos critérios de planejamento para que não negligencie os aspectos essenciais da pesquisa. Deste modo, é necessário que o pesquisador tenha um certo conhecimento *a priori* sobre os objetivos a serem pesquisados, pois, a entrevista estruturada exige que o pesquisador:

“(...) saiba claramente as informações que busca, o objetivo da pesquisa e de cada uma das questões, o que e como pretende medir ou confirmar suas hipóteses. É uma tarefa que exige critério e planejamento para exaurir todos os aspectos dos dados que se quer obter, sem negligenciar os aspectos essenciais da pesquisa” (p. 55-56).

A realização das entrevistas foi conduzida, individualmente, pelo próprio pesquisador aos errantes-trecheiros que aceitaram participar deste trabalho, procurando construir uma situação de interação que permitisse a expressão dos sentidos acerca da temática central dessa pesquisa. Para garantir os direitos dos sujeitos envolvidos nesse projeto, elaboramos os termos de esclarecimento e consentimento que foi assinado pelos participantes, seguindo a *Resolução 196/96*

sobre pesquisas envolvendo seres humanos, desenvolvida pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Ministério da Saúde (1996).

4.2. Participantes

Foram participantes dessa pesquisa, dezesseis (16) *errantes-trecheiros* do sexo masculino que fazem, assumidamente, uso de bebidas alcoólicas. Trata-se de indivíduos que perambulam de cidade em cidade, mendigando ou sobrevivendo da ajuda de organismos assistenciais. Em geral, não trabalham regularmente e não possuem residência ou qualquer tipo de fixação psicossocial. A idade dos entrevistados variou de 22 a 58 anos de idade. (Vide Tabela 2).

4.3. Local da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no Cetrem (Centro de Triagem e Encaminhamento Migrante) da cidade de Assis, S. P. Trata-se de uma instituição assistencial, mantida pela prefeitura municipal que tem como propostas fundamentais, o recolhimento e o encaminhamento de pessoas desamparadas que circulam ou transitam temporariamente pela cidade (itinerantes, mendigos, trecheiros, moradores de rua, famílias desprovidas de assistência médico-psicológicas, etc.) ou que nela residem sobrevivendo da mendicância.

Via de regra, o Cetrem acolhe e encaminha o trecheiro para outra cidade mediante a concessão de passes de ônibus intermunicipal e estadual numa parceria entre a prefeitura e as empresas concedentes. Normalmente, são cidades que se situam no norte do estado do Paraná, sul de Mato Grosso e oeste paulista, regiões estas que ainda empregam mão-de-obra volante na agricultura.

De acordo com os dados do próprio Cetrem, cerca de 260 pessoas, aproximadamente, transitam mensalmente nesta instituição, com um fluxo anual em

torno de 3000 pessoas, geralmente desempregadas, com mão-de-obra tipicamente rural e sem vínculos com familiares. Pela instituição circulam todo tipo de pessoas desprovidas economicamente, desde bóias-frias, vendedores ambulantes, *hippies*, trecheiros, andarilhos, até pessoas que perderam todos os seus pertences ou que foram roubadas durante uma viagem. Sua localização situa-se bem próximo à Rodovia Raposo Tavares (SP-270), principal malha rodoviária que liga a capital de São Paulo ao extremo oeste do estado.

Quanto aos trecheiros, vez e outra podemos encontrá-los na referida instituição em busca de alimento, roupa, calçado, descanso e alguma ajuda financeira para seguir sua jornada em busca de trabalho volante ou até mesmo um trabalho temporário. O tempo de permanência dessas pessoas na referida instituição gira em torno de 02 dias, no máximo, podendo ser ultrapassado esse limite em casos extremos, como algum tipo de doença onde são encaminhados a um posto de saúde próximo por intermédio da assistência social.

4.4. Instrumentos

Para a realização desse trabalho, foi elaborado um roteiro de entrevista estruturada (Vide Anexo A) mediante o consentimento prévio do sujeito, garantindo o sigilo de suas privacidades, respeitando, ainda, seus valores culturais, sociais, religiosos, etc. O registro das entrevistas foi feito com o recurso de um gravador a partir do momento em que os sujeitos da pesquisa concordaram com o uso deste equipamento. O roteiro de entrevista foi dividido em *quatro módulos temáticos* a fim de facilitar um melhor desencadeamento das questões propostas, conforme apresentamos a seguir:

- Módulo I: História de Vida

Este módulo teve como orientação, as relações estabelecidas pelo sujeito no seu meio familiar originário antes do processo de desfiliação da vida sedentária, procurando mapear, também, quais as cidades que residiu ao longo de toda vida.

- Módulo II: Rupturas de Vida

Nesse bloco, as perguntas elaboradas tiveram como objetivos principais, delinear os motivos que levaram o sujeito ao processo de ruptura com a vida sedentária e isolamento no trecho, o tempo no trecho, os sentidos de vida atribuídos por eles nessa trajetória errante (vida antes e depois da desfiliação), as atividades profissionais exercidas antes do processo de desfiliação, bem como sua sobrevivência e eventos marcantes na estrada.

- Módulo III: Uso do Álcool

Este módulo teve como finalidade explorar questões referentes, exclusivamente, ao consumo de bebidas alcoólicas, procurando investigar os motivos, as causas e influências que levaram ou ainda leva o sujeito à ingestão dessa substância, a idade que começou a fazer uso da bebida, o primeiro contato com o álcool, como consegue a bebida na estrada e em que condição utiliza a bebida na atualidade.

- Módulo IV: Perspectivas de Vida

O módulo IV permitiu investigar as reflexões dos sujeitos sobre as situações vivenciadas por eles na errância e suas perspectivas quanto à vida errante, uso de álcool e os vínculos familiares.

4.5. Aspectos Éticos

As entrevistas foram realizadas somente após a aprovação formal do Comitê de Ética em Pesquisa da FAMEMA (Faculdade de Medicina de Marília, SP), conforme Anexo B. Vale ressaltar que para a apresentação dos trechos das entrevistas coletadas e que compõem parte deste trabalho, utilizamos códigos específicos a fim de preservar a integridade, o sigilo, a confidência e o anonimato dos participantes conforme estabelece a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

4.6. Procedimentos

Após a finalização das entrevistas, realizadas no período de março a junho de 2003, os dados coletados foram categorizados e analisados a partir da *análise de conteúdo* proposta por Bardin (1979). Para a elaboração das categorias, seguimos as seguintes etapas apresentadas por Bardin (1979):

- a) *transcrição na íntegra das entrevistas gravadas*;
- b) *leitura flutuante do corpus (pré-análise)*: trata-se da realização de várias leituras e releituras do material a ser analisado, objetivando a sistematização e codificação dos dados coletados. De acordo com Bardin (1977), a “(...) codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (p. 103).
- c) *análise temática*: consiste na separação e identificação dos temas abordados em unidades de registro (núcleos de sentido), visando agrupá-los, posteriormente, em categorias e subcategorias. Desse modo, “(...) fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença,

ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1977; p. 105). Após esta etapa minuciosa de análise, os dados são categorizados segundo regras precisas, pois,

(...) a *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (Bardin, 1977; p. 117 – grifado no original).

d) *resultados e interpretação*: refere-se à organização de uma estrutura condensada das informações com apresentação de trechos das entrevistas que caracterizem os diferentes temas abordados para permitir confrontos e discussões com referencial teórico, a fim de elaborar um conjunto de interpretações que abarquem as consistências dos dados apresentados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dividimos a apresentação dos resultados em duas partes para uma melhor sistematização dos dados. Deste modo, na *Parte I* apresentamos dados relativos aos aspectos gerais dos errantes-trecheiros vivenciados antes do processo de desfiliação social tais como: escolaridade, atividades de trabalho exercidas antes da ruptura com o sedentarismo, as cidades que residiram ao longo da vida, bem como o tempo de caminhada no trecho. A *Parte II* se refere aos dados qualitativos propriamente ditos na qual utilizamos a análise de conteúdo para fundamentação das categorias e subcategorias. Nesse tópico, optamos por fazer uma discussão conjunta da categoria e subcategorias ao invés de analisar cada subcategoria separadamente.

Parte I: Aspectos Gerais

Neste tópico de apresentação das características gerais dos sujeitos, gostaríamos de enfatizar que estamos interessados em descrever a trajetória de vida percorrida pelos trecheiros, visando, com isso, mapear na história de cada um, as condições e acontecimentos que sulcam o caminho que leva do sedentarismo à errância.

Devemos enfatizar, também, que um traço marcante da história de vida dos trecheiros provém da história da migração da família de um lugar a outro em busca de melhores condições de trabalho. Assim, apresentamos, a seguir, a Tabela 1 que descreve o local de nascimento dos trecheiros e as cidades que residiram ao longo da vida sedentária.

Tabela 1: Local de nascimento e as cidades que residiram os trecheiros antes da desfiliação social.

Sujeitos	Local de Nascimento	Cidades de Residência
S1	Astorga (PR).	Astorga (PR), Rolândia (PR), São Paulo (SP).
S2	São Paulo (SP).	São Paulo (SP), Campo Grande (MS).
S3	Teodoro Sampaio (SP).	Mirante do Paranapanema (SP), Dourados (MS).
S4	Ribas do Rio Pardo (MS).	Campo Grande (MS), Foz do Iguaçu (PR), Presidente Purdente (SP).
S5	Uraí (PR).	Uraí (PR), Presidente Bernardes (SP), Araxá (MG), Ciudad Del Leste (Paraguay).
S6	Sorocaba (SP).	Sorocaba (SP), Alta Floresta (MT).
S7	Londrina (PR).	Mandaguaçu (PR), Primeiro de Maio (PR).
S8	Ponta Grossa (PR).	Ponta Grossa (PR), São Paulo (SP), Pato Branco (PR), Curitiba (PR), Coxim (MS).
S9	Goio-Erê (PR).	Goio-Erê (PR), Guaxupé (MG), Garça (SP).
S10	Guaraneáçu (PR).	Guaraneáçu (PR), Cuiabá (MT), Cascavel (PR).
S11	Marialva (PR).	Marialva (PR), Bauru (SP), Presidente Wenceslau (SP)
S12	Rancharia (SP).	Rancharia (SP), Bataguassu (MS).
S13	Cachoeira (BA).	São Félix (BA), Manaus (AM), Cáceres (MT).
S14	Jacarezinho (PR).	Jacarezinho (PR), Limeira (SP), Cornélio Procópio (PR).
S15	Santos (SP).	Santos (SP), Bauru (SP).
S16	Pirapozinho (SP).	Pirapozinho (SP), Estrela do Norte (SP).

Conforme podemos verificar na Tabela 1, a maioria dos entrevistados são naturais do norte do Estado do Paraná e do oeste paulista. Verificamos, ainda, que as próprias famílias destes sujeitos já apresentavam um retrospecto de mudança de domicílio ao constatarmos as várias cidades que moraram antes de se tornarem trecheiros. A busca por melhores condições de vida e os fracassos colhidos nas cidades anteriores pela falta de trabalho pode ser dos principais indicativos para migração a outras cidades e Estados.

Nesse sentido, a migração parece representar uma alternativa possível que eles encontram para ainda tentar se reintegrarem ao sistema produtivo e sustentar o sedentarismo esvaecido pelas fracassadas tentativas de fixação social. A circulação por várias cidades pode ser compreendida, em parte, pela sazonalidade das colheitas de grãos que ainda empregam mão-de-obra volante em suas lavouras, pois, conforme assinalam Snow e Anderson (1998), a migração representa para estas famílias “(...) seu meio de subsistência... e suas viagens são em grande parte determinadas por variações sazonais e regionais no mercado de trabalho” (p. 104).

Conforme veremos mais adiante, na Tabela 2, a maioria dos entrevistados exerceram profissões braçais ou de pequena qualificação dentro das atuais exigências do mercado de trabalho. Situados numa situação de extrema precariedade financeira, estes indivíduos parecem adotar a migração como a última tentativa de superação de seus infortúnios. À medida que estes acontecimentos vão se tornando cada vez mais repetidos e agudos em sua trajetória de vida, a sensação de impotência frente ao mundo e a si mesmos parece culminar por fim à ruptura com as tentativas de sedentarismo estável e impulsão decisiva para a vida errante (Castel, 1994; 1998; Justo, 1998; Nascimento & Justo, 2000). Para que possamos exemplificar as condições de vida enfrentadas pelas famílias para prover a própria subsistência, apresentamos, a seguir, alguns trechos das entrevistas que ilustram algumas ocorrências da migração em busca de melhores condições de vida.

“Eu nasci lá [Astorga/PR] e com 05 anos, meu pai morava no sítio e veio pra cidade, né?, Nesse tempo, trabalhava na enxada, carpia, fazia serviço de roça, aí eu acabei de me formar... a minha infância eu passei lá em Rolândia [PR] e de lá, meus pais em 1972 foi pra São Paulo pra vê se miorava de vida, né? (...) mas ninguém até hoje miorou a situação, perdi minha mãe e meu pai virou vendedor de bilhete da loteria...” (S1).

“A história toda começou depois que a gente morava em Londrina (PR), e veio pra Mandaguaçu (PR), devia ter de 08 pra 09 anos, meu pai já foi comerciante em Primeiro de Maio (PR), perto de Sertanópolis (PR)... antes nois morava num sítio, meu pai plantava milho e soja com um sócio dele... perdeu tudo e quando ele faleceu trabalhava de vigia noturno” (S7).

“Quando era solteiro morei com meus pais em Marialva (PR) numa casa de colonos lá na fazenda São João, eles mexia [trabalhavam] na lavoura de café do fazendeiro. Depois amiguei com uma mulher e fui trabalhar no corte da cana na região de Bauru (SP), aí vivi uns tempo, mas não deu certo com ela, daí peguei e voltei pra casa dos meus pais que na época morava na cidade de Presidente Wenceslau (SP) até eles morrerem, depois comecei a andar no trecho, vendo se arruma serviço e tô nessa vida até hoje” (S11).

“Eu sou da Bahia, de Cachoeira... morei uns tempo ali depois mudamos pra São Félix pra ver se ajeitava na vida e desde pequeno tô no serviço braçal... passou uns tempo deixei meus pais que tava numa situação pior, passando necessidade das coisa... já andei em Manaus (AM) e aquele lado e afora... agora tô aqui na Estado de São Paulo procurando serviço... já vai fazer mais de 20 anos que não tenho notícias deles [pais], acho que já morreram...” (S13).

Os trechos apresentados acima indicam que a migração pode estar relacionada, segundo Castel (1998), a uma “representação de progresso” na qual o sonho de ser bem sucedido na vida só é possível nas cidades de médio a grande porte, pois, estas cidades parecem representar “(...) a crença de que o amanhã será melhor que o hoje e de que se pode confiar no futuro para melhorar sua condição...” (p. 498). Entretanto, sejam quais forem os motivos para a migração, a busca por melhores condições de trabalho parece assentar-se numa esperança interminável na vida desses sujeitos. A Tabela 2, a seguir, apresenta o perfil dos trecheiros deste

estudo baseado na idade, nível de escolaridade, atividades de trabalho antes da desfiliação e o tempo vivido no trecho desde a ruptura com o sedentarismo.

Tabela 2: Apresentação dos trecheiros segundo o nível de escolaridade, atividades de trabalho antes da desfiliação e tempo no trecho.

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Atividades de Trabalho	Tempo no Trecho
S1	48 anos	1 ° Grau Incompleto	cortador de cana, servente de pedreiro.	20 anos
S2	43 anos	1 ° Grau Incompleto	apanhador de café, carroceiro, chapa .	21 anos
S3	53 anos	1 ° Grau Completo	topografia.	23 anos
S4	31 anos	Analfabeto	pintor, pedreiro.	06 meses
S5	38 anos	1 ° Grau Incompleto	tratorista, operador de máquinas.	09 anos
S6	37 anos	1 ° Grau Incompleto	frentista, cortador de madeira.	04 anos
S7	41 anos	1 ° Grau Incompleto	pintor de automóveis.	11 anos
S8	39 anos	1 ° Grau Incompleto	copeiro, encanador.	10 anos
S9	41 anos	1 ° Grau Incompleto	apanhador de café, cortador de cana, retireiro.	06 anos
S10	38 anos	1 ° Grau Incompleto	pedreiro, armador de ferragem.	04 anos
S11	41 anos	Analfabeto	cortador de cana, apanhador de algodão.	17 anos
S12	28 anos	1 ° Grau Incompleto	apanhador de café, servente de pedreiro.	05 anos
S13	38 anos	Analfabeto	retireiro, domador de cavalos.	23 anos
S14	40 anos	1 ° Grau Incompleto	servente de pedreiro, apanhador de café.	06 anos
S15	30 anos	1 ° Grau Incompleto	serralheiro.	09 anos
S16	50 anos	1 ° Grau Incompleto	vigilante bancário, músico.	14 anos

Conforme podemos visualizar na Tabela 2, a idade dos sujeitos deste estudo variou de 28 a 53 anos e o tempo vivido no trecho de 06 meses a 23 anos. Outro dado que podemos constatar é o baixo nível de escolaridade, pois, a maioria apresenta o primeiro grau incompleto e este dado está associado, conseqüentemente, com as atividades rudimentares de trabalho exercidas pelos sujeitos desde a infância. Como podemos verificar, alguns possuem uma atividade ligada ao trabalho rural (corte de cana, apanha de café, retiro de leite, etc.), outros ao trabalho pesado e sem nenhuma qualificação (como servente de pedreiro, cortador de madeira, por exemplo), havendo também aqueles com algum tipo de conhecimento (topografia, pintor de automóveis, tratorista, músico, etc.).

Conforme sabemos, as atividades que empregam mão-de-obra no meio rural vêm perdendo espaço para as tecnologias agrícolas que, gradativamente, estão substituindo o trabalho volante pelos sofisticados maquinários que condicionam os menos capacitados a arcar com sua miserabilidade e expulsão do mercado de trabalho sem apoio do governo ou mesmo do empregador. Vale mencionar as lucrativas feiras do agronegócio como a *Agrishow* (Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação) que movimentou cerca de R\$ 1,2 bilhão em Ribeirão Preto, S. P. com vendas de equipamentos para a pecuária e máquinas altamente sofisticadas para a agricultura (Toledo, 2004).

Nesse sentido, quais são as conseqüências desta alta tecnologia para os trabalhadores que vivem exclusivamente do meio rural para manter sua subsistência? Talvez, uma das conseqüências diretas destas sofisticações para o trabalhador volante que não tem conhecimentos suficientes de informática para manobrar estes tratores parece ser o deslocamento para uma zona de desfiliação eminente, conforme Castel (1994; 1998). Seja nas atividades ligadas ao campo, seja ainda em outras atividades, a

idéia de trabalho fixo e remunerado parece que perde quase toda sua utilidade nas atuais conjunturas da globalização e pode condicionar os indivíduos, nessas condições, a um *individualismo negativo* porque o sujeito se declina em termos de falta: falta de consideração, de seguridade, de bens garantidos e de vínculos estáveis (Castel, 1998).

Nesse aspecto, a ausência de qualificação para o exigente mercado global podem levar grandes contingentes de trabalhadores a terem uma relação instável com o trabalho e acentuar, também, a fragilidade da estrutura familiar, favorecendo, assim, a instalação da precariedade e, conseqüentemente, a *desqualificação social* (Castel, 1994, 1998; Paugam, 1999).

Ele é, pois, impelido a procurar um trabalho, ou seja, é incitado à mobilidade profissional e, freqüentemente, à mobilidade geográfica, uma vez que é geralmente a impossibilidade de se empregar em seu ambiente rural que o expulsa do campo ou, então, é a raridade e a precariedade de empregos urbanos que faz dele, na cidade, um ocioso. (Castel, 1994; p. 25)

Esse processo de *desqualificação social* pode ser compreendido aqui, como o avesso da performance narcisista que parece determinar o *locus* da coesão social, ou seja, na medida em que o indivíduo possui condições pessoais e subjetivas para demarcar sua visibilidade no espaço social, ele garante sua inserção na “zona de integração” e se afilia nas diversas redes e status sociais (Castel, 1994, 1998; Paugam, 1999; Ehrenberg, 1991; Debord, 1991; Lasch, 1983). Portanto, as atividades de trabalho parecem determinar ou diferenciar, no mundo globalizado, as relações

dos indivíduos no espaço social de acordo com o seu grau de pertencimento, seja na zona de integração, vulnerabilidade ou desfiliação (Castel, 1994).

Deste modo, a *errância* e a *migração* parecem representar, economicamente, a instabilidade da condição salarial e a ruptura da relação de trabalho, enquanto que a precariedade se transforma em *desfiliação social*. Assim, a errância e a migração realizam a desfiliação em dupla dimensão: ruptura em relação à ordem da produção e isolamento em relação à ordem sócio-familiar (Castel, 1994).

Vale ressaltar, também, que o universo familiar desses sujeitos encontra-se, segundo Castel (1994), pouco estruturado onde as transmissões dos valores se tornam contraditórios devido às migrações frequentes, determinando, assim, aspectos negativos para a identidade, como por exemplo os maus desempenhos escolares, a desqualificação profissional e o sentimento de não pertencimento ao próprio lugar que habita. Nessa perspectiva, “(...) a fragilização da estrutura familiar... circunscreve uma zona de vulnerabilidade relacional, sobretudo para as famílias mais desprovidas... Ela representa uma correnteza que, ao misturar-se com outras águas, alimenta o viveiro da desfiliação” (Castel, 1994; p. 42).

Entretanto, os avanços tecnológicos parecem não ser os únicos responsáveis para os infortúnios destes sujeitos, pois, verificamos que outros sujeitos também se encontram na mesma condição e não têm suas atividades de trabalho vinculadas ao campo, como as atividades de pintor, serralheiro, frentista, topógrafo, etc. Contudo, as condições que parecem facilitar a errância conjugam uma complexidade de fatores sociais, econômicos, afetivos e psicológicos que analisaremos, a seguir, nos aspectos qualitativos desta pesquisa. Seja como for, o desemprego parece representar para estes sujeitos um dos principais desafios a ser enfrentado, pois, a perambulação pelas

rodovias está associada ao desejo de vencer as adversidades impostas pelas novas exigências do capitalismo contemporâneo numa cultura altamente narcisista.

Parte II: Aspectos Qualitativos

Antes de apresentarmos as categorias de análise, vale ressaltar aqui as dificuldades encontradas durante a etapa de coleta dos dados realizadas no primeiro semestre de 2003. Pelo próprio caráter errático dos sujeitos que sempre estão em circulação pelas rodovias e quase não procuram as instituições assistenciais dos municípios, nem sempre nossas visitas ao Cetrem se efetivavam de maneira satisfatória.

Outro fator que dificultou nossos contatos com os sujeitos desta pesquisa está relacionado ao termo de consentimento a ser assinado por eles. Tal medida era interpretada como ameaçadora e associavam a presença do pesquisador como um agente ligado ao poder judiciário, situação esta solucionada após um bom *rapport* estabelecido durante um certo período com os mesmos.

Entretanto, após termos conseguido estabelecer uma certa confiabilidade, as entrevistas avançaram gradativamente. Após a finalização da coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra para não perdemos os detalhes apresentados pelos sujeitos em seus depoimentos. Esta etapa, embora exaustiva, possibilitou nossas primeiras impressões sobre a trajetória de vida destes sujeitos e permitiu, posteriormente, a sistematização e elaboração das categorias. Para que possamos visualizar as etapas qualitativas a serem analisadas neste tópico, apresentamos, a seguir, a Tabela 3 que descreve as categorias e subcategorias da sistematização dos dados.

Tabela 3: Apresentação das categorias e subcategorias de análise.

Categorias	Subcategorias
A. Motivos para a Desfiliação	A1. desemprego A2. decepção amorosa A3. violência familiar A4. busca de liberdade
B. Estilos de Vida	B1. vida sedentária B2. vida errante
C. Eventos Marcantes na Estrada	C1. vítimas de roubo C2. solidariedade
D. Modos de Sobrevivência na Estrada	D1. trabalho temporário D2. mendicância
E. Vínculos Familiares	E1. desvinculações E2. contatos esporádicos
F. Início do Uso do Álcool	F1. infância F2. adolescência F3. vida adulta
G. Motivos do Uso do Álcool na Estrada	G1. esquecer problemas G2. criar coragem
H. O Álcool no Cotidiano da Estrada	H1. uso compartilhado H2. uso individual H3. aquisição da bebida
I. Perspectivas de Vida	I1. sedentarismo I2. abandono do álcool I3. contatos filiais

A. MOTIVOS PARA A DESFILIAÇÃO

As razões apresentadas para a desfiliação social parecem estar relacionadas a três acontecimentos nucleares importantes vivenciados ao longo da vida dos sujeitos, como o desemprego, a violência familiar e a decepção amorosa. Os sujeitos relatam que esses eventos, ora interligados, ora conjugados separadamente, são os principais motivos que culminaram para o abandono do sedentarismo e a impulsão para a vida errante. Para que possamos compreender estes acontecimentos nucleares, pormenorizadamente, dividimos essa categoria em quatro (04) subcategorias:

A1. Desemprego: a falta de um emprego estável aparece em quase todos os relatos como o principal fator desencadeante para a errância. Associadas a ausência de um lugar fixo para ficar e às dificuldades para encontrar um novo trabalho, em função da desqualificação da mão-de-obra, a busca incessante por um emprego na estrada, parece constituir-se na principal tormenta que enfrentam no dia-a-dia. Exemplos:

“Foi a falta de serviço que me levou a andar porque eu sempre fui atrás de serviço... Aonde eu morava com meus pais tava ruim de serviço, não tinha nada, então eu saí pro trecho pra ver se as coisas melhoravam pra mim, mas até agora não consegui muita coisa não... é um biquinho [trabalho temporário] ali, outro aqui, mas nada que dá pra juntar dinheiro”. (S2).

“A gente vem caçando serviço, né? Ver se ganha um dinheiro pra chegar num outro lugar, arrumar um lugar fixo, mas tá difícil...” (S4).

“Pra te falar a verdade, foi o financeiro... a gente quase morre de andar e não consegue grande coisa... o motivo mais é esse, arranjar um trabalho numa fazenda, ter suas coisinhas, ter sossego na vida porque esse negócio de andar por aí em busca de trabalho, não tá com nada não”. (S6).

“(...) perdi meu trabalho em São Paulo, comecei a andar, fui pro Rio de Janeiro a pé, cheguei a trabalhar no cinema de vendedor de bilhete, só que não deu certo... aí me veio na idéia voltar pra Londrina (PR), minha terra natal e tentar a sorte por aqui...” (S7).

“O motivo é desemprego, na minha cidade serviço é difícil, é desemprego, a gente não tá achando nada aí no trecho não...” (S8).

“(...) o motivo é falta de serviço porque eu trabalhando, eu posso arrumar um lugar fixo pra mim...” (S10).

“Isso não é uma escolha, isso para mim é uma necessidade, que tive, que tenho, né? Isso não é porque eu quero, é por causa que eu não tenho aonde ficar, tô sem serviço, essas coisas”. (S11).

“Eu escolhi a vida do trecho porque não tem serviço aonde eu moro, né? Onde que minha família mora não tem serviço e resolvi andar um pouco, né”. (S12).

“Ah!, é ruim, né, mas a gente é obrigado a andar porque não tem uma colocação, um lugar fixo pra ficar, então vai pra um canto, trabalha num canto, trabalha num outro e assim vai tocando o barco...” (S13).

A2. Decepção amorosa: a infidelidade da esposa ou parceira fixa aparece nos relatos como um outro motivo que impulsiona o sujeito a romper com a vida sedentária. Chama atenção a condição de vítima apresentada por alguns sujeitos quando dizem ser os últimos a saber de tal acontecimento, conforme podemos verificar nos seguintes relatos:

“Foi a decepção... a mulher me chifrou, então fui embora e tô nessa vida de trecho procurando alguma coisa, apesar que agora não sou aquele homem sadio, mas não tem problema, vou seguindo em frente pra sair dessa vida”. (S3).

“A decepção foi a minha ex-mulher que me abandonou com meus filho, então é a única decepção que eu mais tenho... uns amigo meu me falaram que ela tava se encontrando com um motorista de ônibus quando eu tava procurando um bico pra fazer...” (S5).

“O motivo foi que minha mulher tava me corneando eu, né? Aí separemo. Fiquei sabendo pela boca dos vizinhos, o pai dela mesmo foi o primeiro que contou pra mim... separei numa boa, fiquei com ela 16 anos... quando eu tava com ela, eu apanhava café numa lavoura perto de Londrina (PR), mas

também cortava cana... depois que eu separei da minha mulher, nunca mais cortei cana, perdi meus documentos e ando meio sem rumo por aí”. (S9).

“(...) Eu peguei ela com um cara em cima da cama. Eu trabalhava num circo, cuidava dos animais e quando eu cheguei em casa, ela tava com um cara, eu não fiz nada, deu vontade de tirar a vida dos dois, daí peguei, mandei ela embora e ela me chamou de corno, só isso...” (S13).

“Ah!, rapaz, a gente... sabe de um negócio? Toda gente tem problema... Depois a mulher traiu, né meu, depois eu fiquei sabendo pela boca dos outros, e peguei e falei para ela pegar seu rumo... então cada um segue seus passos...” (S14).

A3. Violência familiar: a vivência em família atravessada por maus tratos e violência nas relações familiares, aparece nos relatos como um outro motivo que impulsiona o sujeito para a condição errante. Desentendimentos com o pai e irmãos desde a infância são narrados pelos sujeitos como fatores que contribuem para a desfiliação, pois, tais conflitos são permeados por agressões, conforme podemos observar nos relatos a seguir:

“(...) quando eu tava com meu pai, ele era muito bruto pra lidar, não tinha estudo, então ele queria lidar com a gente à moda antiga, né? Então com 18 anos, eu não quis ficar com ele por causa disso... às vezes eu até chegava a discutir com ele, então pra não ficar discutindo, quando completei 18 anos e não queria mais tolerar meu pai, achei melhor sair”. (S1).

“A minha família é meio complicada... eu não tinha arranjo com meus irmãos, não tinha arranjo com meu pai, não tinha arranjo com minha mãe... então cada um segue sua vida, entendeu? Meu pai foi muito brabo comigo, achava que eu era um cachorro e me batia muito até cansar” (S3).

“Pai e mãe já morreram... eu nunca se dei bem com meu pai... a gente brigava muito, ele queria as coisas de um jeito e eu de outra, daí peguei e saí pro trecho, né? Com 15 anos de idade eu saí pro trecho...” (S5).

“Foi não combinar com minha família desde criança... eles [pais] me tratava mal demais... batia, me trancavam no banheiro... não foi fácil essa vida não... aí meu pai morreu, minha mãe se juntou com um nó cego aí... e eu pulei fora mesmo...” (S7).

“A minha mãe e meu pai é tudo muito ruim, tudo bem de vida, mas... não sabe conversar com a gente. Só sabe conversar na base da porrada, na base do estúpido, não sabe trocar umas idéias sadia. Só quer saber de judiar da gente, daí peguei e fui embora. Meus pais me batia, me deixava amarrado no pé da árvore e me metia o cacete, e fui obrigado a sair né. Eles me batia de reio, mangueira...” (S13).

A4. Busca por liberdade: embora o desemprego, a decepção amorosa e a violência familiar tenham predominado nas falas, encontramos alguns sujeitos que mencionam a busca da liberdade e as aventuras por outros lugares como o principal motivo para a errância. Exemplos:

“O problema de eu sair de casa é porque eu queria ser uma pessoa feliz, assim... livre, chegar e trabalhar num lugar... Agora a pessoa que tá andando no trecho pode saber que ela tem problema com a família ou não tem paciência de ficar dentro de uma firma fechado... e tolerar patrão, encarregado. Então se ele não quer tolerar, ele procura o lado mais fácil que é o lado de viver livre, hoje ele tá aqui, amanhã ele tá lá, então é isso aí, ele quer ser livre”. (S1).

“(...) Eu sempre quis conhecer o mundo, já andei muitas vezes fora do país... já fui no Chile, Paraguai ficava um ano, dois ano e voltava pro Brasil de novo... e ninguém te enche o saco” (S2).

“(...) a única vantagem de correr o trecho é a liberdade, né? Cê é livre, chega num lugar e não dá certo, cê sai e não precisa dar satisfação pra ninguém”. (S6).

“O motivo é... uma aventura mesmo, conhecer o mundo de uma certa forma, tem gente que conhece o mundo de trem ou de ônibus fazendo turismo, eu já faço um turismo diferente, mais forçado, mas sempre atrás de trabalho”. (S8).

Conforme podemos observar nos exemplos acima, o desemprego, os conflitos familiares e a decepção amorosa parecem se constituir na trilogia central dos motivos para a ruptura dos trecheiros com o modo de vida sedentário. O desemprego desses indivíduos, associado a uma mão-de-obra desqualificada para o atual mercado de trabalho, parece se constituir, ainda, como o principal fator que contribui para a inserção deles nas zonas de turbulências sociais e alimentam, desse modo, a instalação da *vulnerabilidade* e, conseqüentemente, a *desfiliação social*, tal como assinala Castel (1994; 1998).

Nesta situação de produtivismo intenso da economia globalizada, a qualificação profissional determina o grau de coesão e participação com as estruturas sociais. Neste aspecto, a falta de um emprego estável e duradouro parece impossibilitar a (re)inserção destes sujeitos na “zona de integração” assinalada por Castel (1994). Vivenciando a extrema miséria, sobrevivendo de maneira precária pelos acostamentos das rodovias, os trecheiros simbolizam verdadeiramente, o paradigma do *self made man* num narcisismo às avessas, pois, nada lhes resta a não ser seu próprio corpo e sua *individualidade negativa* deslocada para a zona de desfiliação social já que, por não possuírem uma marca registrada que os diferenciem dos outros pelos seus atributos pessoais, fazem da errância sua condição de vida.

Restam então o tédio e a derrição, as pequenas artimanhas ou as pequenas caças, as andanças pela cidade e as rondas noturnas, o perambular, a vagabundagem no mesmo lugar e sem horizonte... se encontram, entretanto, sobre a crista da onda e representam um dos pontos avançados da desfiliação, mostrando seu limite, uma maneira de ser e de saber que é “inútil ao mundo”, para retomar uma qualificação aplicada primeiramente aos vagabundos da Idade Média. (Castel, 1994, p. 44-45).

A cultura do narcisismo na sociedade do espetáculo parece impor ao sujeito, regras precisas e extremamente sofisticadas em que as imagens ou aparências de sucesso projetadas pelo trabalho, tornam-se os principais bens e aquisições a serem conquistadas pelo indivíduo no mundo. Nesse sentido, o errante se coloca em uma situação contraditória, pois, ao mesmo tempo em que lhe cobram a inserção no mercado de trabalho, pouco lhe é oferecido em termos de estabilidade que assegure sua subsistência (Castel, 1994, 1998; Paugam, 1999; Ehrenberg, 1991; Debord, 1991; Lasch, 1983). Tampouco fazem parte de um exército de reserva, pois foram dispensados até mesmo das filas de aguardo de vagas, tornando-se completamente alijados dos núcleos de acesso ao “espetáculo do crescimento” e engrandecimento da sociedade e do próprio sujeito.

Deste modo, a cultura narcisista, assim constituída, acaba desenvolvendo inúmeros problemas sociais para a população menos favorecida economicamente e dificulta ou diminui as possibilidades de (re)inserção destes indivíduos no espaço social. Nessas circunstâncias, o sujeito errante pode desenvolver um modo de vida que é de fato distinto, mas que não inspira celebração ou promoção, pois, ele é atirado num cotidiano extremamente rudimentar, na qual as adversidades se

configuram como um senso onipresente de incerteza (Snow & Anderson, 1998). Portanto, o trabalho estável parece exercer grande importância para estes sujeitos e, de modo geral, continua sendo uma referência não só econômica, mas também psicológica, cultural e simbolicamente dominante, pois, ainda determina os níveis de relação entre o indivíduo e a sociedade.

Conflitos familiares e a decepção amorosa, principalmente a infidelidade da mulher, parecem contribuir, também, como um dos principais motivos que levam o sujeito errante a romper com os nichos de fixação social. Tais problemas são também apontados por Paugam (1999) ao assinalar que quanto mais a situação no mercado de trabalho se degrada, maior é a experiência de divórcio ou separação. Nesse sentido, parece existir uma correlação entre a falta de trabalho e problemas conjugais, pois, o desempregado, depois de repetidos fracassos para encontrar uma ocupação, perde seus principais pontos de referência e pode atravessar uma profunda crise de identidade que culmina na desintegração familiar e separação conjugal (Paugam, 1999).

A questão da infidelidade parece representar (no caso da errância e dos trecheiros especificamente), uma das maiores tragédias ocorridas na vida destes sujeitos, pois, a mulher parece significar para eles a última ancoragem antes do naufrágio inevitável que é a experiência de desfiliação e instalação na precariedade sócio-relacional decorrente do desemprego. Assim, a traição da mulher é o cimo ou a síntese das outras “traições” sofridas numa sociedade prenhe de promessas de satisfação e felicidade, mas que acaba impondo à errância, a frustração e o sofrimento. A traição da mulher representa, ainda, a impotência do sujeito porque na cultura masculina a infidelidade denota uma humilhação vergonhosa que precisa ser

eliminada a fim de se restabelecer a honra e os valores da tradição machista (Bourdieu, 1999).

Conflitos vivenciados no núcleo familiar originário também aparece como uma das razões apontadas pelos sujeitos como fator decisivo para a desfiliação social. O desentendimento com os pais desde a infância parece ser o reflexo da constatação de uma família que apresenta, além do fator migratório, diversos problemas constitutivos em sua organização. Enquanto se considera que a maior parte das pessoas tem um sistema de apoio familiar que elas podem ativar em épocas de crise pessoal, aqueles que se encontram na errância não têm tamanha sorte e se vêem desprovidos de um lar calorosamente acolhedor em tempos de dificuldades sócio-econômicas.

A principal razão dessa marginalização precoce é a ausência de relações estáveis com a família. Para os que encontram grandes dificuldades em se inserir na vida profissional, não poder ser ajudado pelos membros de sua família, constitui uma privação de uma das formas mais elementares de solidariedade. (Paugam, 199; p. 77).

Assim, a instabilidade familiar pode se tornar, para determinados indivíduos, um fator decisivo de disfunção e turbulência que vai se agravando até o rompimento definitivo do sujeito com essa instituição social. Segundo Snow e Anderson (1998), os conflitos vivenciados por estes sujeitos acentuam a fragilidade e a ambivalência dos vínculos familiares, reforçando a hipótese que famílias multi-problemáticas tendem a se dispersarem quando não encontram alternativas para permanecerem juntas devidos aos infortúnios colhidos ao longo dos anos.

Situados nessas condições, alguns sujeitos vêem na errância a possibilidade de se libertar dos conflitos intermediados pela família e se lançam pelas estradas em busca de melhores oportunidades sócio-econômicas. O gesto de partir, abandonando o sedentarismo, soa como um grito de libertação de todas as sedimentações que cercam estes sujeitos. Para alguns, a errância nas estradas significa não só a conquista da liberdade diante de um sedentarismo aprisionante, mas a libertação das obrigações sociais, da intolerância com o patrão, das dívidas a pagar, da opressão da vida estabelecida, etc.

Entretanto, essa suposta sensação de liberdade tem um preço a ser pago que é justamente carregar o peso de uma gama de situações adversas e inesperadas num cotidiano caracterizado por um *individualismo negativo*. Segundo Castel (1998), “(...) essas prerrogativas do individualismo vão, assim, se aplicar a indivíduos que, da liberdade, conhecem sobretudo a falta de vínculos e, da autonomia, a ausência de suportes... acentuando, assim, o caráter anômico da individualidade negativa” (p. 598-599).

Portanto, as condições que favorecem a ruptura de determinados sujeitos com o sedentarismo estável indicam um complexo conjunto de fatores sociais, econômicos e psicológicos que, intermediados pelo desemprego, decepção amorosa, violência familiar e tantos outros, interagem nas mais diversificadas formas de deslocamentos geográficos, fazendo da errância – movimentações minimamente indefinidas - uma das condições que assolam o mundo contemporâneo.

B. ESTILOS DE VIDA

Esta categoria teve por objetivos compreender como os sujeitos conduziam suas vidas antes do processo de desfiliação e após a ruptura com o sedentarismo. Os relatos indicam que existem contrastes entre os dois estilos de vida, pois, o sujeito que se encontrava numa condição de estabilidade, de repente, se vê numa situação absolutamente precária, marcada pela miséria e o desamparo extremo, como ilustra as seguintes subcategorias:

B1. Vida sedentária: a maioria dos sujeitos nos relata que suas vidas antes da desfiliação eram um pouco melhor apesar de serem marcadas por certos conflitos no âmbito familiar, como desentendimentos com os irmãos e também esposa. A maioria relata, ainda, que possuía algum emprego e até mesmo residência, parecendo nos indicar, assim, que julgam a vida sedentária do passado como melhor que a atual condição de vida. Exemplos:

“(...) Agora a vida de antes, era um pouco melhor porque você tinha um abrigo, morava com os pais, tinha sua cama, comida e no trecho a gente passa fome, sede, é uma vida sem valor. Depois eu também desentendi com uma irmã que mora com meus pais, então resolvi sair pro mundo”. (S2).

“A vida que tinha antes era melhor por causa que trabalhava de topografia, tinha um salário, era melhor... só que serviço acabou e a gente ficou nessa vida de cachorro, vai ali, vem aqui pra ver se acha alguma ocupação nas lavoura, essas coisa”. (S3).

“A vida de antes quando tinha serviço no começo, era muito bom, né? Aí o serviço fracassou, ficava mais parado que trabalhando, e aquela discussão em casa... a mulher pegava no pé porque não tava trabalhando, saía pra caçar serviço, falava que a gente ia pro boteco tomar cachaça...”. (S4).

“Olha, há uns 05 anos de casado, a vida foi boa, eu achei que tinha escapado do trecho, tinha uma vida boa, tinha um emprego... Aí foi tendo aquela crítica entre eu e a família e tal... A mulher pegava no pé, qualquer coisa que fazia, ficava cobrando, uma vida meio complicada”. (S5).

“A vida era boa, serviço, assim, normal, casamento... trabalhava num posto de gasolina, tranqüilo, sossegado... ficamos poucos anos juntos, não deu certo... perdi o serviço, não achava nada, daí saí pra tentar o trecho aí...” (S6).

“A vida de antes era melhor porque eu tinha dinheiro no bolso, tinha trabalho, de vez em quando tomava um aperitivo, eu dormia em hotel, sempre tinha dinheiro pra comprar presente pros meus pais...” (S8).

“(...) Quando eu vivia com minha mulher era um pouco melhor do que hoje, tinha casa, morava numa fazenda de milho, perto de Londrina (PR), tinha a vida normalizada, arroz, feijão, não passava necessidade, né?” (S9).

“A vida de antes era melhor! Vixe! Ali eu tinha sua família, eu tinha meu lar, minha casa, eu levantava cedo minha marmita tava pronta pra ir pro serviço, eu sabia que quando saísse do serviço, eu tinha minha casa pro eu chegar, eu tava junto com meus filhos...” (S10).

“Ah!, eu acho que não tem nem jeito de fazer comparação, viu rapaz. A vida que eu tinha, pra levar uma vida dessa, é triste cara, tristeza. Tinha uma vida boa, né meu. Trabalhava, chegava à tarde, ter meu lugarzinho pra ficar, tomar meu banhinho, numa boa, televisão pra assistir, tudinho, né. Brincava com meus filhos... a gente não pode nem comparar a vida que a gente tinha com essa vida brava que a gente tem agora. Isso não é vida!...” (S14).

B2. Vida errante: a vida na estrada, por todas as suas dificuldades e instabilidades, é percebida pelos sujeitos como insuportável em função do clima, da falta de emprego, humilhação, penúria e sofrimento, mesmo para aqueles que, na categoria anterior, nos relataram a possibilidade de uma vida livre e sem compromissos. Exemplos:

“Ah! Essa vida de viver livre assim é bom, só que... chega num determinado tempo, com 48 anos pra frente, é que a pessoa vai sentir na pele que essa vida de andar pra lá e pra cá não tem condição, a pessoa é livre num ponto, mas fica assim, uma pessoa que não tem valor, né? Ninguém dá crédito, cê é humilhado... A vida no trecho, ela é uma alegria passageira...”. (S1).,

“A vida de trecheiro, não é uma vida boa não. Às vezes cê tá num lugar, não acha nada pra fazer, então tem que correr o trecho pra outra cidade pra ver se arruma alguma coisa... então a pessoa não tem sossego nessa vida. Passa necessidade de tudo, é frio, chuva, monte de coisas, tudo fica sem sentido quando você tá no trecho passando fome, não ter uma sandália pra calçar... então não é uma vida pra um ser humano viver não... A vida do trecho é uma vida sofrida bicho! A turma só falta pisar em cima de você!”. (S2)

“A vida no trecho não é ruim, nem é boa, depende do patrimônio da pessoa. Depende do serviço que achar. Qualquer lugar pra ele é bom se ele tem essa noção. Hoje mesmo eu cheguei aqui [Cetrem] com umas dor nas pernas desgraçada, estou vindo de Campo Grande (MS), andei bastante ontem, mais ou meno uns 80 Km até chegar aqui. Então cê chega com sede, às vezes não tem nada pro comer, é fome, é tudo isso...”. (S3).

“Minha vida perdeu o sentido depois que saí pra estrada. Antes eu dormia, acordava cedo, tinha minha mulher, meus filhos, um servicinho pra fazer... Hoje, eu não durmo direito, passo fome, estou longe dos meus filhos, ando igual um condenado, ninguém te respeita, é uma vida que não tem razão pra ser! A vida de hoje, Deus o livre, a vida é muito ruim, falta de tudo, desde

água até comida. A pessoa não tem hora pra nada, tem dia que come, tem dia que não come porque não chega no posto, é uma vida de sofrimento...”. (S4).

“Olha, a gente não pode entregar os pontos não. Hoje tá ruim, mas amanhã pode ficar melhor. Eu já tive família, trabalhei com trator, hoje não tenho nada, nem um puto [dinheiro], mas vou na luta pra ver se consigo alguma coisa. Esse trechão aí é uma confusão danada, tem dia que dá vontade de desistir, de se matar, mas aí, eu sempre falo comigo que se um dia eu já tive tudo isso, por quê não posso conseguir tudo de novo?”. (S5).

“Vou rodando aí, sabe?... tô meio perdido no trecho, vai num canto não dá certo, vai em outro não dá certo... vivi uns tempo com uma mulher, também não deu certo... já rodei pros lado de Ibitinga (SP), Coxim (MS)... Eu paro quando tô cansado mesmo, quando tô esgotado mesmo de tanto andar, não acha serviço, nem nada. É ruim viu, moço, é ruim! A gente sofre por causa de comida, um lugar pro cê dormir, um banho pro cê tomar, tem hora que um banho faz falta pra gente... a única vantagem de correr o trecho é a liberdade, né? Cê é livre, chega num lugar e não dá certo, cê sai e não precisa dar satisfação pra ninguém...”. (S6).

“A vida no trecho é sofrida, no começo eu nem sabia pedir comida, andei muito de São Paulo à Taubaté (SP) a pé... no trecho por estar numa situação dessa, a gente é discriminado, muitas vezes marginalizado, as pessoas tem medo, a gente passa fome, frio...”. (S7).

“No trecho, a sede é pior que a fome! Se não tiver água, a comida não vale nada. É uma vida miserável, se chove, não dá pra andar porque se molhar pode pegar uma pneumonia, aí pode ser pior, se tá muito calor e não tem água, também não é fácil, banho, só se achar um rio ou pedir nos posto pra deixar... não tem nada fácil. Hoje no trecho é só desvantagem, a vantagem que tem é só se arrumar serviço, senão arrumar, muito gasto, desgasta roupa, desgasta calçado, chinelo, desgasta o corpo, come mal...”. (S8).

“É uma vida triste... é uma vida sem rumo certo porque a gente tem uma direção de ir pra um lugar aí, chega lá tá ruim de serviço, tem de ir pra outra cidade e assim vai indo sem parar e fincar o pé num lugar só, é duro, rapaz! O trecho, não tem nada disso, passa sede, frio, fome, teve dia que fiquei dois dias sem saber o que era comer um prato de comida... eu tava na região de Mato Grosso do Sul, não tinha nem posto de gasolina perto. Tive que andar mais ou menos uns 120 km pra poder chegar num posto”. (S9).

“A vida de hoje é muito difícil, cê sofre demais! A gente vai se acabando, então a gente se acaba com o corpo, com o físico da gente, a gente pensa demais, pensa na família, cê pensa onde vai chegar, se vai ser bem recebido e arrumar um serviço... no trecho não tem um lugar fixo pra ficar... tem muita dificuldade pra fazer documento também...”. (S10).

“Ah!, rapaz. Acho que a vida de trecheiro não é vida de gente não, viu. Eu acho que pra mim... é uma vida muito sofrida cara, o cara fica mais andando de a pé aí, nesse cafundó, eu tenho vergonha, tem hora que a gente sente até envergonhado de chegar nas pessoas e pedir assim um café, uma coisa assim... E esse negócio do trecho a cada dia o cara se pasta, leva vantagem nenhuma. A única vantagem que leva é canseira, e dia por dia se acabando aos poucos. Mesma coisa de um carro quando tá correndo na pista e os pneus vai se acabando, então é a mesma coisa a vida do trecheiro!”. (S14).

Conforme podemos verificar nos relatos acima, a passagem da vida sedentária para a vida errante parece ser permeada por acontecimentos típicos de uma cultura em que se privilegia a performance, o individualismo e o espetáculo, sem considerar as condições pessoais e subjetivas de cada indivíduo na sociedade. Quando abordamos junto aos sujeitos como eles percebiam suas vidas pautadas no sedentarismo “estável” em contrapartida com sua atual condição de vida, verificamos

uma certa “nostalgia” com o passado em que muitos possuíam um teto para se abrigar e uma família a quem se socorrer em períodos de dificuldades.

A sociedade do espetáculo na medida em que alimenta condições para a espetaculização do sujeito através da aquisição de bens nos planos micro e macrosocial (família, moradia, emprego, status, etc), representa a possibilidade de pertencimento a uma cultura pautada, exclusivamente, na exaltação da imagem (Ehrenberg, 1991; Debord, 1991, Lasch, 1983). A cultura do narcisismo completamente enraizada no imaginário social parece criar, neste contexto, um sério problema para o sujeito ao centrar na performance e no consumo diferenciado boa parte da realização social, pois, a possibilidade de consumo transformou-se no principal emblema de sucesso individual onde a aquisição de bens diferencia as relações estabelecidas no cenário social e relativiza a noção de “exclusão” na qual o sujeito torna-se excluído não por necessidades básicas, mas, principalmente, por não possuir o que outras pessoas exibem ostensivamente (Dupas, 1999; Calligaris, 1999).

Deste modo, podemos compreender que o fenômeno da errância exemplifica, de maneira indelével, exatamente a impossibilidade de acesso a estas diferenciações mediadas pelos bens de consumo, pois, como vimos, grande parte dos trecheiros são oriundos de uma classe de baixo poder aquisitivo que, conjugado com a desqualificação profissional, torna-se um agravante insofismável para o pertencimento a esta cultura das diferenciações e, porque não dizer, das frustrações (Dupas, 1999). Segundo Ehrenberg (1995), na sociedade de frustrações “(...) o imaginário de ascensão social persiste num contexto que não lhe é mais favorável e não se está certo de que ele será muito melhor no futuro” (p.16).

Assim, o culto da performance, do enaltecimento e da estetização do eu acabam se tornando um dilema aterrorizante para aqueles que não têm condições de

criar seu código de visibilidade na cena do espetáculo (Birman, 2000; Ehrenberg, 1991; Debord, 1991, Lasch, 1983). O resultado desse processo parece ser o surgimento de uma classe cada vez maior de miseráveis que se instalam na zona de desfiliação social, dando origem a um *individu incertain* que, despojado pelo enfraquecimento de acessibilidade ao conjunto figurativo da coesão social, tenta criar mecanismos que sustentem ou mantêm sua individualidade, mesmo que negativa (Ehrenberg, 1995; Castel, 1998).

Deslocados para fora do pertencimento de uma coesão social, os errantes parecem representar, simbolicamente, o estigma do *indivíduo incerto*: suas vidas são marcadas profundamente pelas incertezas, instabilidades e à medida que se arrastam os dias e os meses, começam a perder de vista o mundo de onde vieram, tal como assinalam Snow e Anderson (1998). Assim, essas incertezas passam a fazer parte do *status quo* da errância e condiciona o sujeito “a se virar como pode” no dia-a-dia.

Portanto, o estilo de vida dos sujeitos deste estudo é marcado por dois momentos distintos e decisivos: um relacionado ao sedentarismo que se enfraquece na medida em que se desmoronam as possibilidades de pertencimento social e outro relacionado a uma errância implacável e radical que dissipa toda e qualquer possibilidade de estabelecimento de vínculos no plano sócio-afetivo. O sujeito assim constituído faz da errância sua condição extremada de existência, na qual a provisoriedade absoluta, o sofrimento e a miséria parecem tornar-se os maiores desafios para sua sobrevivência. Nesse sentido, segundo Justo (1998), a vida na estrada expressa, ainda, “(...) a luta contra a morte, a tentativa limite de lutar pela vida, de sobreviver mesmo não tendo teto, um lugar para ficar, um agasalho e alimentação” (p. 137).

Portanto, parece haver estreita relação entre a cultura do narcisismo e a maneira pela qual se desenvolvem as condições propícias para a errância. Se o indivíduo não possuir condições econômicas, sociais e principalmente subjetivas para vencer as tiranias impostas pelo culto da performance, corre um sério risco de cair para as “zonas de turbulências sociais”, compreendidas aqui pela zona de vulnerabilidade e zona de desfiliação (Castel, 1994).

No caso específico de indivíduos com baixo nível escolaridade, desempregados, permeados por diversos conflitos familiares e situados no limite da miséria, que alternativas lhes restam para escapar de um processo de desqualificação iminente? Segundo Castel (1994; 1998), pouco lhes restam a fazer porque não apresentam nenhum *royalty* que lhes garantam o visto de entrada ao almejado paraíso da performance, pois, suas qualificações são negativas e literalmente são considerados inúteis para o mundo. Assim, o fenômeno da errância parece representar o paradoxo inexorável do mundo completamente fetichizado pela objetificação material, cujas conseqüências são as metamorfoses de um individualismo negativo minado pela não-segurança e pela ausência de proteções.

C. EVENTOS MARCANTES NA ESTRADA

Esta categoria de análise teve por objetivo conhecer junto aos sujeitos quais os eventos que marcam suas trajetórias de vida na condição de errantes. Episódios relacionados a roubos cometidos por outros trecheiros, bem como ajuda de viajantes que oferecem alguma alimentação, são os acontecimentos mais citados por eles, conforme ilustram as seguintes subcategorias:

C1. Vítimas de roubo: as experiências vivenciadas no trecho por parte dos sujeitos estão relacionadas a fatos que envolvem algum tipo de roubo por parte de outros trecheiros. Aqui vale destacar que estes acontecimentos são realizados por pequenos bandos que circundam as imediações da cidade, conhecidos por eles como “pardais”, e roubam os poucos pertences que carregam, tais como: documentos, objetos utilitários, etc. Exemplos:

“(...) Uma vez fui roubado por pardais lá em Maringá (PR). Roubaram minha bolsa com todo os meu documento. Eles fala que é trecheiro, mas eles são da cidade, são vagabundo, ficam na praça tomando cachaça...”. (S5).

“A única coisa que eu notei só foi quando eu vinha vindo de Foz do Iguaçu (PR) pra Cascavel (PR) que roubaram minha mochila, a minha ferramenta de pedreiro e a minha carteira de trabalho... foram os pardais que me pegaram meu CIC, a identidade, meu título de eleitor e carteira de trabalho... então fica muito difícil cê fazer o trecho desse jeito...”. (S10).

“Já me roubaram eu, roubaram todo o meu documento, não tenho nada para tirar outro, não é fácil... acho que foi aqueles povo que usa droga, né? Tinha 50 real, foi seis pessoa com um pedaço de pau, seis moleque, acho que era moleque pelo jeito deles, né? Foi lá perto de Presidente Prudente (SP), aí, vim pra cá assim, machucado...” (S12).

“(...) eu andei de Bauru (SP) até aqui [Assis/SP], a pé. Roubaram minha roupa lá em Marília (SP), as desvantagens são essas. Às vezes vem um trecheiro e te rouba, aí você se envoca e corre atrás, quer cobrar coisa que é tua, e acaba acontecendo coisa errada, e outra, não tem como se tratar e nada, estou sem documento agora e queria arrumar umas coisas pra fazer os dentes e não tenho condições porque não tem serviço, não tenho como pagar...” (S15).

“O trecho é o seguinte: tem pessoa boa e pessoa ruim. Já fui roubado em Itapeva (SP) quando parei num posto pra pedir comida. Deixei minhas coisas do lado de fora do posto, perto da borracharia e tinha dois trecheiros sentado mais pra frente e no que voltei já se mandaram com todo os meu documento, minha flauta doce que gostava de tocar, meu pente... fiquei sem nada. A minha sorte é que o cara da borracharia me deu um pedaço de lona de caminhão, me arrumou um cobertor fininho, me arrumou um saco plástico...” (S16).

C2. Solidariedade: os relatos apresentados pelos trecheiros nesta subcategoria parecem indicar que em determinadas ocasiões, algumas pessoas que trafegam com seus veículos pelas estradas param para oferecer algum tipo de ajuda como doação de alimentos, calçados e até mesmo caronas para a próxima cidade. Expostos a vivenciarem a humilhação, a discriminação e tendo a solidão como companheira inseparável, a solidariedade praticada por aqueles que ainda se comovem com essas situações, é percebida como significativa para eles. Exemplos:

“A experiência da estrada é assim... uns oferecem uma alimentação, uma carona, né? Outro já discrimina a pessoa que tá andando... acha que pode ser um malandro, então o trecheiro é discriminado de vários tipos, mas as pessoas vê ele diferente. Mas muitos caminhoneiro ajuda a gente, te oferece carona, te paga um marmite, tem muita gente boa na estrada, entendeu?”. (S1).

“Uma vez eu tava andando e um carro parou e me deu um refrigerante, um pacotinho de bolacha e o cara me ofereceu carona pra próxima cidade. Isso eu não esqueço por causa que não é todo mundo que te oferece carona na estrada não. Acha que cê é vagabundo, bandido, mas tem pessoa que tem um coração bom, se pudesse te ajudar mais, te ajudaria”. (S3).

“O que eu passei no trecho aí andando, tiveram pessoas, sabe?, que maltrataram, mas também teve muita gente que ajudou, só um caminhão

passar e jogar as coisas, pacote de bolacha, uma carreta chegar em mim, pro cara encostar uma carreta tem que perder tempo, chegar e me chamar, veio me deu uma pepsi geladinha, então tudo isso aí faz você pensar que vale a pena continuar indo e lutar pela vida”. (S7).

“Eu tava vindo daqui de Wenceslau Brás (PR), andando na estrada de manhã cedo, passou um senhor com uma F-4000 [caminhonete], fazendeiro com aqueles chapeuzão na cabeça, parou, me chamou e me deu dois pacotão de bolacha... e descendo pra Curitiba, também, uma senhora parou, deu um salgado, um caminhoneiro também tava fazendo refeição, eu tava sentado na beira da rodovia pra dar uma esticada nas pernas, descansar um pouco, o caminhoneiro já chegou e ofereceu uma refeição, então tem muita gente boa na estrada”. (S8).

“(...) uma vez uma pampinha [marca de automóvel] indo de Toledo (PR) pra Assis (SP), parou, me deu uma carona, era mais ou menos umas 11 horas, perguntou se eu almocei, aí encostou lá no posto, pagou um marmitex pra mim e me deu 5 reais pra mim e aí agradei ele...”. (S10).

“Ah! não sei te dizer não. O que eu lembro é que uma vez eu tava caído na estrada, tinha bebido demais, aí passou um caminhão boiadeiro e me pegaram e me levaram pra Ourinhos (SP), me internaram no Hospital Psiquiátrico por causa do alcoolismo, não lembro de nada. Fiquei lá umas duas semanas recuperando, depois me deixaram ir e nunca mais voltei... quer dizer, no trecho tem muita gente boa que ainda ajuda a gente”. (S11).

“Tem muita gente que ajuda nós que nem, eu tava andando de Rondonópolis (MT) pra Campo Grande (MS), meu chinelo arreventou a correia, aí tava andando descalço, passou um caminhoneiro e me jogou um par de chinelo havaiana já usado e aquilo lá me serviu na hora”. (S13).

“Às vezes você chega aí num canto, num bar, ninguém oferece nenhuma coxinha pra você, nem nada, só oferece a bebida. Inclusive, eu estava com

muita fome, cheguei no bar em Ourinhos (SP) e pedi um salgadinho pra comer, e o cara chegou e falou que se era uma pinga ele dava, aí eu falei: ‘não quero não’. Aí, tinha um freguês, uma pessoa muito boa, falou assim: ‘não, o rapaz pediu um salgado, você ofereceu uma pinga, então você pode pegar o salgado e dar para ele que eu pago’. Hoje em dia a maioria dos povo quer ver o pior da pessoa, às vezes o pessoal tá caído na sarjeta, quer mais derrubar ainda, né”. (S14).

Os relatos dessa categoria parecem demonstrar claramente as dificuldades enfrentadas por eles no cotidiano da estrada e apresentam, também, uma certa falta de identificação com as demais pessoas que estão no trecho. Embora apresentem um período de tempo longo nas estradas, a maioria dos sujeitos vivencia o isolamento e se recusa a estabelecer qualquer laço de proximidade com outros trecheiros situados na mesma condição.

Uma explicação possível para que eles tenham menos envolvimento com o seus pares é encontrada exatamente nos episódios de roubos das quais são vítimas. Embora não carreguem objetos valiosos que incentivam a cobiça de outros trecheiros - segundo Justo (2002), a maioria carrega pequenos pertences utilitários, como caneca, pente, colher, etc. - os roubos cometidos pelos “pardais” representam a possibilidade de perda da própria identidade que ainda carregam consigo, qual seja: a imagem de um indivíduo desempregado em busca de melhores oportunidades na vida. Isso pode ser verificado nos próprios relatos quando a maioria atribui grande importância para os documentos de identificação pessoal que, metaforicamente, representam uma espécie de “escudo” ou proteção contra discriminações sociais criadas em torno da condição de errante.

As experiências negativas vividas nestas situações parecem gerar uma certa desconfiança que resulta em relações individualistas nas estradas, fortalecendo a

necessidade de isolamento em que predomina a lei do “cada um para si”. Nascimento e Justo (2000) consideram, também, que essa lei do “cada um para si” está relacionada a acontecimentos traumáticos vivenciados pela a maioria, como as desavenças seguidas de mortes entre eles, uso abusivo de álcool, disputas ocasionais por mulheres do trecho, etc.

Confrontando-se com as incertezas e estranhezas provocadas pelas adversidades encontradas no dia-a-dia, o isolamento pode permitir ao trecheiro a possibilidade de pensar sobre suas experiências e identidades passadas com vistas a encontrar alternativas ou estratégias para sair da atual condição em que se encontra, pois, conforme já salientamos, a maioria não se identifica com sua condição de errante.

Esta constatação também é considerada por Snow e Anderson (1998), ao verificarem que “(...) eles estão entre os que buscam de modo mais freqüente tanto emprego convencional quanto trabalho de um dia... repudiam a identidade social de pessoa de rua e rapidamente enfatizam para os outros que não são como a maioria dos moradores de rua...” (p. 90). Assim, o isolamento e o distanciamento de seus pares na estrada podem estar relacionados, em parte, com a questão da identidade que, presa ao passado, impossibilita ao trecheiro o estabelecimento de novos vínculos sociais já que se reconhecem como trabalhadores desempregados que sofreram algum tipo de infortúnio na vida.

Entretanto, a vida no trecho também apresenta momentos de solidariedade quando muitos viajantes param para oferecer algum tipo de ajuda. Esses acontecimentos, pouco habituais nos dias de hoje em função da própria volatilidade, parecem apaziguar, momentaneamente, a solidão vivenciada pelo trecheiro e possibilita um contato anônimo e efêmero com o outro. Esse evento, visto como

marcante pela maioria, parece possibilitar, então, um momento singular para eles que estão acostumados a sofrer todos os tipos de discriminação devido à imagem estereotipada que carregam de sujeitos maltrapilhos, com roupas puídas e sujas, cabelos e barbas desleixados que aludem, para o senso comum, a caricatura de um marginal ou vagabundo que cravou a própria condição de miséria absoluta.

Curiosamente, este estigma, muito enraizado na cultura do narcisismo, passa a ser percebido pela maioria dos cidadãos como algo natural, dado pelas próprias condições contemporâneas em que se celebra o sucesso onde a culpa pelo fracasso pessoal é de responsabilidade única e exclusiva do próprio sujeito em suas ações. Trata-se, portanto, de uma naturalização da marginalidade e da pobreza como bem assinala Dejours (1999) ao analisar os processos de banalização da injustiça social em que a percepção do sofrimento alheio se transformou, *stricto sensu*, de uma postura de resignação e cumplicidade para outra de atenuação e tolerância das adversidades nos planos ético e político.

Nesse caso, podemos conjecturar que a errância pode ser o reflexo de uma sociedade que, ao celebrar a conquista pessoal como resultados de um processo democrático e igualitário, banaliza e naturaliza a desfiliação radical do trecheiro na medida em que considera a desigualdade, a migração e o deslocamento como condições tipicamente naturais na cultura.

D. MODOS DE SOBREVIVÊNCIA NA ESTRADA

A sobrevivência na estrada é com certeza um dos maiores desafios enfrentados pelos trecheiros. Embora estejam em uma situação de precariedade e dificuldades para prover o próprio sustento, muitos procuram por algum tipo de

trabalho temporário. Outros, pelos longos anos de errância e talvez desesperançosos quanto ao futuro, admitem pedir comida em casos extremos para sobreviver, conforme as seguintes subcategorias:

D1. Trabalho temporário: conforme já apresentamos acima, a busca por trabalho parece direcionar a trajetória de vida de certos sujeitos na estrada, indicando, assim, que muitos ainda se identificam como sujeitos desempregados. Neste caso, pedir comida parece significar para eles vagabundagem, humilhação e vergonha. Abaixo, apresentamos alguns relatos:

“Ah! a gente chegava num restaurante, via se tinha algum serviço pra fazer ali em troca da comida, né? Não gosto de pedir não, sempre procuro um trabalho que nem, agora eu tô pra ir pros lado de Sertãozinho (SP), me disseram que lá tem o corte da cana, então vou vê se pego alguma coisa por lá... esse negócio de pedir, às vezes a gente passa muito desaforo, te chamam de malandro, essas coisas”. (S1).

“A gente trabalha, sempre trabalhei, sempre consegui minhas coisas trabalhando. Eu não gosto de pedir não, se eu puder trabalhar, eu vou trabalhar pra matar minha fome... mas serviço tá difícil, então a luta é essa, evitar se humilhar pra comer e encontrar um emprego e tentar de novo”. (S2).

“Pedir comida eu não peço, quase morro de fome, mas não peço, eu fico delibitado, seco, rapaz, mas não peço porque me dá vergonha um pouco, sou um rapaz novo, trabalhador, eu quero é serviço, cara. Vou atrás de serviço, converso com um, serviço não tem, aí o cara acaba te ajudando, te dá um prato de comida, às vezes uns trocado pra ir tocando”. (S6).

“Às vezes trabalhando, fazendo um biquinho [trabalho temporário] pra alimentação, às vezes chega num posto de gasolina e vê se tem um serviço, uma tarefa, às vezes aparece um bico pra trabalhar em troca da alimentação,

aí trabalha dois três dias, sem lugar pra descansar, aí dorme no chão, põe um papelão e dorme... não gosto de pedir não, já fui copeiro e tenho vergonha de chegar e pedir porque ter o que já tive e hoje estar assim, não é fácil...”. (S8).

“Eu peço, trabalho, se eu achar serviço eu trabalho, também. Faço qualquer um, qualquer coisa, roça, servente, o que achar eu topo. Só que trabalho tá difícil pra todo mundo, né?”. (S12).

“Às vezes eu faço um bico [trabalho temporário] aí... uma coisa, né, passo aí na rodovia e o cara fala: ‘serviço não tenho, mas tenho umas grades pra fazer, uma porta nova, um toldo..., aí acabo fazendo e garanto uns troco...”. (S15).

D2. Mendicância: a necessidade de pedir comida como um dos meios de sobrevivência para determinados sujeitos, parece indicar aqui a última alternativa que eles encontram para ainda se manterem como pessoas probas e honestas em detrimento à possibilidade de envolvimento em atividades ilegais, como o roubo, por exemplo. Assim nos relatam:

“Eu só peço quando não tem jeito, não tem um trabalho pra fazer, então tem que pedir, é melhor que roubar, cê segue de cara limpa pra qualquer lugar que cê vai... as pessoa dos posto [gasolina] sempre dá um resto de comida que sobra do restaurante, né?”. (S3).

“De repente, dá fome, chega num restaurante em beira de estrada aí, conversa com o dono e pede comida. Nunca me negaram, mas não é mole pedir, mas se for mexer com coisas erradas é pior, a gente vai preso e como é que fica depois?...”. (S4).

“Olha, quando tô andando... tem vez que eu peço uma comida, comecei a pedir agora, de primeiro era mais fácil, cê arrumava serviço pra todo lado,

né?, Cê saía daqui, chegava ali, arrumava. Hoje não, hoje você arruma serviço mais é com gato [empreiteiro]... então agora tá difícil de sobreviver no trecho, agora tem de pedir e muitos te dão comida”. (S5).

“Nas estradas que eu passo, eu paro pra pedir água, comida, eu peço porque eles não negam a comida nos postos, dão café da manhã, dão comida, peço só quando tô com fome, com sede, isso não nego... meu pai me ensinou desde pequeno pra não matar e não roubar que o resto Deus dá um jeito...”. (S7).

“Tem que chegar nas casa e pedir, no restaurante também. O pessoal sempre ajuda, isso aí nunca negou... Eu acho melhor pedir do que ter que entrar numa fazenda pra roubar fruta, as vezes isso aí te põe até no SPC”. (S9).

“Nois pede. Chega, conta a história da gente, o que tá passando... postos de gasolina, casa de família, nunca negaram... todo o pessoal ajuda. Mas tem muito aí que mente, pede é dinheiro dizendo que é pra curar um machucado, comprar uma sandália, e compram é pinga, cigarro...”. (S10).

“Ah! eu vou falar a verdade, eu só não roubo, se eu tiver um bico eu faço, eu peço, não há necessidade de eu roubar, se fosse roubar seria pior, então eu peço. Se a pessoa não me dá, eu saio quieto e pronto”. (S11).

“Comida eu peço. Se eu tiver com fome, e alguém passando, isso aí eu peço mesmo. Porque a gente tá com fome, a gente pede em posto de gasolina, restaurante, aí a gente conversa com as pessoas, chama o gerente, e peço pra pessoa um salgado, quer dizer, eu tô sendo honesto com ele, entendeu?”. (S14).

“Se não tem trabalho a gente pede porque é melhor pedir do que roubar. Eu peço comida aonde eu tiver, se for num posto, vou pedir no posto, se tiver passando numa BR. e tiver ali uma barraca de fruta, peço também”. (S16).

Conforme podemos verificar nos relatos acima, o trabalho parece significar para os sujeitos a maior tormenta de sobrevivência na estrada e o principal meio de constituição de si. Adversidades constantes como o frio, a chuva, o sol, o relento e às vezes o próprio trajeto inóspito parece não desanimar estes sujeitos a seguirem seus míseros destinos nas longas jornadas percorridas. Conforme já analisamos em categorias anteriores, o trabalho parece representar para estes sujeitos o decoro, a dignidade e a *raison d'être* que os direcionam a enfrentar a lassidão e a superar os próprios limites.

Considerando a dificuldade que muitos experimentam ao tentar trabalhar para sair da condição de errantes e conhecendo as instituições que os acolhem, temporariamente (oferecendo comida e abrigo), não é de se surpreender que muitos acabam se adaptando e até se habituando a essa situação, haja vista que a maioria se encontra na estrada com um tempo superior a 04 anos (vide Tabela 2, p. 57). Como assinalam Snow e Anderson (1998), estes sujeitos “(...) vão se escorregando em direção à situação de *outsider*, mas continuam a fazer pelo menos esforços efêmeros de resistir”. (p. 298).

Assim, a busca pelo trabalho pode ser interpretada, também, como um mecanismo de negação da própria realidade que procuram afugentar, mas que provavelmente se tornará rotinizada à medida que passam a ver, de modo mais claro, como é possível subsistir nessas precárias condições. Snow e Anderson (1998) nos auxiliam, mais uma vez, nessa discussão ao assinalarem, também, que com o passar dos anos os errantes aprendem maneiras diferentes e eficazes de cuidar de suas necessidades físicas e psicológicas, estabelecendo um certo grau de familiaridade e adaptação no cotidiano da estrada.

Apesar da busca do trabalho ser a primeira alternativa de sobrevivência para o trecheiro, o ato de pedir comida não está descartado e pode significar a maneira que estes sujeitos encontram para não se envolverem em atividades vistas como ilegais que, nesse caso, além de trazerem complicações junto às autoridades judiciais, comprometem suas estratégias para sair da atual condição. Curiosamente, o ato de pedir comida parece significar para estes sujeitos a maior humilhação que um indivíduo pode sofrer, superando até mesmo outras como a própria traição da mulher, denotando, assim, uma identidade pautada nos valores da tradição da cultura do narcisismo e da masculinidade, pois, nos padrões destas culturas, é indigno e inaceitável para o homem ter que se humilhar para sobreviver (Lasch, 1983; Bourdieu, 1999).

Nesse aspecto, tal como descreve Paugam (1999), o ato de pedir qualquer tipo de ajuda a outrem pode ter uma conotação de inferioridade e significar, ainda, uma renúncia ao “verdadeiro” status social e a uma perda progressiva de identidade, pois, “(...) é uma experiência humilhante... desestabiliza as relações com o outro, levando o indivíduo a fechar-se sobre si mesmo” (p. 74). Nessas condições, o indivíduo pode, portanto, interiorizar uma identidade negativa e adotar atitudes de introspecção, evitando, assim, as relações de proximidade com o outro, fato este que pode explicar, em parte, a preferência de muitos trecheiros pela solidão na estrada.

Seja como for, a sobrevivência na estrada é uma questão crucial para todos os trecheiros, pois, inseridos numa condição pormenorizadamente desfavorável em que a peleja para subsistir é carregada de experiências humilhantes, só lhes restam a esperança de contar com a própria sorte e tornar essa situação menos angustiante através dos escassos trabalhos temporários. De qualquer forma, enquanto o trabalho fizer parte de sua rotina de sobrevivência e a solidariedade amenizar sua jornada

cotidiana, mesmo que brevemente, sua vida ainda pode ser tomada pelo imprevisível, provisório e inesperado que grassam a vida contemporânea.

E. VÍNCULOS FAMILIARES

Esta categoria procurou investigar as vinculações psicossociais do trecheiros, principalmente, com seus familiares. Contatos esporádicos como uma visita ao ano parecem estar presentes naqueles sujeitos que mantiveram uma relação sem conflitos no núcleo familiar, enquanto que para aqueles sujeitos que vivenciaram uma relação conflituosa com a família, a falta de vínculos parece ter pouca ou quase nenhuma importância. A análise dos relatos desta categoria permitiu-nos subdividi-las em duas subcategorias:

E1. Desvinculações: a maioria dos entrevistados nos relata que perdeu todo o contato com seus familiares devido a mudanças de endereço, telefone, desentendimentos com um dos integrantes da família e, em alguns casos, problemas relacionados à pensão dos filhos. Os relatos parecem indicar, ainda, que a ausência de contatos é percebida como algo inevitável quando a família apresenta aspectos problemáticos em sua estrutura. Exemplos:

“Olha eu tinha de primeiro [contatos], mas uma vez eu fui na casa de minha irmã e ela falou lá uma coisa que me ofendeu... Eu até falei com meu cunhado pra ficar lá uns dias pra ver se arrumava alguma coisa e por ele, ele deixou, mas minha irmã de sangue não deixou e a partir desse dia não tive mais contatos com eles. Eles não sabem onde que eu tô e eu não sei como eles estão”. (S1).

“Não! Nem com meus filhos. Depois que tô nessa andança perdi todo contato com eles. Inclusive penso até de ligar pra saber como eles estão [filhos], mas perdi o telefone do vizinho”. (S4).

“Depois que eu separei da mulher perdi contato... já faz uns 10 anos que eu vi eles [filhos], mas é assim: a família dela quando chegava lá, eles só queria pensão, eles não queria que eu recebesse os carinhos da criança. Eu sinto que minhas crianças tem até vergonha de falar comigo...”. (S5).

“(...) meus planos agora são outro, é voltar pro Paraná e tentar me estabilizar, mas sem ter contato com a família... porque a família serve só pra destruir o que você tem, entendeu?, Ninguém quer te ajudar e quando você tem uma coisinha, eles quer te tomar... então que se dane eles tudo!”. (S7).

“(...) eu tenho o telefone delas, mas não passo por lá, só ligo porque se eu for lá pode dar problema com a pensão, eles podem me prender...”. (S10).

“Eu tenho uma irmã, mas não me aceita... então eu também vou deixar eles, e vou ficar do jeito que tô levando, até eu encontrar, assim, uma parada fixa para eu ficar”. (S11).

“Depois que parti pro trecho, perdi contato com eles [pais]. Já faz uns 20 anos que não vou pra Cachoeira (BA)...”. (S13).

“Depois que meus pais se foram, perdi contato com os parentes, tinha uma irmã que morava na cidade de Arapongas (PR), mas passei já faz uns 03 meses e não encontrei ninguém naquele endereço... Então eu não sei onde anda essa minha irmã, acho que não vejo mais eles não. Tenho também uns parentes que estão na divisa de Mato Grosso do Sul, em Castilho (SP), mas a gente não tem contato porque nunca combinemo”. (S16).

E2. Contatos esporádicos: para alguns sujeitos que ainda possuem pai e mãe vivos, bem como filhos que moram com parentes próximos, visitas eventuais de pelo menos uma vez por ano parecem fazer parte de seu cronograma errante. Embora a ruptura com a vida sedentária impulsiona o indivíduo para a estrada, verificamos que na impossibilidade de se efetivar uma visita, o telefone aparece como um dos meios mais eficazes de manter contato, conforme os seguintes exemplos:

“Tenho contatos com eles sim. De vez em quando telefono prá lá... Minha mãe até chora quando ligo pra casa... falo que volto mas acabo não voltando nada. Quando eu volto pra casa, eu fico lá uns dias, fico lá assim só um pouquinho, fico lá 01 mês, 02 mês com eles mas volto pro trecho de novo, pego minhas coisas e vou embora”. (S2).

“Há um mês e pouco passei em Prudente e fui ver meus pais, só que quando cheguei eles ficou assustado, acharam que tava morto...”. (S3).

“É difícil porque sempre tô em trânsito, mas geralmente em fim de ano a gente se reúne. Eu tive com meu pai faz um mês lá em Ponta Grossa (PR)”. (S8).

“Não. Tem minha madrasta e duas irmãs que mora perto de Cascavel (PR), mas não tem condições d’eu ficar com eles, eles também é pobre... faz uns três meses que saí de lá”. (S9).

“Mantenho, estão bem, meu padrasto tem bar lá e tudo, sempre eu volto. Eu passei lá esses dias, dia 02/05 agora passado...”. (S12).

“Com os filhos sim, com ela [esposa] não, né meu. Os filhos nenhum gosta dela, eles mora com uma sobrinha minha. O cunhado meu é irmão dela, e casado com minha sobrinha, e eles não gosta dela de jeito nenhum, especialmente o mais velho, né, não gosta nem de ver a cara dela”. (S14).

Conforme podemos verificar nos relatos acima, os vínculos familiares parecem desempenhar pouca importância para estes sujeitos, mesmo naqueles casos em que os contatos são estabelecidos de maneira peremptória. Os relatos também parecem indicar que as relações estabelecidas no universo familiar são permeadas por sentimentos ambivalentes, pois, conforme verificamos, a ausência de vínculos pode estar relacionada, ao que tudo indica, com problemas na própria dinâmica estabelecida no interjogo das relações, principalmente quando o trecheiro faz tentativas de contatos e não é bem aceito ou recebido pelos parentes.

Esses valores “negativos” assimilados pelo trecheiro parecem ter sua gênese no próprio histórico da família que migrava de um lugar a outro em busca de melhores oportunidades de vida. Conforme demonstramos em categorias anteriores, a principal razão dessa ambivalência pode ser a ausência de relações estáveis vivenciadas no núcleo familiar que, pelo fato de se deslocarem aleatoriamente por várias cidades, estes sujeitos ficam desprovidos da transmissão de valores “positivos” que possibilitem suas inscrições nas redes de sociabilidade, cujo reflexo é, como sabemos, o deslocamento para a zona de desfiliação social (Castel, 1994; 1998).

Segundo Castel (1994), esses acontecimentos apreendidos no núcleo familiar, desestruturam as bases de identificação do sujeito que passa a introjetar apenas os valores negativos e contraditórios dessa relação em sua personalidade. Aliás, a própria família parece carregar consigo valores embotados pelas circunstâncias da migração e pouco pode oferecer e transmitir ao sujeito um projeto de sustentabilidade para a integração efetiva no âmbito social, pois, “(...) poucas coisas foram transmitidas familiarmente, escolarmente, culturalmente e com muito pouco porvir, pois não existem mais que frágeis suportes em que possam atar neles uma trajetória: *no future*”. (Castel, 1994; p. 44 – grifado no original).

Um outro aspecto que parece ser decisivo para a ausência de vínculos do sujeito com seu meio familiar se refere aos fatores de ordem sócio-econômica, pois, os relatos também apresentam que certas deficiências ocupacionais e onerosas do indivíduo, como o desemprego prolongado e a dependência ociosa, acabam se tornando incômodas e dispendiosas demais para mantê-lo em casa por muito tempo. Nessas circunstâncias, Paugam (1999) nos dá uma contribuição importante nesta análise ao assinalar, também, que a ausência de contatos com a família está relacionada com o fato de o sujeito se sentir pouco à vontade com esta situação, preferindo o isolamento na estrada que a humilhação exasperada de pedir socorro à família.

É importante indicar aqui um duplo efeito: ao invés de ser solidária, a família pode adotar uma atitude reticente em relação ao membro marginalizado em virtude do sentimento de desonra que ele acabou despertando nos seus familiares. O rompimento significa, nesse caso, uma maneira de evitar o descrédito... após um desentendimento ou uma série de conflitos. (Paugam, 1999; p. 78).

Entretanto, nem todos os sujeitos de nossa pesquisa introjetaram experiências desastrosas e ambivalentes com seus familiares, indicando, assim, que além dos problemas sócio-econômicos, parece haver aspectos de ordem cultural para a vinculação familiar. Essa constatação pode ser verificada quando os sujeitos nos relatam de maneira espontânea e despreocupada sobre os contatos esporádicos que mantêm com os familiares, ou seja, parece que estes contatos realizados somente uma vez por ano são o suficiente para amenizar as perdas, acalentar os afetos e encurtar as distâncias.

Deste modo, o fator cultural pode ser um outro indicativo para compreender as razões pelas quais muitos trecheiros ainda mantêm contatos com a família. Nesse caso, devemos hipotetizar que se uma família transmite valores positivos ou negativos - em função da própria condição migratória - o que pode contribuir para as vinculações/desvinculações futuras é o fato de perceber se estas relações com os pais e demais integrantes possuem importância demasiadamente intrínseca para eles ou se é algo deliberadamente despojado de significações mais amplas.

Quando os problemas de ordem social, econômica e afetiva são encarados pelos sujeitos como um fato incontestável, pode ser que a transmissão dos valores ditos “positivos” - como, por exemplo, o acesso a uma escolaridade eficiente que crie condições para o sujeito projetar esperanças futuras, almejar sucesso pessoal, subjetivo, etc. - tenha pouca ou quase nenhuma importância para eles, dada a tendência que os desfilados têm de naturalizar e até mesmo alienar sua condição de miserabilidade, ou seja, são fatos que, *a priori*, não se questionam. Snow e Anderson (1998) mais uma vez endossam nossas considerações quando assinalam que estes sujeitos,

(...) vêm de famílias que têm pouco apoio econômico ou emocional para oferecer em tempos de necessidade, quer essa necessidade seja ocasionada por forças estruturais, deficiências pessoais ou apenas puro azar... Então se o azar é um fator precipitador, outras formas que não a vitimização estrutural devem estar em ação também. (p. 423).

Portanto, a presença ou ausência de vínculos que o trecheiro estabelece com sua família pode ter suas raízes numa formação sócio-cultural onde os valores são apreendidos e introjetados, visando a formação da identidade, ou pode estar

associada às mutações econômicas que permeiam e segregam as estruturas sociais e condicionam estes sujeitos a aceitarem suas situações como um fator inquestionavelmente humilhante, na qual a errância se apresenta, nessas situações, como uma estratégia de elaboração do sofrimento face às agruras da vida.

F. INÍCIO DO USO DO ÁLCOOL

Esta categoria procurou investigar qual a idade que os sujeitos experimentaram a bebida alcoólica. Os relatos parecem apontar que o início para o uso do álcool está associado a diversos fatores sociais que interagem com o meio familiar no qual o sujeito está inserido e parecem indicar, também, que as primeiras experiências em torno da bebida são realizadas junto com os pais ou um parente próximo e, ainda, na presença de amigos. De acordo com os relatos, parece que não há uma fase específica para o início do uso do álcool, podendo ocorrer, portanto, em qualquer uma das três fases essenciais do desenvolvimento do indivíduo como ilustra as subcategorias seguintes:

F1. Infância: o primeiro contato com álcool na infância parece ocorrer, conforme salientado, no ambiente familiar por influência, principalmente, do pai ou um parente próximo e, em geral, acontece por volta dos 10 anos de idade nas festas da família ou no próprio cotidiano, conforme podemos observar nos discursos dos entrevistados:

“Eu era bem pequeno, tinha uns 11 anos, comecei com açúcar, adoçava, e era gostoso, e a gente bebia... No início, foi porque experimentei e achava gostoso, como era uma batidinha de limão, fica gostoso, né, e foi isso, né? Experimentei, e foi aí que começou... foi dentro de casa mesmo, com meus pais, minha família quase todo mundo bebe, meus irmãos, só tem uma irmã que não bebe”. (S11).

“Desde pequeno, desde os 05 anos bebia, mas não era muito, só uma dosinha de cachaça, foi de garrafa... tomei na casa do pai mesmo, ali todo mundo bebia. (S13).

“Meu irmão já bebia, né. Eu comecei com uns 10 anos de idade. Meu pai também bebia, só que era remediado, minha mãe é que bebia demais e eles bebiam era cachaça mesmo.... acho que aprendi foi com eles...”. (S15).

“Olha, o meu primeiro contato com o álcool foi com 10 anos de idade... eu me lembro, uma vez, que eu fui pra uma roça de amendoim, eu fui levar parece que almoço, eles tavam terminando aquela safra, eles distribuíam bebida pro pessoal que estava ali trabalhando. E aconteceu que nesse dia eu tava. Aí eu comecei bebendo cachaça com 10 anos de idade. Nessa época, eu bebia por acaso, né, criança nem imaginava beber porque nunca tinha entrado dentro de bar”. (S16).

F2. Adolescência: as primeiras experiências com o álcool na adolescência parecem iniciar nas relações com os amigos no trabalho ou nos bares e bailes. Os relatos parecem indicar, também, que o uso de álcool na adolescência pode estar relacionado com a necessidade do sujeito mostrar sua virilidade e ser reconhecido como “homem”, na presença de amigos. Exemplos:

“Eu tinha uns 17 anos. Foi no primeiro serviço que trabalhei. Meu patrão era casado com minha prima, eu fui trabalhar de ajudante de pintor pra ele... Aí fazia aquela festa assim no final de semana depois que acabava o serviço, eu só tomava refrigerante e ele começava a me falar aquelas coisa: ‘pô, você é um homem ou uma bicha?’. Aí no embalo você acaba tomando... e mostrando que cê também é macho... O primeiro gole foi com companheiro de serviço. Na minha família todo mundo bebe. Pai, tio, primo, todos gosta de tomar”. (S4).

“Uns 14 anos por aí. Comecei nos bailinhos de garagem, aquele sambinha coisa e tal, cada um levava uma coisa, os mais metido levava uma garrafa de vodka... festinha de colégio, essas coisas assim... Foi aí que comecei a ter as primeiras namoradas, gostava muito, meus colega me chamava de garanhão... Meu pai também bebia, batia na minha mãe, hoje é que ele tá mais calmo, idade vai chegando, a pessoa vai ficando fracassada, né? Eu também tenho um irmão que bebe uma cerveja lascada!”. (S8).

“Eu devia ter uns 15 pra 16 anos. Comecei com um amigo de roça numa pescaria, experimentei pinga mesmo, a gente tinha pescado umas tilápia, aí fritamo umas pra comer com a pinga e foi aí que comecei a beber... e mostrar pra mim mesmo que eu já era homem, inclusive esse amigo até já morreu... Meu pai também bebia, morreu de bebida, tinha um tio meu que também morreu de bebida”. (S9).

“Quando eu experimentei a pinga eu tinha uns 16 anos. Eu bebi com os amigos no bar, nós tava jogando sinuca, eu era solteiro, aí o cara falou: ‘vamo tomar uma caipirinha?’, eu falei: vamo! Aí fui tomando, só que sem violência, né? Tomava uma pra dar coragem pra chegar num baile e animar, entrava lá tinha as meninas, né?...”. (S10).

F3. Vida adulta: o início do uso de bebidas alcoólicas na vida adulta por parte de alguns sujeitos parece não diferir muito das fases anteriormente citadas. Os relatos dos sujeitos deste estudo parecem indicar que as primeiras experiências com o álcool, nesta fase, ocorriam em diversos ambientes como por exemplo, após a jornada de trabalho, em bailes, festas de aniversário, bares e roda de amigos. Casos de antecedentes familiares são mencionados apenas para a ilustração da presença de óbitos. Exemplos:

“Meu primeiro contato com a bebida eu tava com 22 anos. Eu trabalhava numa fazenda, aí lá tinha colega e nós saia pra baile, então foi onde comecei

a beber. Teve um tempo que eu tava afundado no alcoolismo, mas aí eu dei um basta, uma volta por cima... porque a bebida chega uma hora que ela tira o ânimo da pessoa e se ela cair na sarjeta, não é fácil levantar não... Meu pai bebia, mas foi mais por influência de amigos mesmo, como te falei, trabalhava numa fazenda, então nós bebia antes de ir para os bailes, foi assim que começou... fazia aquele grupinho de colega pra passar o tempo”. (S1).

“Eu comecei quando tinha 18 anos, quando eu trabalhava na Cesf. Tinha uns amigos, entendeu? Eles me chamou pra beber um dia, então nós comecemos ali... saía do trabalho, ia pro bar e ali ficava até tarde. Eu lembro que a primeira bebida que eu tomei era pinga com limão, depois fui experimentando outras coisas, né?, cerveja, vinho, tudo... Sempre bebi por causa de mim mesmo. Ninguém me forçou a beber não, isso vai da cabeça de cada um, se ocê tem uma cabeça boa, vai fazer aquilo que te vai fazer bem.... Na minha família tive um tio que bebia, meu pai bebia mas não era de ficar bêbado e brigar com os outro não”. (S3).

“Eu comecei a tomar com 18 anos... companheirada e daí comecemos. Rodinha de amigos... Tive um tio que morreu com 70 anos, ele sempre bebeu, chegou beber até álcool puro. Minha finada mãe bebeu até uns tempo, depois virou crente, evangélica”. (S5).

“Beber mesmo, só depois dos 22 anos. Meu primeiro contato com a bebida foi na casa de parente, foi em festinha, né? Só um golinho, só pra animar... um copo de cerveja, um copo de vinho. Meu tio é que oferecia pra mim... ia no boteco, me pagava uma dose de cachaça, um tira gosto, uma lingüiça, um torresminho, então comecei a beber assim...”. (S6).

“Foi com base de uns 19 anos mais ou menos. Eu comecei a trabalhar numa oficina de pintura, o rapaz me chamou pra ajudar e em casa a situação era tão complicada, a gente não se entendia e quando chegava a hora de ir embora, eu desanimava. Aí ele me chamava pra tomar um café no bar, depois

comecei tomando um copo de vinho, aí depois comecei tomar pinga com limão... Eu comecei a beber por causa da família... porque em casa não era fácil tolerar. Meu avô bebeu até morrer, tive um tio por parte de pai que também bebia muito, mas eu comecei foi no serviço por causa que não suportava minha família". (S7).

"A gente ainda lembra, né meu. A bebida é o seguinte: primeira vez que eu tomei uma cachaça, inclusive meu pai era vivo, e ele não gostava, né. Eu, meu primeiro gole de pinga na boca, eu tava com 20 anos. Foi até numa festinha de aniversário. Aí tudo começou, tomava cachaça demais... Tenho uns par de parentes que já morreram de tanto beber. Meus tios bebia. Meu pai não, inclusive minha mãe detestava. Tem um tio meu que morreu... eu comecei a beber com a colegagem...". (S14).

O início do consumo de bebidas alcoólicas entre os trecheiros parece indicar que as primeiras experiências ocorridas com o álcool circundam em torno de seu universo microsocial, principalmente nas festas e nos pequenos eventos sociais na comunidade onde morava. As influências para os primeiros goles incluem os pais ou os parentes próximos e parece estar relacionada, ao que tudo indica, com os próprios padrões culturais da sociedade machista que exige do homem uma postura de virilidade frente aos desafios cotidianos. Nesta cultura, os valores transmitidos às crianças, envolvem critérios rígidos de comportamentos e exigem uma certa anulação de sentimentos e até mesmo sofrimento, pois, ensinam-se jargões do tipo "homem tem que ser durão; homem que é macho bebe cachaça, não leva desaforo para casa; homem não pode chorar, etc.", mostrando, assim, que os valores dignos para a masculinidade, levam em consideração a força e a rigidez do caráter (Bourdieu, 1999).

Na infância, uma das fases mais cruciais para o desenvolvimento do indivíduo, onde começa os primeiros processos de identificação e estruturação da personalidade, as influências familiares (pautadas numa sociedade viril), parecem contribuir para o uso de bebidas por parte da criança que, ao assimilar tais eventos, pode identificar-se com ele e adquirir uma postura eminentemente alcoólica em suas relações futuras (Sonnenreich, 1971; Jorge & Ferraz, 1981). Nesse caso, vale ressaltar que o objeto de identificação da criança, na maioria das vezes, é próprio pai que a leva em suas jornadas pelos bares da cercania e, à medida que vai adquirindo “idade” suficiente, inicia-se os primeiros contatos com a bebida. Neves (2004) exemplifica, claramente, como o bar é um dos principais *loci* da identificação masculina e extensão da própria personalidade ao considerar que em tal ambiente ocorre a celebração da honra e da virilidade perante os outros, na qual aspectos importantes em sua vida como a volta para o lar e a relação com a esposa são desconsiderados nesse contexto, pois, submeter-se à tutela da mulher, representa um ato desonroso para sua masculinidade.

As festas e os bailes domésticos representam, também, um outro grande incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas pela facilidade com que as “festas etílicas” se prestam a celebrações defensivas e maníacas de júbilo e vitória contra as adversidades vividas no cotidiano. Assim, as festas podem representar, para o senso comum, o momento da descontração, da alegria, da superação dos problemas e o consumo de álcool, a possibilidade de “sair do ar”, se desligar das dificuldades travadas dia após dia. Portanto, o ambiente de infância pode ser um dos meios que podem facilitar as condutas alcoólicas do pequeno *enfant*, se considerarmos que estes ambientes são permeados pela cultura da masculinidade, pois, nesse cenário parece que o mais importante é a demonstração pública dos valores pautados no machismo,

na qual o álcool é apenas um efeito colateral visível da trama de superioridade poder masculino do modelo patriarcal.

O uso do álcool na adolescência, embora praticado prioritariamente no círculo de amigos, parece confirmar a hipótese da cultura da virilidade, pois, os relatos indicam, assertivamente, que o ato de beber vincula a necessidade de provar a masculinidade. Essa constatação pode ser claramente verificada quando os trecheiros declaram frases do tipo: “(...) *pô, você é um homem ou uma bicha?... no embalo você acaba tomando... e mostrando que cê também é macho...*”, “(...) *meus colega me chamava de garanhão...*”, “(...) *mostrar pra mim mesmo que eu já era homem...*”, etc. Assim, “(...) como a honra... a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de verdadeiros homens” (Bourdieu, 1999; p. 65).

O consumo de bebidas alcoólicas na adolescência, parece representar, também, uma certa sensação de “liberdade” e “independência” em relação ao próprio meio familiar, pois, a suposta consolidação da masculinidade nesse período, permite ao sujeito se aventurar rumo às primeiras conquistas amorosas, às primeiras frustrações, os primeiros porres, etc., permitindo, assim, a entrada na vida adulta como um senhor dono de si.

No entanto, alguns sujeitos que entrevistamos nos relataram que as primeiras experiências em torno da bebida se desenvolveram, exclusivamente, na idade adulta, ou seja, num período em que a formação da identidade se supõe, já está consolidada e enraizada em sua personalidade. Nesse caso, pode a cultura da masculinidade interagir para o início do uso de álcool na vida adulta do sujeito? A resposta, embora permita uma asserção positiva, deve ser ponderada, considerando que, na fase adulta,

outros fatores podem estar interagindo para o consumo moderado ou mesmo excessivo da bebida, como, por exemplo, desemprego prolongado, problemas afetivos, familiares, etc. (Braga, 1977; Jorge & Ferraz, 1981; Bertolote, 1997b; Vaillant, 1999; Nascimento & Justo, 2000).

Por outro lado, os relatos associados ao início do uso do álcool na vida adulta, não se distanciam dos fatores acima discutidos no que se refere ao meio pelo qual se estabelece o primeiro contato com a bebida, pois, a maioria atribui o início do uso por influências dos amigos, da família e das eventuais comemorações festivas em casa ou no trabalho. O consumo de bebidas alcoólicas já se enraizou, profundamente, no imaginário social e faz parte efetiva de qualquer celebração popular, haja vista que os próprios meios de comunicação desenvolvem campanhas de marketing altamente sofisticadas em que se prioriza as possíveis satisfações que a bebida pode oferecer: felicidade, conquistas de mulheres, prazeres, lazer, etc. Nesse aspecto, a bebida alcoólica se infiltra nas mais diversificadas redes de sociabilidade e assume uma característica marcadamente cultural onde os desvios e os excessos ficam em segundo plano em nome da exaltação efêmera que ela própria produz.

G. MOTIVOS DO USO DO ÁLCOOL NA ESTRADA

De acordo com a análise dos relatos, os motivos apontados pelos sujeitos para o uso do álcool na estrada parecem estar associados à necessidade de esquecer as frustrações do passado, principalmente, as relações conflituosas com a mulher. O uso da bebida também é relatado por alguns como uma das alternativas possíveis para evadir sensações de angústias e conflitos em que vivem na realidade e criar coragem

para enfrentar as adversidades vivenciadas por eles na errância, conforme podemos verificar nas seguintes subcategorias:

G1. Esquecer problemas: os relatos apresentados pelos sujeitos, nesta subcategoria, parecem indicar que a figura feminina representa os infortúnios a serem “esquecidos” e enfrentados no cotidiano da estrada, pois, os conflitos vivenciados com a mulher aparecem nas entrevistas como um acontecimento crucial em suas vidas. Deste modo, devido a insuportabilidade de sua atual condição de vida, o álcool parece atuar como um apaziguador momentâneo desses conflitos, como ilustram os seguintes exemplos:

“Eu bebo assim... porque não é fácil viver nesse trecho não e com umas na cabeça você não vê o tempo passar, não lembra das coisas do passado, entendeu? Tinha mulher, família e aí não deu certo, discutimo e depois fiquei sabendo pela boca dos outros que ela botava chifre ni mim... daí pra não matar, entendeu?, peguei e saí pro mundo aí....”. (S2).

“Eu prefiro não dialogar sobre esse troço [álcool] por causa que isso aí tira o poder da vida da gente... Minha mulher me deu um golpe, aproveitou que eu tava meio bêbado, me roubou e fugiu com outro homem. Só que se um dia eu topar com ela, eu não sei o que eu faço não... eu às vezes bebo é pra não lembrar disso, por causa que se eu lembrar, é muito desgostoso. É um vício de todo mundo”. (S3).

“A gente também bebe é pra esquece dela [mulher], inclusive, anteontem mesmo, eu sonhei com minha ex-mulher. Sonhei que tava brigando com ela, de vez em quando eu sonho com ela, meus filhos... então eu bebo também pra esquecer dela, da vida que eu tinha com ela, essas coisas...”. (S5).

“No trecho eu costumo tomar uma... mais é pinga mesmo, cachaça... e a pinga te ajuda esquecer um pouco esse baque de tá longe de casa, saudade da família, do tempo que eu cortava madeira, da mulher, de tudo isso”. (S6).

“(...) quero beber pra mim sair fora do ar, pra sair da realidade... no trecho fico deprimido... então bebendo cê esquece de tudo, da mulher, da minha mãe que não vale nada, entendeu?, só não esqueço da minha filha, isso não dá pra esquecer...”. (S7).

“Eu tomei dois aperitivo domingo passado. É mais pra passar o tempo, não ficar pensando na vida de antes... naquela época, eu tinha dinheiro, vivia bem, comia bem, eu era feliz... Depois teve a separação da mulher, ela era muito dependente da família dela, não saia da casa da mãe, me obrigou a alugar uma casa perto da mãe dela... fiquei uns 04 anos casado, casei só na Igreja, aí não agüentei e larguei”. (S8).

“Tem dia que a gente ainda lembra da mulher, já faz 13 anos que separemo... nós se dava bem, no final ela ficou bruta comigo, eu descobri que ela tava me pondo chifre... então tudo isso faz a gente ficar amargurado e bebe, né?”. (S9).

“O motivo é: cê tá cansado, cê toma uma... bebe também pra esquecer, cê começa a cantar, começa recordar os passado, cê alembra dos filhos, a vida que eu tava levando olha onde que eu tô!... No trecho, a gente sempre bebe uma pinguinha pra esquecer o passado, separei da mulher, gosto dela até hoje, só que não tem mais condição da gente viver junto, então a gente bebe é por isso”. (S10).

“No trecho, vou falar a verdade, até bebo alguns goles pra modo de esquecer um pouco, mas no momento que eu achar um lugar certo para mim, eu não vou mais beber não.... esquecer não, porque a gente não esquece... eu tive três mulheres. A última que eu tive foi uma grande decepção, nós separemo, eu trabalhava na Usina São Luis, ela ficou um pouco com um cara, e o cara se amarrou nela... e essa foi a maior decepção... daí eu passei a tomar umas porque eu gostava dela...”. (S11).

“Desgosto demais na vida, não ter um lugar fixo pra ficar, não tem como a gente arrumar uma pessoa de confiança, então a gente bebe por causa disso... Foi no primeiro dia que eu larguei da mulher, a gente começou a encher a cara, pra esquecer, pra não ficar lembrando do passado”. (S13).

“No trecho cê começa a pôr aquilo na cabeça, e fala: ‘tenho que beber pra poder esquecer’, se cê for pôr tudo na cabeça, porque a maioria dos trecheiros bebe pra acabar com aquele sentimento, acabar e esquecer tudo, né... A gente começa a pensar muito na vida, meu, os problemas que já tive, a separação da mulher, então toma assim mesmo pra esquecer dos problemas”. (S14).

“Hoje eu bebo para esquecer esse mundo aí... Esquecer do passado que eu já tive, né meu, se eu lembrar dele eu vou ficar louco. Se eu for ficar pensando na minha mulher e minha casa que ficou pra trás, esses negócios, eu tô fudido!”. (S15).

G2. Criar coragem: além dos problemas afetivos vivenciados pelo sujeito, outra razão apontada para o consumo de bebidas alcoólicas no trecho parece estar associada à necessidade de adquirir maior encorajamento em situações que exigem a manutenção da própria sobrevivência. Imersos numa realidade completamente adversa e marcada pelo desamparo absoluto, estes sujeitos que ainda parecem possuir um certo senso de moralidade recorrem à bebida para diminuir a inibição e criar coragem para pedir comida. Exemplos:

“O motivo principal porque eu bebia era assim, porque quando eu saí para o mundo, eu bebia pra ter mais ânimo, mais contato com as pessoas. Às vezes eu tinha vergonha de chegar numa pessoa pra conversar com ela assim sobre um emprego, mas tomava uma pra poder ter coragem, às vezes dava fome, eu já tomava umas duas pra animar e pra pedir um prato de comida, porque eu

sem a bebida eu era uma pessoa assim que não tinha ação. Então eu bebo é pra criar coragem”. (S1).

“Eu bebo assim... é por vaidade mesmo porque o trecheiro que é macho mesmo tem tomar umas pra agüentar essa vida aí... Essa vida de trecheiro é uma vida cheia de sofrimento e chega uma hora que se a gente não beber não vai agüentar o tranco da estrada não. Então a bebida ajuda você encarar tudo que vier pela frente... a fome, o frio, tudo...”. (S2).

“Eu bebo é pra acalmar os nervos... Bebo também porque não tenho coragem pra chegar numa pessoa e pedir e com uma na cabeça, você não tá nem aí, parece que te dá mais coragem, não sei te explicar não”. (S4).

“Olha, geralmente, você vai beber pra te criar coragem, isso aí geralmente é 99% dos trecheiros... pra criar coragem pra pedir...”. (S5).

“(...) você vê, hoje não tenho nada, só a coragem pra trabalhar... hoje tudo acabou, a vida é outra, é ir atrás de um serviço, então a bebida te ajuda a enfrentar o trecho que não é fácil, te dá ânimo pra pedir...”. (S8).

“Bebo pra criar coragem pra chegar numa casa pedir uma comida, pedir uns troquinho, sem nada a gente não tem coragem...”. (S9).

“(...) bebo pra ficar mais alegre... Mas no trecho eu bebo porque o trecho é duro, né, passa fome, monte de coisa, tem que pedir, então pedir com umas pinga na cabeça dá mais coragem, né!”. (S12).

Os relatos apresentados acima parecem indicar que a bebida alcoólica ocupa nas vidas destes sujeitos um lugar considerável, pois, nos momentos de dificuldades, solidão, desespero e infortúnios de toda natureza, o álcool parece atuar como um apaziguador de conflitos sócio-psicológicos existentes num repertório de vida

calcado no desenraizamento e desmantelação completa de um determinado espaço geográfico habitável. Chama-nos atenção a importância atribuída à figura feminina, identificada como uma das “causadoras” de seus infortúnios e responsável direta ou indiretamente pelo uso freqüente e abusivo da bebida alcoólica no trecho.

Nesse aspecto, o passado parece exercer uma importância central nas vivências cotidianas destes sujeitos, pois, ele sempre é lembrado seja de maneira “gloriosa” pelo fato de ter constituído uma família (esposa e filhos), seja, ainda, de maneira “desastrosa” pelo fato de ter experienciado a infidelidade da companheira nas etapas cruciais da vida. Deste modo, parece que a figura feminina ocupa no repertório destes sujeitos um lugar privilegiado em suas estruturas psicológicas. Segundo Melman (1992), a mulher simboliza a possibilidade única do gozo cuja totalização para ele seria sempre recusada ou dissimulada.

Preso a um passado em que a celebração do gozo pode ter sido abruptamente interrompida por situações conflituosas de ordem sócio-econômica, como a falta de emprego estável que garanta a possibilidade de arcar minimamente com os encargos do sedentarismo, o sujeito se vê mergulhado num presente anônimo e passivo no qual a imagem da mulher é sempre lembrada pelo estímulo da dependência afetiva frustrada que não pôde realizar (Alonso-Fernandez, 1991; Melman, 1992). Nesse sentido, a infidelidade da mulher, embora pareça ser um acontecimento traumático para aqueles que a vivenciaram, pode estar relacionada não necessariamente com a traição em si, mas pelo fato de sujeito não ser reconhecido narcisicamente, pois, “(...) o que parece fazer falta ao alcoolista, e do que tem sede, é a possibilidade mesma do gozo... e de ser respeitado como sujeito” (Melman, 1992; p. 20).

Deste modo, poderíamos conjecturar que a infidelidade da mulher (como um ato semântico de traição), analisada sob a perspectiva do sujeito narcisista, parece ter

um valor secundário se consideramos que o que está em jogo na trama subjetivante não é a traição em si, mas a falta de reconhecimento afetivo no âmbito familiar. Associado a essa idéia de que a infidelidade pode ser apenas a constatação do não reconhecimento narcísico do sujeito na cena familiar, poderíamos, então, considerar que a errância representa o protótipo negativo e radical do reconhecimento destes sujeitos nesse contexto, pois, “(...) eles estariam aquém da performatividade exigida das individualidades para a estetização da existência. A eles falta, enfim, o narcisismo necessário para implementar a inflação do eu e colocar banca na cena do espetáculo” (Birman, 2000; p. 247).

Portanto, analisada sob a perspectiva do narcisismo, parece que a infidelidade da mulher representa apenas uma constatação *sine qua non* dos modos de articulação veiculado na sociedade do espetáculo em que as imagens de vitória e sucesso pessoal são atributos indispensáveis para a possibilidade de reconhecimento narcísico do sujeito, tanto no espaço macrossocial – sociedade - quanto no cenário microssocial – família - (Lasch, 1983; Debord, 1991; Ehrenberg, 1991; Birman, 2000). Nesse sentido, as bebidas alcoólicas, articuladas com as instabilidades geradas pelas exigências do culto da performance, parecem se inscrever nesse cenário individualizante e aterrorizante como uma das possibilidades de o sujeito se refugiar, mesmo que temporariamente, das vicissitudes sócio-afetivas nas quais está inserido.

Nesse momento, não podemos deixar de mencionar a análise que Alain Ehrenberg (1995) efetua sobre o *indivíduo incerto* e que supomos estar presentes, também, nos errantes-trecheiros. Segundo o autor, as exigências impostas pelo “culto da performance” desestabilizam alguns sujeitos que, por circunstâncias desfavoráveis, são incapazes de incorporar no cotidiano um discurso apropriado em que se privilegiam as conquistas pessoais, dando margem ao surgimento da idéia de

um *individu souffreur* que recorre ao consumo de bebidas alcoólicas ou drogas como um ato desesperado de reconciliação consigo mesmo através das técnicas de construção de si. Assim, a bebida alcoólica e também as drogas, lícitas ou não, “(...) participam das contradições da liberdade moderna entre a aspiração de se orientar por si mesmo e o preço de carregar sozinho sua própria existência... e se inscrevem, ainda, como modos de evitar a experiência de individualidade, esta delicada relação instável entre si e o mundo”. (Ehrenberg, 1995; p. 64-66).

No caso da errância, especificamente, poderíamos acrescentar, ainda, que o conceito do *indivíduo incerto* pode estar relacionado com a idéia desenvolvida por Castel (1994, 1998) sobre o *sujeito desfilado* que, deslocado para as zonas de vulnerabilidade e desfiliação social, necessita criar mecanismos para se manter como pode num dia-a-dia completamente estremecido de incertezas que permeiam sua subjetividade. Portanto, para suportar as adversidades enfrentadas em cada trecho percorrido na estrada, a recorrência ao uso do álcool parece fazer parte, de fato, de seu cotidiano e, como acentua Castel (1998), não tem muito a ver com um movimento de afirmação de si, mas “(...) não deixam de ser aventuras de alto risco... à medida que é mais frágil e ameaçada de decomposição” (p. 604).

Imersos num presente atípico em que parece predominar o sentimento de solidão, tédio e indiferença, a bebida alcoólica parece significar, ainda, para o trecheiro, a possibilidade momentânea de conquistar coragem e apaziguar os conflitos vivenciados num passado carregado de impressões afetivamente insatisfatórias. Segundo a análise de Alonso-Fernandez (1991), o sentimento de indiferença pode criar, nesses casos, uma perda ou uma limitação dos interesses e aspirações em si mesmo, ou seja, parece que o não realizável deixa de ser interessante, enquanto que no tédio as aspirações vagueiam sem encontrar seu objeto.

Por outro lado, o uso do álcool apontado pelos trecheiros como facilitador dos contatos com o outro pode ser explicado, aqui, como um mecanismo de fuga frente às frustrações da realidade em que predominam uma certa sensação de insegurança e medo de tomar iniciativas como assinalam Van Kolck et al. (1991). Braga (1977), também constata que o uso de álcool entre os mendigos está associado à necessidade de vencer a timidez para conquistar coragem e enfrentar as adversidades da vida nas ruas. Tal como no trabalho de Braga (1977), o uso do álcool pelo trecheiro não se diferencia das necessidades encontradas na mendicância onde a maioria utiliza a bebida para apaziguar, também, os conflitos afetivos da qual não conseguem lidar satisfatoriamente.

Nessas condições, o uso do álcool parece propiciar, também, a evasão de uma realidade nitidamente torpe, pois, fica claro nos relatos que a maioria só consegue se comunicar com outras pessoas, mediante o consumo da bebida que permite, ainda, quebrar o silêncio entre o sujeito e o mundo e amenizar o sofrimento enfrentado nas labutas diárias de sobrevivência. Assim, a bebida alcoólica parece significar para o sujeito a possibilidade momentânea de sair de seu mundo, caracterizado pela solidão e indiferença, para entrar em contato com o mundo do outro, completamente estranho e adverso do seu, permitindo-nos inferir que o álcool para eles pode estar associado à necessidade de vencer a timidez e criar seu espaço de comunicabilidade. Seja como for, o uso de álcool pelos trecheiros é um fato *sui generis* incontestável em suas jornadas, pois, além de facilitar um contato anônimo com o seu semelhante, funciona, também, como um dos elementos potenciadores para aliviar as agruras da vida devido à sensação de confiança, força e coragem que a bebida desperta.

H. O ÁLCOOL NO COTIDIANO DA ESTRADA

Esta categoria procurou investigar como é estabelecido o uso de álcool pelos sujeitos e o acesso à bebida no cotidiano da estrada. O uso individual parece ser predominante na maioria dos casos, embora alguns prefiram compartilhar a bebida com outros na mesma situação. De qualquer forma, o álcool parece estar presente em quase todos os acontecimentos do dia-a-dia dos sujeitos e pode atuar, em ambos os casos, como um anestésico para enfrentar as dificuldades que se apresentam a todo instante nessa trajetória de vida. A análise desta categoria possibilitou-nos dividi-las em três subcategorias, conforme abaixo:

H1. Uso compartilhado: o uso compartilhado da bebida alcoólica também está presente na vida de alguns sujeitos que andam pelas estradas. Os relatos parecem indicar que, nesse caso, beber na companhia do outro na mesma situação possibilita colher algumas informações de trabalhos temporários e quebrar o silêncio provocado pela solidão, conforme podemos verificar nos seguintes relatos:

“No trecho... Eu já procuro pessoa assim que é do bem pra gente tomar junto porque a vida já é complicada e beber sozinho é pior, cê não tem ninguém pra conversar...”. (S2).

“Eu só bebo com esse amigo meu. Já faz dois ano que nós anda junto... Mas a gente vê falar que tem uns trecheiro que gosta de tomar junto, só que a gente não encontrou ainda não... se encontrar nós toma sem problema porque como se diz às vez eles pode te indicar uma direção boa de serviço...”. (S4).

“A gente que anda no trecho, a gente conhece o outro... às vezes a gente encontra as pessoas que topamos em outro lugar, aí se reúne, toma uma e cada um vai pro seu lado... sem discussão. Se tiver numa cidade e tiver

tomando, acabou a pinga, então um pede dinheiro e vai comprar mais... tem uns que te indica um lugar melhor pra fazê uns bico". (S8).

"No começo a gente tava forte, não era ruim, agora vai enfraquecendo né? Eu sempre tomo no meio de dois, três no trecho. Beber sozinho é pior, não tem com quem falar, às vezes a gente sente falta de falar pra distrair a cabeça...". (S9).

"No trecho aí, alguém sempre carrega pinga, se um comprar uma garrafa de pinga, todo mundo toma na roda. Eu já bebi em bando e passei meio mal do estômago... eu prefiro beber em bando porque cê pode conversar e se acontecer alguma coisa com a gente, o colega pode te ajudar, né?". (S11).

"A gente conversa bebe pinga juntos no trecho, no balcão também, na estação, qualquer lugar. Os trecheiros são unidos, são legal, só que cada um pra si... Eu nunca tive problemas com eles não. Sempre que eu tomei pinga junto com eles, eles me indicavam um destino pra seguir melhor, onde era bom de arrumar uns bico [trabalho temporário] pra fazer, só que eu ia naquela direção e não achava nada, tá ruim pra todo lado que cê anda". (S12).

"(...) Beber em turma cê pode desabafar, falar e o outro camarada te escuta, sozinho é complicado até nisso, cê não tem com quem falar...". (S15).

H2. Uso individual: os relatos parecem apontar que a preferência individual pelo uso do álcool na estrada está relacionada, sobretudo, ao não envolvimento em situações que envolvem brigas e confusões que incluem desde os pequenos roubos por parte de outros trecheiros, até mesmo a impossibilidade de arrumar um trabalho temporário na presença do outro. Exemplos:

"Hoje eu prefiro tomar sozinho porque em grupo, quando cê tá ali tomando com eles é bom só que depois dá muita confusão, sai briga, um já acha que

cê tá querendo ser melhor que ele, então isso pode até sair morte... Então eu cheguei numa conclusão que a pessoa pra andar no trecho, ela tem que andar sozinha porque é mais fácil ela arrumar um emprego... Se ele tiver em dois ou em três, aí a pessoa vai ter emprego pra um, então nenhum, consegue. A experiência que eu tive é que sozinho é melhor”. (S1).

“Olha, uma vez eu tava tomando numa roda de trecheiros pros lado de Marília (SP), aí chegou um deles e me pediu 01 real pra buscar mais cachaça... aí eu falei que não tinha dinheiro, então o cara começou a me encher o saco, foi me enchendo que eu acabei dando um soco na cara dele... Depois desse dia, nunca mais bebi em roda de trecheiro, hoje só bebo sozinho...”. (S5).

“Não sou muito de encher a cara igual muitos que tem por aí, não. Não ando em grupo, bebo sozinho... a gente anda, se esgota de tento andar e beber te alivia, sei lá, parece que tira as dor da perna... Um dia eu tava passando por Mirassol (SP), eu vi dois trecheiros brigando por causa de pinga. Não sei o que aconteceu lá, mas tavam se pegando no tapa, bêbado, quer dizer andar assim, é melhor andar sozinho, entendeu?”. (S6).

“Sempre procuro beber sozinho, no máximo com mais um senão dá rolo [confusão]. Tem hora que me dá um nervoso, se eu ficar muito tempo sem beber, começo a agredir os outros, minhas mãos começa a tremer, eu quase não consigo me controlar...”. (S7).

“Bom, tem uma parte que nós se dá bem, e outra que nós se dá mal, que nem vamos supor: se nós chegar numa turma e começar a beber, aí já discute eu e os outros camarada, aí é obrigado a dar uns pulo, né, mas eu gosto é mais de beber sozinho...”. (S13).

“O trecheiro... gosta mais de vê o mal do outro também, então é por isso que não beiro esse pessoal. Já passo direto... Nesses 06 anos que vivo na estrada,

nenhuma polícia relou a mão em mim... gosto de tomar uma pinguinha sozinho, não tem confusão nem nada!”. (S14).

“Eu fui me desencadeando com a bebida e a bebida foi me tirando da realidade, e foi me acabando, chegando nesse ponto que eu tô, muito crítico, muito ruim, inclusive eu passei a ingerir muita bebida... Cheguei a tomar 3 litros de álcool puro, e me destruíram totalmente as pernas... nunca bebi com outros trecheiros porque senão o álcool não dava e poderia sair confusão...”. (S16).

H3. Aquisição da bebida: para adquirir a bebida, a maioria dos sujeitos relata que não encontra muitas dificuldades porque ora pedem dinheiro para outras pessoas quando chegam em determinada cidade, ora compram com os eventuais trabalhos temporários na estrada. Exemplos:

“A gente faz um bico [serviço temporário] num lugar e o gato [empreiteiro] dá um dinheiro pra gente, então a gente pega e compra um litrão e carrega no trecho... quando não tem bico, às vezes tem um trecheiro que a gente encontra na estrada, chega e oferece, quer dizer cachaça nunca falta, sempre tem um jeito de tomar”. (S1).

“Arruma um dinheiro aqui, outro ali, pede pra um, pede pra outro e vai comprando pinga. Dentro de posto, eles não vende porque eles sabe que vai sair bagunça, então nós vai pra um lugar mais próximo, num bar, numa vilinha perto do posto que vende pinga. Bebida é a coisa mais fácil pra conseguir, se não tem dinheiro, aparece um que te arruma ou te paga uma no bar”. (S2).

“Não é difícil conseguir não. O difícil é a pessoa conseguir entender as coisa que recebe da mãe, isso que é difícil. No trecho pra conseguir pinga é a coisa mais fácil do mundo, a pessoa chega num lugar pede um trocado, 1 real e vai

no bar e compra. Às vezes encontra outros bebendo no trecho, te chama pra tomar junto, então é assim que acontece”. (S3)

“Às vezes é fácil! Tem uns lugar que cê chega, tem um alambique, te dá pinga, cê chega com uma garrafa de coca de 02 litros, eles enchem e te dá e é pinga forte, só de pensar já arrepio...”. (S8).

“Na cidade é mais fácil. A gente chega e pede pras pessoas uns trocadinho... tem vez que a gente tá sentado num banco, a própria pessoa passa e te joga uma moeda, aí a gente compra um litro e sai pra estrada”. (S10).

“Eu peço dinheiro e compro, compro pinga de litro, um vinho e bebo. Às vez a gente faz um bico [trabalho temporário] e já compra dois litrão pra matar a sede [risos]”. (S13).

“Olha, eu vou falar a verdade pra você: um prato de comida é difícil uma pessoa oferecer, mas bebida... sempre tem uns que oferece...Tem muitos cara que pedem dinheiro e bebe o dia inteiro. No trecho, o que mais bebe é cachaça mesmo, é mais é pinguinha mesmo”. (S14).

“É pedindo. A gente compra às vezes, aí um bebe, o outro bebe, às vezes um não tem, o outro compra e isso aí é relativo...”. (S15).

Conforme podemos verificar nos exemplos acima, o álcool parece fazer parte integral do cotidiano dos sujeitos que compõem a análise deste trabalho, seja no uso compartilhado, seja no uso individual, pois, as adversidades são tantas que sem a bebida dá a impressão que tudo se torna mais sofrível e penoso para eles, acostumados a padecer de todo tipo de miséria. Nesse contexto, o uso compartilhado do álcool parece propiciar o rompimento monótono da solidão, impulsionando o sujeito a compartilhar suas queixas e seus infortúnios com o outro na mesma

situação, possibilitando, assim, amenizar as turbulências conflituosas do passado e os sofrimentos vividos no presente.

Deste modo, o uso compartilhado do álcool parece indicar, também, uma certa organização em torno da bebida, pois, os sujeitos nos relatam que preferem fazer uso somente na presença de outros trecheiros, denotando, assim, sua precaução quanto a possíveis transtornos prejudiciais que podem acontecer para sua saúde. Nesse caso, a organização em torno da bebida tende a ser programada, pois, fazem uso do álcool somente quando encontram com os outros na estrada. Na cidade é que parecem utilizar a bebida como instrumento de contato e intercâmbio de informações, ou seja, o álcool pode funcionar nessas micro-relações sociais como uma cláusula para descobrir novas direções de rotas a percorrer em busca do trabalho escasso na contemporaneidade.

Embora vivenciem a solidão como companheira inseparável, a necessidade de beber em grupo parece fortalecer a idéia de que falar de si mesmo, compartilhar os mesmos problemas e os mesmos percalços, permite expurgar as angústias absorvidas numa realidade radicalmente filamentosa onde tudo é segmentado, volátil e se “desmancha no ar”. Nesse caso, poderíamos considerar que a bebida alcoólica e o trecheiro representam o paradigma do homem contemporâneo, sem raízes, sem convicções solidificadas no pensamento em que tudo é absorto, breve, temporário e inesperado, tal como assinala Bermam (1986), dando margem ao surgimento de uma transitoriedade pelos *não-lugares* onde a velocidade dos acontecimentos implode as certezas que um dia delinearam a estabilidade e a fixação do indivíduo (Augé, 1994).

Entretanto, como o álcool se insere neste contexto de extrema penúria? Se considerarmos que este *não-lugar* favorece o surgimento de um *individu souffreur* pelo próprio caráter de desenraizamento, o álcool pode representar a possibilidade

momentânea de refúgio do inesperado numa tentativa ilusória de reintegração da identidade, dando idéia, aqui, que estar inserido num território flutuante, propicia o sentimento de mal-estar suscitado pelos modos de subjetivação da atualidade (Ehrenberg, 1995; Birman, 2000). Assim, as necessidades de se agrupar para beber podem funcionar, nestes casos, como uma forma de deslocar-se das preocupações rotineiras de subsistência para adentrar num mundo totalmente rarefeito que possibilita a expansão de si e esvaece as impressões típicas do cotidiano, como as preocupações exacerbadas pela busca de trabalho, os filhos que ficaram para trás, a traição da mulher, etc.

Todavia, os relatos também indicaram que determinados indivíduos se recusam a compartilhar a bebida alcoólica na presença de outrem e preferem a solidão estradeira em qualquer circunstância. Essa opção por andar sozinho diz respeito, principalmente, às desconfianças geradas pela presença do outro como ameaçadora devido aos conflitos e confusões que o sujeito já experienciou em algum momento no trecho com o uso abusivo da bebida.

Impregnados da solidão e desprovidos de contatos afetivos mais amplos, estes sujeitos nos dão impressão de que, para eles, a relação humana só é possível em casos de extrema necessidade ou quando encontram alguém que julgam digno de confiança na estrada. Nesse sentido, parece que o contato com o outro, via de regra, é visto como ameaçador em função de seu sentimento de inferioridade ser nutrido por um certo caráter “persecutório” em suas vivências passadas, na qual, possivelmente, sofrera algum tipo de frustração ou desamparo doloroso como ressalta Alonso-Fernandez (1991).

Embora os dados apresentados nos relatos de nossa pesquisa não nos permitem afirmar que tamanha tragédia de persecutoriedade possa ter ocorrido com o

trecheiro, é possível pelo menos considerar que as frustrações com o mundo sedentário estão indissociavelmente presentes em sua vida. Submetido pela ditadura do asfalto onde o andar compassado desloca o sujeito para lugares e situações inesperadas e imprevisíveis, a única alternativa que lhe resta para suportar tanto sofrimento parece ser a recorrência ao álcool. O consumo de bebida parece representar, ainda, a possibilidade de refugiar-se da realidade devido a uma baixa tolerância às frustrações, potencializada, talvez, pelo desemprego prolongado e pela desqualificação de sua mão-de-obra no competitivo mundo do trabalho, conforme já salientamos em categorias anteriores.

A aquisição da bebida parece não ser o maior problema para eles, pois, a maioria pede algum dinheiro para manter consigo seu uso efetivo. Vale ressaltar aqui uma contradição encontrada nos relatos destes sujeitos que afirmaram sentirem-se envergonhados para pedir comida, o mesmo não acontecendo com a bebida alcoólica. Nesse caso, o que poderia ser especulado é que a dependência do álcool é tão grande que ela vence o constrangimento de ter que pedir, pois, parece que a bebida é mais importante que a comida e com poucas moedas, por exemplo, pode-se comprar a cachaça.

Contudo, diante de tantas adversidades, a bebida alcoólica parece ser uma das soluções possíveis que estes sujeitos encontram para reparar tanto sofrimento, “escapar” da dura realidade que os cercam e evadir suas sensações de aniquilamento frente ao mundo (Ehrenberg, 1995; Castel, 1998; Birman, 2000). O consumo abusivo dessa substância parece se inscrever nesse cenário como uma promessa de não confronto com o desamparo, principalmente quando estes sujeitos são impulsionados para a desfiliação social, ficando desprovido de qualquer referência no espaço social e psicológico. Seja como for, o fato é que as adversidades e os perigos tortuosos na

estrada não dão alternativas para os trecheiros que, mergulhados nos corredores da errância, seguem o curso da vida sem rota definida ou ponto de chegada e faz do álcool sua estratégia de sobrevivência frente às circunstâncias inusitadas que se deparam a cada momento e em cada curva na estrada.

I. PERSPECTIVAS DE VIDA

Esta categoria procurou investigar quais eram as perspectivas de vida dos sujeitos referentes a emprego, uso do álcool e contatos familiares. Apesar de todas as adversidades vivenciada no trecho, muitos se dizem esperançosos quanto a projetos futuros e fazem planos para abandonar a errância e o álcool, conforme podemos verificar nas subcategorias a seguir:

I1. Sedentarismo: os relatos parecem indicar que a maioria dos trecheiros deste estudo tem o desejo de retornar ao sedentarismo e até construir nova família, caso consigam encontrar algum tipo de emprego fixo, como ilustra os seguintes exemplos:

“Meu sonho é arrumar uma chácara porque firma não pega mais, primeiro que eu não tenho profissão, qualquer coisa assim que não exige ser nem registrado, pra ficar ali, zelar da chácara. Se isso desse certo, até penso em arrumar uma mulher pra cuidar da gente, a gente cuidar dela e ir levando a vida né?”. (S1).

“Eu queria trabalhar e comprar um caminhão, ser caminhoneiro. Isso sempre foi um sonho meu desde pequeno. Comprar um caminhão e sair aí viajando, ter uma vida melhor, mais limpa, mais tranqüila... A vida de trecho é ruim, meu. Já fui humilhado e já tá na hora de parar mesmo. Então tô pensando em sair daqui e ir pra Santos (SP) tentar arrumar um trabalho, voltar pra casa e parar com essa vida de trecho. Se eu conseguir um trabalho

pra ganhar nem que seja pouco mesmo, eu penso em parar com essa vida de trecheiro”. (S2).

“Se eu achar um arranjo de trabalho, tem que parar de andar, né? O trecho não vale à pena não... a gente tá nessa vida não é porque quer, é por causa da necessidade... qualquer pessoa do trecho se arranjar um serviço pra fazer, sai disso de andar por aí. Eu pretendo parar um dia com isso, a vida passa e a gente vê que não fez nada, né?”. (S3)

“Arrumar um serviço e parar com essa andança. Ver meus filhos, ficar perto deles... vida de trecho é uma vida vazia de tudo. Eu penso em ter um terreno, construir uns dois cômodos e pular pra dentro, sou pedreiro, quer dizer não vou gastar com mão-de-obra, né? Tô indo aí pros lado de Cachoeiro (ES) com meu amigo e tenho fé em Deus que vou sair dessa vida”. (S4).

“Arrumar um serviço, endireitar na vida, né? Limpar a vida, tomar um banho, trocar de roupa, chega uma hora que o cara não agüenta. Começar de novo, ter uma casa, família, isso é coisa melhor do mundo”. (S6).

“O principal sonho meu é ser uma pessoa normal, que nem as outras, entendeu? As pessoa lutam com a vida delas, seguem um rumo, por mais dificuldades que elas passam, elas conseguem se estabilizar... ter um trabalho, tenho muita vontade de voltar a estudar, tenho vontade de aprender informática... eu queria encontrar alguém que goste de mim como eu sou, da minha maneira de ser, não pelo que tenho e nem pela posição se um dia tiver”. (S7).

“Eu queria arrumar um lugar fixo pra mim, o que eu queria era isso daí. Trabalhar num serviço fixo, eu posso arrumar um quartinho pra mim, comprar minhas coisas de novo, fogão, bojão, construir minha vida de novo...”. (S10).

“Ah! tenho intenção de arrumar um lugar pra ficar e trabalhar, né? voltar ao que era antes, que eu gosto de trabalhar, sempre trabalhei... Toda a pessoa que tá no trecho, são trabalhador, se tiver serviço, todo mundo larga essa vida, rapaz, a melhor coisa é ter um serviço, ter seu dinheiro no final do mês, quem não quer isso?”. (S12).

“Eu tenho vontade de parar e se Deus quiser, acho que nessa mente que eu vou indo agora pro lado de Garça (SP), eu vou conseguir. Tem um senhor lá que vai dar muita força pra mim. Porque eu sou um cara assim que esforço muito no serviço, né? então as pessoas vê que a gente trabalha, né? Então, eu tenho vontade de voltar pra essa vida que eu tinha antes...”. (S14).

I2. Abandono do álcool: o desejo de abandonar o uso do álcool aparece em quase todos os relatos dos sujeitos. A asserção de abandono declarado da bebida parece estar relacionada, em alguns casos, a certas representações que o uso prolongado pode ocasionar como a morte, por exemplo. Em outros casos o abandono de álcool pode estar associado a um certo julgamento moral, conforme podemos verificar nos seguintes exemplos:

“Eu não bebo mais, já parei definitivo, não tenho vontade de beber mais nada, nem de fumar porque se eu continuar assim, eu tô morto logo, então resolvi parar e vou ver se arrumo um serviço e tocar a vida até Deus chamar, né?... À vezes a pessoa acha que a bebida é a solução de resolver problema, ela não resolve problema nenhum”. (S1).

“Pretendo parar de beber porque bebida só te leva pro buraco, acaba com sua saúde, a pessoa fica fraca, então se eu conseguir melhorar minha situação, quero parar de beber. Já faz 03 dias que não ponho nada de álcool na boca. Pra quem já ficou 03 dias pode ficar 03 anos que não vai sentir falta. Então minha meta é sair daqui sem por álcool na boca no trecho e ter uma vida mais melhor do que essa que tenho”. (S2).

“Tenho vontade de parar de beber... O álcool só mata o cara, eu tô tudo arreventado esses dias de onde eu tô vindo... bebi demais e meu estômago não tá bem”. (S5).

“Rapaz é eu mesmo parar com esse negócio de tomar pinga, andar mais arrumado, conversar com as pessoas boa, sem aquele bafo de pinga, arrumar um serviço, é isso que eu quero pra mim. Muitos fala que pára, mas não pára nada, a pessoa tem que ter opinião porque sem isso, acho que é difícil parar. Eu se te falar que vou parar, eu paro, eu sou de opinião, entendeu? O que falta pra mim é serviço, assim que arrumar um serviço, eu paro, paro mesmo!”. (S6).

“Se arrumar um serviço, eu paro com a bebida, não sou viciado, quando morava com minha mulher cheguei a ficar até dois anos sem beber”. (S11).

“Eu consigo sim, acho que consigo porque eu não sou viciado, né? O viciado é a pessoa que levanta tremendo e não pode ver pinga na frente. Enquanto não bebe não pára. Eu saí de casa da minha tia porque lá é muita pinga, muita bagunça, já mataram um homem lá, esses tempo atrás, lá vai muito peão bêbado, uns vai e leva pinga, aí já viu... então se arrumar um lugar pra trabalhar direitinho, eu penso em parar com isso [uso do álcool] porque não leva a lugar nenhum”. (S12).

“Ah!, eu consigo, viu!, é só eu crer e não beber mais, falar que de agora em diante não ponho pinga na minha boca que não ponho mesmo... Eu quero arrumar uma pessoa que não bebe, pessoa que firma porque se não, não adianta nada arrumar uma pessoa que bebe e a gente ficar discutindo aí”. (S13).

“Ah!, bicho, eu consigo, sabe por quê? É o seguinte: a gente tem de pôr na cabeça que bebida não dá futuro pra ninguém, então quer dizer, a gente coloca assim na cabeça, não precisa de remédio, não precisa nada por causa

da bebida. É o cara tiver um pouquinho de vergonha, assim, e pôr na cabeça que ele tá fazendo o mal a ele mesmo, que ele pára com isso”. (S14).

I3.Contatos filiais: após longas vivências na condição de errantes, a maioria dos sujeitos nos relata que preferem manter contatos apenas com os filhos. O contato familiar para alguns, parece significar o retorno a um passado doloroso permeados por conflitos e desentendimentos. Outros, devido à morte dos pais e sem filhos, preferem seguir suas vidas sem contatar os parentes mais próximos. Exemplos:

“Pra falar a verdade, eu não tenho vontade de manter contato com os parentes não. Quero viver minha vida assim tranqüilo, sem contato com eles. É eles lá e eu cá, cada um no seu canto e isso é melhor pra todo mundo, acho que sofri muito quando tava com eles, brigava demais... então hoje é cada um na sua”. (S1).

“Não. Só vou cuidar da minha vida agora. Não faz nem um mês que passei em Presidente Prudente (SP) e eu conversei com vários deles.... Como meu pai, minha mãe não querem saber de mim, então não quero também saber deles. Eles me sacaneram... quando entrei no trecho deixei tudo pra trás, até meu fundo de garantia e eles [pais] achavam que eu tava morto e me roubaram o que eu tinha também...”. (S3).

“A coisa que eu mais quero é ter contatos com meus filhos. Família fica no passado, não tem retorno... Agora filho é importante, rapaz! Um pai sem o filho é como um caminhão sem os pneu, fica abandonado num canto. Meus filhos é a roda da minha vida, sem eles não sei o que seria de mim”. (S4).

“Quero manter contato só com meus filhos, o resto já se foi todos, pai, mãe... então só os meus filhos que quero ter contato, a minha mulher que se dane”.(S5).

“Se arrumar serviço numa fazenda, pra mexer com madeira, a primeira coisa que vou fazer é dar um jeito de ver meus menino [filhos]... Só não tenho contato agora porque a vida aqui é difícil, cê não tem destino certo”. (S6).

“Pretendo continuar mantendo contato sim. Filhos vem em primeiro lugar, né?. Agora a mulher eu não quero ver nunca mais, só levei prejuízo com ela, então é isso aí!”. (S8).

“Eu tenho vontade de ter contato. Eu vou tirar uma colheita de café em Garça (SP) e vou pra lá, perto deles [filhos]. Só que tem uma coisa, eu jurei pra mim mesmo que não vou mexer com muié não... a gente só arruma chifre, o jeito é tocar a vida assim”. (S9).

“Vixe Maria! Eu amo meus filhos. Domingo passado mesmo eu ia ligar pra eles, Só que não deu tempo. Sempre que eu tiver vida eu vou fazer de tudo pra ficar perto deles... Meus pais já morreu tudo... só tenho uma irmã viva e eu não quero saber deles não”. (S10).

“Não sei, acho que não! Já faz mais de 20 anos que não vejo eles [pais], nem sei se tá vivo, ou morto. Acho que não vou ver eles de novo não, quando tava com eles era barra agüentar enjoamento de pai, briga com minha mãe, então eu sinto saudade deste tempo não”. (S13).

“Os meus pais já morreram, só me resta meus dois filhos e... sempre a gente tem contato”. (S14).

“Só com minha filha. Minha filha mora agora com minha irmã. Mas eu ligo pra casa, eu estive lá antes do Natal”. (S15).

As perspectivas de vida apresentadas pelos trecheiros neste último tópico de análise parecem demonstrar claramente os significados da errância e do trecho na contemporaneidade. Podemos constatar, nesta categoria, que a maior parte dos

sujeitos parecem não aceitar sua atual condição de vida e traçam planos soltos e inconsistentes para escapar das peripécias da estrada. O sonho de retornar ao sedentarismo, abandonar o uso do álcool e reatar os laços com os filhos parecem estar fortemente adentradas em sua personalidade, apesar de todas as frustrações sofridas no âmbito familiar - desentendimento com o pai, irmãos e a infidelidade da mulher.

A vida sedentária é percebida pela maioria como uma vida ainda possível desde que consideradas todas estas ponderações referentes ao espaço microssocial vivido antes do processo de desfiliação. Podemos observar, também, que nas narrativas relacionadas ao sedentarismo, o trabalho ainda representa o principal obstáculo a ser transposto, pois, é a partir dele que o sujeito constrói sua identidade e se projeta para o mundo. Entretanto, a realidade à qual estão inseridos parece não condizer com tamanha idealização já que pela própria condição atual do mundo globalizado, exigindo um sujeito cada vez mais autônomo, independente, flexível e dono-de-si, as atividades de trabalho desenvolvidas por eles não correspondem com as expectativas e exigências do mercado, nem com as flutuações da demanda. Nesse sentido, parece que o desejo de retornar ao sedentarismo pode ser apenas uma forma que o sujeito encontra para atenuar os emaranhamentos da vida, se não por uma forma efetiva e ininterrupta, pelo menos nos curtos espaços de tempo quando utilizam a bebida alcoólica ou nas eventuais conversas estabelecidas na estrada ou, ainda, quando nos concediam as próprias entrevistas.

Deste modo, a busca irrefreável pelo trabalho pouco a pouco vai perdendo força e, à medida que passam os anos, parece condicionar o trecheiro a fantasiar apenas as possibilidades de sair dessa condição, sem, no entanto, criar alternativas concretas de efetivá-las, fazendo-nos lembrar do *mito de Sísifo* rolando uma enorme

pedra montanha acima que sempre volta a descer encosta abaixo no momento de atingir o cume porque é impossível encaixá-la num lugar fixo, estável e seguro. Assim, o trecheiro, diferentemente do andarilho de estrada que rompeu radicalmente com os nichos de fixação social, parece manter um certo resquício de seu passado e que incide sobre seu senso de direcionalidade no presente, no sentido de encontrar estratégias para resgatar a vida de antes em detrimento da atual.

Entretanto, mesmo considerando este desejo de ultrapassar a própria condição dada de sua existência, os relatos parecem indicar uma certa dispersão nas informações, pois, embora esboçam planos rudimentares para sair da errância, como por exemplo, “(...) *zelar de uma chácara...*”, “(...) *trabalhar e comprar caminhão...*”, “(...) *arrumar serviço, endireitar na vida...*”, etc., a estratégia para se alcançar tal finalidade não é apresentada com clareza no interior das narrativas. Assim, os relatos emitidos por eles parecem nos dar a impressão que o passado e o futuro se aniquilam no presente constituído por uma força centrífuga, imponderável e abrupta que rompe com a idéia de continuidade, tornando as coisas menos precisas em sentido e direção. Snow e Anderson (1998) nos dão uma clara explicação sobre a temporalidade nestes sujeitos ao assinalarem que:

Da mesma maneira que o passado e o presente se tornam desvinculados, também a relação do presente com o futuro perde a continuidade e clareza. Há um desejo, por outro lado, de atar o futuro ao passado através da fuga da vida na rua. Por outro lado, modos planejados de sair da rua tendem a ser cada vez menos claros, e há uma tendência a se cair num estado de lassidão, deixando os dias passarem sem se tomar qualquer atitude. (p. 94).

Deste modo, poderíamos conjecturar que a errância representa o paradoxo radical da contemporaneidade, pois, se considerarmos que os modos de ser do homem atual são pautados nos valores da cultura do narcisismo que elege a performance do eu na teatralidade do mundo, nada resta para o trecheiro a não ser sua própria individualidade negativa despojada de vínculos e acesso às redes de sociabilidade. Portanto, como pensar em estratégias efetivas de sair dessa condição extremada e radical de adversidades para uma vida pautada nos valores da performance, sendo que o sujeito não dispõe de recursos mínimos para competir, em termos de igualdade, com as pessoas mais capacitadas?

Nessas circunstâncias, há muito pouco a ser feito para o sujeito ascender seus projetos futuros, pois, a realidade que despreza e banaliza os fracassados, se apresenta como hostil para suas intenções sedentárias, abalizando, assim, os meios de pertencimento de cada um na crosta social. É nesse sentido que a errância rompe com a idéia de espaço e tempo cronológicos e introduz uma realidade imprevisível onde não existem ancoragens, condensações e muito menos certezas, impossibilitando, assim, o trecheiro de concretizar suas idealizações já que o passado e o futuro se aniquilam no presente devido às condições dadas na atualidade. Portanto, o tempo errático é o tempo da incerteza e de contingência acentuada em que o presente prevalece sobre o passado e o futuro, eliminando, assim, quaisquer perspectivas de assentamentos sócio-geográficos para o sujeito e tornando suas manobras cotidianas desprendidas das condições típicas que molduram o mundo contemporâneo.

Quanto ao abandono do uso do álcool, poderíamos considerar as mesmas colocações apresentadas acima como maneira de confirmar a questão da temporalidade na errância. Alonso-Fernandez (1991) é quem nos indica como a

bebida alcoólica aniquila as imagens de passado e futuro no presente anônimo e passivo do sujeito. Segundo o autor, o sujeito que se encontra imerso no uso do álcool parece estar ligado a um presente desolador em função do passado ser demasiadamente sombrio e por não dispor de aspirações realizáveis para dirigir-se ao futuro e criar o porvir próprio. Nesse caso,

Seu passado exala solidão afetiva, frustrações, desenganos e fracassos. Por isso, o alcoolmano foge das experiências passadas e não está disposto a assumi-las... Em consequência, o futuro deixa de interessar-lhe quando não existe, ao mesmo tempo, desejo de outra coisa e a consciência da possibilidade de realizá-lo... Não se trata do autêntico presente produto de minha decisão de fazer-me presente... mas em sua subordinação a ação subjugadora da situação presente (Alonso-Fernandez, 1991; p. 24-26).

Deste modo, apesar de o sujeito manifestar interesse em abandonar o consumo de álcool, os relatos não parecem apresentar de maneira clara e concisa como efetivar essa finalidade, protelando tal meta somente quando encontrarem trabalho fixo para se estabilizarem e (re)criarem raízes. Nesse caso, a fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação, assim como possível frustração das aspirações intelectuais como assinalam Van Kolck et al. (1991), pois, situados nessa condição de extrema precariedade sócio-econômica e afetiva e não dispondo de recursos pessoais para transpor os obstáculos da vida, o sujeito se entrega ao presente como se o futuro fosse algo impossível para a concretização de seus ideais, ou seja, mesmo que eles desejem modificá-lo, *hic et nunc*, estão convencidos que este desejo

é irrealizável porque o amanhã lhes reserva pouco que seja diferente de hoje (Alonso-Fernandez, 1991; Snow & Anderson, 1998).

No que se refere aos contatos filiais, a maioria dos relatos parecem indicar que, devido aos infortúnios colhidos ao longo da vida e as experiências dolorosas que viveram, nenhum trecheiro pretende se reaproximar dos familiares, salvo as exceções concedidas aos filhos. Nos demais aspectos, contatos familiares estão descartados pela maioria e isso se deve, talvez, pelo fato destes sujeitos verem seus familiares mais como um fardo do que como fonte de auxílio e apoio.

Seja como for, o que parece inquietar mais estes sujeitos é a preocupação com os filhos deixados para trás, frutos de casamentos naufragados pela imposição impiedosa do capitalismo, da globalização e do individualismo sem fronteiras. Nessas condições, os filhos parecem exercer aqui, uma dupla função na vida destes indivíduos: funcionam como um elemento capaz de empurrá-lo para enfrentar as adversidades na estrada e pode servir, também, como um lenitivo capaz de fixar suas fantasias cindidas pela provisoriedade, incerteza, escassez e insegurança aprofundadas em sua condição de vida.

Portanto, ao trecheiro nada resta a não ser equilibrar-se nas tênues e escassas oportunidades que eventualmente cruzam sua trajetória num dilema que não escolheram. Nossas observações indicam que o mundo social dos errantes se constitui por um tempo e espaço permeados por um senso de onipresença e incerteza onde não há garantias de que o que facilitou sua sobrevivência hoje, funcionará amanhã. Mas, em meio às incertezas que hoje são tão numerosas, pelo menos uma coisa é clara: “(...) seu corpo é seu único bem e seu único vínculo, que ele trabalha, faz gozar e destrói numa explosão de individualismo absoluto” (Castel, 1998; p. 603).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A errância na contemporaneidade configura-se como um fenômeno complexo que perpassa pelo plano social, político, econômico, cultural e também pelo psicológico. A globalização, a flexibilização do trabalho, a informatização e automação da produção, a substituição da sociedade industrial pela de serviços e a virtualização da realidade; o individualismo e o narcisismo, como cerne do sujeito da atualidade; a valorização do movimento, do ritmo acelerado da vida e da expansão do espaço habitado; podem ser tomados como condições da contemporaneidade que favorecem a ruptura com a vida sedentária e sua substituição por uma vida mais nômade.

Impossibilitado de pertencer a essa ordem social na qual predomina a cultura do narcisismo, onde o indivíduo se apresenta como um ser dono-se-si e responsável por suas conquistas e fracassos pessoais, o trecheiro é enquadrado como um ser absolutamente desfilado que só pertence a si mesmo por não se inserir em coletivo algum. Permeados por conflitos de toda natureza, seja no núcleo familiar, seja nas relações sociais, a errância parece representar a última alternativa que lhes resta para não sucumbir num sedentarismo que os aprisiona à miséria, à exploração extrema, à dominação absoluta, à frustração e ao sofrimento.

O espaço social contemporâneo se apresenta como um lugar completamente rarefeito em que a abreviação dos relacionamentos, a flutuação da identidade, as incertezas e a provisoriedade não permitem ao sujeito traçar planos futuros em relação ao sentido e direcionalidade de sua vida. O indivíduo é impulsionado a por-se em movimento, a competir com os outros em condições de desigualdade, deslocando

a noção de desejo como construção histórica de si frente à realidade para uma relação pautada, exclusivamente, na imagem e encenação de si como meios de obtenção de reconhecimento e poder. Ou seja, na exaltação de uma *mise-en-scène* individual, o desejo não é mais expressão da presença do sujeito na relação com o outro e sim uma construção política onde o que importa é a estetização do eu.

Deste modo, podemos conjecturar a existência de uma estreita vinculação entre a cultura do narcisismo e a errância, pois, ambas apresentam a individualidade como marca registrada do sujeito no mundo. No caso da *cultura do narcisismo*, trata-se de uma *individualidade positiva* porque o sujeito se apresenta como um ser absolutamente vitorioso no espaço social onde os apetrechos e as insígnias dão *status* e garantias sociais. No caso da *errância*, trata-se de uma *individualidade negativa* porque o sujeito se apresenta como um ser completamente despossuído de bens que lhe assegurem um mínimo de pertencimento a uma coletividade social. Em ambos os casos, é imputado ao sujeito a responsabilidade por sua condição *strictu senso*, seja ela apresentada como reflexo das desigualdades sociais ou como consequência do fracasso de inserção no espaço comandado pela economia global.

Os resultados da presente pesquisa nos permitem concluir que a falta de um trabalho fixo e a pobreza são acontecimentos centrais na desmantelamento do espaço social sedentário e na impulsão para a errância. A busca pelo trabalho parece representar para os trecheiros a única alternativa de (re)conquistarem sua cidadania, serem reconhecidos como trabalhadores e se desfazerem da condição de errantes. A experiência da mendicância, em casos extremos, é percebida por eles como um ato extremamente humilhante que desonra sua reputação de trabalhador desempregado.

O sentimento de desonra e inferioridade nos trecheiros é potencializado pela cultura da masculinidade onde os valores da tradição machista atribuem os fracassos do sujeito à sua falta de força, coragem e determinação para vencer as dificuldades e desafios, impondo-lhe, ainda, o apodo de “vagabundo” e o sentimento de pudor e vergonha na sua submissão à ajuda filantrópica.

O uso abusivo de bebidas alcoólicas aparece na história de vida dos trecheiros ligado à demonstração de virilidade e como um sedativo para o sofrimento psíquico, associado, em grande parte, à miséria. No trecho, os motivos para o uso do álcool são atribuídos pelos próprios sujeitos à necessidade de esquecer problemas do passado (principalmente, problemas afetivos que inclui a infidelidade da mulher na relação conjugal) e conquistar maior encorajamento diante das condições precárias e adversas em que vivem. O passado de sucesso que a maioria dos sujeitos traz enxertado em registros mnêmicos de conquistas e posses anteriores como, por exemplo, emprego, habitação e família, parecem ser um peso insuportável a carregar no presente, instigando o consumo do álcool como um mecanismo de defesa e fuga frente às frustrações da realidade vividas no presente.

A importância conferida à mulher na vida do sujeito parece elevá-la à condição de símbolo maior ou condensação de sua tragédia psicossocial. A traição da mulher aparece nas entrevistas como um dos principais acontecimentos ocorridos na vida do sujeito, dando a impressão de ter sido o episódio mais importante do que outros também associados à sua desfiliação como a pobreza, o desemprego e a ausência de moradia. Tais achados corroboram a tese de que a mulher ocupa o lugar

central da onipotência na vida do sujeito, pois, é ela a principal fonte que detém e submete o indivíduo aos seus caprichos (Melman, 1992).

O conjunto dos resultados dessa pesquisa, permite considerar que existe uma interligação entre o desemprego, a falta de apoio familiar, a infidelidade, o uso de álcool e a vida errante. Muitos dos trecheiros estão nessa condição de vida porque não têm nenhuma rede de apoio familiar viável a qual recorrer quando são vitimados por algum infortúnio, como falta de emprego potencializada pela desqualificação profissional no requintado especialismo e produtivismo do mercado de trabalho. O uso de bebidas alcoólicas aparece, nesse cenário, como uma maneira de apaziguar os conflitos decorrentes das frustrações e sofrimentos aos quais estão submetidos.

Quanto às perspectivas de vida, a maioria parece idealizar o retorno ao sedentarismo, o abandono do álcool e o reatamento de alguns laços que ainda lhes são caros, como os filhos, mesmo não visualizando claramente as estratégias para se alcançar tais miragens. Em função de repetidas tentativas frustradas de (re)ingresso no espaço social sedentário, estes sujeitos parecem viver estagnados no presente anônimo na qual o passado e o futuro são esvaecidos pela própria pujança da efemeridade que modela e condiciona o mundo contemporâneo. Vivem o não-lugar, o trânsito ou espaços completamente voláteis, flutuantes, imprevisíveis e desenraizados, inviabilizando, portanto, qualquer projeto ou planejamento de um rumo a ser seguido na vida.

Enfim, impedido e impossibilitado de arcar com o ônus de uma vida sedentária e com as filiações que assegurem possibilidades de espetacularizações narcísicas de seu “eu”, resta ao trecheiro a vivência do narcisismo negativo da errância. O uso abusivo de bebidas alcoólicas parece ser o principal aliado na

construção dessa tecnologia de si que garante a própria sobrevivência através de um estilo de vida altamente dispersivo, mediado pelo desenraizamento sócio-geográfico que delineia o mundo contemporâneo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO-FERNÁNDEZ, F., A personalidade prealcoólica. **Temas**, São Paulo, v. 21, n. 40/41, p. 19-30, 1991.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTOLETE, J. M. Alcoolismo: doença, vício ou....? **Temas**, São Paulo, v. 21, n. 40/41, p. 19-30, 1991.

_____. Conceito em alcoolismo. In: RAMOS, S. P.; BERTOLETE, J. M. (Orgs). **Alcoolismo Hoje**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a, p. 17-31.

_____. Problemas sociais relacionados ao consumo de álcool. In: RAMOS, S. P.; BERTOLETE, J. M. (Orgs). **Alcoolismo Hoje**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b, p. 131-138.

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, M. C. **Caracterização de um grupo de alcoólicos na área da mendicância**. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1977 (dissertação de mestrado).

BUCHER, R., **A droga à luz da razão**. São Paulo: Conselho Estadual de Entorpecentes, 1993. Mimeografado.

CALLIGARIS, C. A psicanálise e o sujeito colonial. In: SOUZA, E. L. A. (Org.). **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 1999, p. 11-23.

CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação. In: LANCETTI, A. (Org.). **Saúdeloucura 4**. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 21-48.

_____. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, H. M.; SILVA FILHO, W. M., Avaliação do programa de atenção ao alcoolista no município de Carapicuíba. **Temas**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 141-75, 1993.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CLONINGER, C. R. The Swedish studies of the adopted children of alcoholics. **Journal of studies on alcohol**, San Diego, v. 49, n. 6, p. 500-509, 1988.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Mobilis in Móbile, 1991.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EHRENBERG, A. **Le culte de la performance**. Paris: Calmann-Lèvy, 1991.

_____. **L'individu incertain**. Paris: Calmann-Lèvy, 1995.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOODWIN, D. W. Alcoholism and heredity. **Archives of General Psychiatry**. Chicago, V. 36, p. 57-61, 1979.

JACQUES, M. G. C. (1998). Identidade e trabalho: uma associação indispensável. In: TAMAYO, A.; ANDRADE, J. E. B.; W. CODO (Orgs.). **Trabalho, organização e cultura**. São Paulo: Cooperativa de autores associados, 1998, p. 41-47.

JORGE, M. R. & FERRAZ, M. P. T., A percepção do alcoólatra do que o leva ao alcoolismo e à internação. **Boletim de Psiquiatria**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 132-37, 1981.

JUSTO, J. S. Errâncias e Errantes: um estudo sobre os andarilhos de estrada. In: JUSTO, J. S.; SAGAWA, R. Y. (Orgs.). **Rumos do saber psicológico**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 125-139.

_____. Saúde mental em trânsito: Loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea. In: BOARINI, M. L. (Org.). **Desafios na atenção à saúde mental**. Maringá, PR: Eduem, 2000, p. 09-29.

_____. **Errância e errantes na sociedade contemporânea: um estudo com andarilhos de estrada**. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, S. P., 2002. Mimeografado.

JUSTO, J. S. & PERES, R. S. Andarilhos de estrada: a vivência do provisório como modo de existência. **Revista de Iniciação Científica da Unesp**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000, p. 431-439.

KALINA, E. & KOVADLOFF, S. As ciladas das cidades e as drogas. In: KALINA, E. (Org.). **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 85-125.

KOLCK, O. L. V.; TOSI, S. M. D. V.; PELLEGRINI, T. F. Auto-imagem em alcoólicos crônicos. **Temas**, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 374 - 82, 1991.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIMA, M. S. , Epidemiologia do alcoolismo. In: RAMOS, S. P.; BERTOLETE, J. M. (Orgs). **Alcoolismo Hoje**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1997, p. 45-64.

LOPES, R. T. , Comportamento do alcoólatra. In: MOUTINHO, S. S. (Org.). **Temas de alcoolismo**, São Paulo, Manole, 1976, p. 23-32.

LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1989.

MASUR, J., Abordagem biológica, psicológica e social do alcoolismo. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 686-96, 1978.

MELMAN, C. **Alcoolismo, delinquência e toxicomania: uma outra forma de gozar**, São Paulo, Escuta, 1992.

_____. Alcoolismo e toxicomania: uma abordagem psicanalítica. In: **Temas**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 41-9, 1993.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 1996.

NASCIMENTO, E. C.; JUSTO, J. S. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n. 3, p. 529-538, 2000.

NASCIMENTO, E. C. Debate sobre artigo – Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? - de Delma Pessanha Neves. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 01, p. 20-21, 2004.

_____. Pós-modernidade: um estudo sobre os espaços do sujeito, a errância e suas relações com o social. **Psico**, v. 34, n. 01, p. 109-121, 2003.

NEVES, D. P. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 01, p. 07-14, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Classificação Internacional de Doenças (10ª Revisão)**. São Paulo: Edusp, 1994.

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 67-86.

PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: Edusp, 1999.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

SHUCKIT, M. A. Subjectives responses to alcohol in sons of alcoholics and control subjects. **Archieves of General Psychiatry**, Chicago, v. 41, p. 879-1049, 1984.

SHUCKIT, M. A. The clinical implications of primary diagnostic groups among alcoholics. **Archives of General Psychiatry**, Chicago, v. 42, p. 1043-1049, 1985.

_____. A clinical model of genetic influences in alcohol dependence. **American Journal of Psychiatry**, Chicago, v. 128, p. 1132-1136, 1994.

SINGER, P. (1999). **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1999.

SNOW, D. & ANDERSON, L. **Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SNYDER, C. Ebriedad, alcoholismo y anomie. In: CLINARD, M.B (Org.). **Anomia y conducta desviada**. Buenos Aires, Paidós, 1954, p. 197-208.

SONENREICH, C., **Contribuição para o estudo da etiologia do alcoolismo**. São Paulo, Empr. Graf. Rev. Tribunais, 1971 (tese de doutorado).

TOLEDO, M. Agrishow recebe 155 mil e supera as expectativas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 mai. 2004. Dinheiro, p. B10.

VAILLANT, G.E. **A história natural do alcoolismo revisitada**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZUCKER, R. A. & GROMBERG, E. S. C. Etiology of alcoholism reconsidered: the case for a biopsychosocial process. **American Psychology**, Washington, DC, v. 41, p. 783-793, 1986.

Anexo A - Roteiro de Entrevista

DADOS PESSOAIS

- Idade:
- Escolaridade:
- Data da entrevista:

MÓDULO I: História de Vida

- onde nasceu;
- quais as cidades que residiu ao longo de toda vida;
- como foi a vida na infância e adolescência;
- como se constituem os relacionamentos e vínculos familiares.

MÓDULO II: Rupturas de Vida

- tempo no *trecho**;
- como ocorreu a passagem da vida sedentária para a vida errante;
- quais os motivos e as condições que favoreceram a desfiliação e a escolha da vida errante;
- os sentidos de vida atribuídos por eles nessa trajetória errante (vida antes e depois do trecho);
- quais as atividades profissionais exercidas antes do processo de desfiliação;
- os principais acontecimentos vivenciados no trecho (eventos marcantes);

MÓDULO III: Uso do Álcool

- qual a idade que começou a fazer uso da bebida;
- como foi o primeiro contato com o álcool;
- quais as influências para o uso da bebida;
- os motivos que o levaram a fazer uso do álcool no trecho;
- como consegue a bebida no trecho;
- em que condições e como utiliza a bebida no trecho.

MÓDULO IV: Perspectivas de Vida

- em relação a emprego e estabilidade sócio-afetiva;
- em relação ao uso do álcool;
- em relação à vida errante.
- vínculos familiares.

* *Trecho* é o termo utilizado pelos andarilhos e errantes e se refere às malhas rodoviárias do país.

Anexo B-Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Famema.



FACULDADE DE MEDICINA DE MARÍLIA
Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo
Seres Humanos

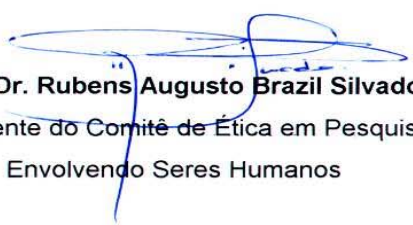
Marília, 11 de Fevereiro de 2003.

Ilmo Sr.
Eurípedes Costa do Nascimento
Marília/SP.

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Marília, analisou o protocolo de estudo nº 350/02, intitulado: "Errâncias e Errantes: um estudo sobre os espaços do sujeito e o uso de bebidas alcoólicas na pós-modernidade", considerou **APROVADO**, de acordo com as Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, podendo ser iniciado.

Sendo só para o momento, reiteramos protestos de consideração e apreço.

Atenciosamente.



Prof. Dr. Rubens Augusto Brazil Silvado
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos